

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS

DEPARTAMENTO DE DIREITO

MATEUS VIEIRA DA ROSA

**IDENTIDADE, SIGNIFICADO E IMAGEM DO DESVIO: UMA (RE)LEITURA DO
FENÔMENO DAS TORCIDAS ORGANIZADAS A PARTIR DA CRIMINOLOGIA
CULTURAL**

Florianópolis

2015

MATEUS VIEIRA DA ROSA

**IDENTIDADE, SIGNIFICADO E IMAGEM DO DESVIO: UMA (RE)LEITURA DO
FENÔMENO DAS TORCIDAS ORGANIZADAS A PARTIR DA CRIMINOLOGIA
CULTURAL**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro
de Ciências Jurídicas da Universidade Federal de Santa
Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de
Bacharel em Direito.**

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Morais da Rosa

Florianópolis

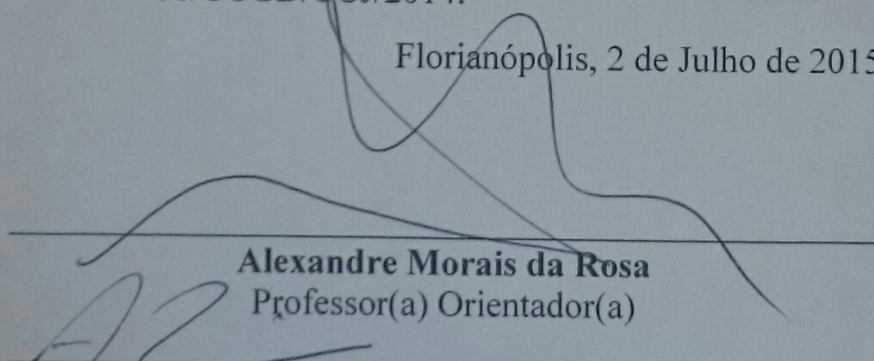
2015



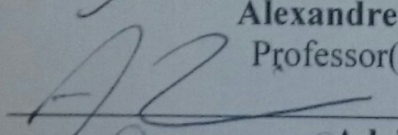
Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências Jurídicas
DEPARTAMENTO DE DIREITO
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM DIREITO
TERMO DE APROVAÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado "**Identidade, significado e imagem do desvio: Uma (re)leitura do fenômeno das torcidas organizadas a partir da criminologia cultural.**", elaborado pelo(a) acadêmico(a) **Mateus Vieira da Rosa**, defendido em **02/07/2015** e aprovado pela Banca Examinadora composta pelos membros abaixo assinados, obteve aprovação com nota 10 (dez), cumprindo o requisito legal previsto no art. 10 da Resolução nº 09/2004/CES/CNE, regulamentado pela Universidade Federal de Santa Catarina, através da Resolução nº 01/CCGD/GCJ/2014.

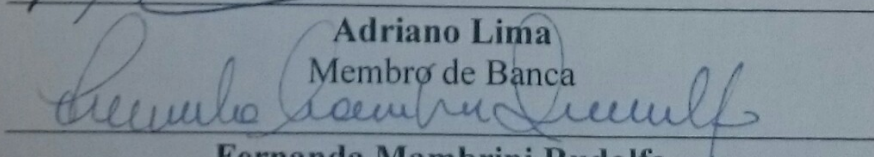
Florianópolis, 2 de Julho de 2015



Alexandre Moraes da Rosa
Professor(a) Orientador(a)



Adriano Lima
Membro de Banca



Fernanda Mambrini Rudolfo
Membro de Banca



Universidade Federal de Santa Catarina

Centro de Ciências Jurídicas

COORDENADORIA DO CURSO DE DIREITO

TERMO DE RESPONSABILIDADE PELO INEDITISMO DO TCC E
ORIENTAÇÃO IDEOLÓGICA

Aluno(a): **Mateus Vieira da Rosa**

RG:

CPF:

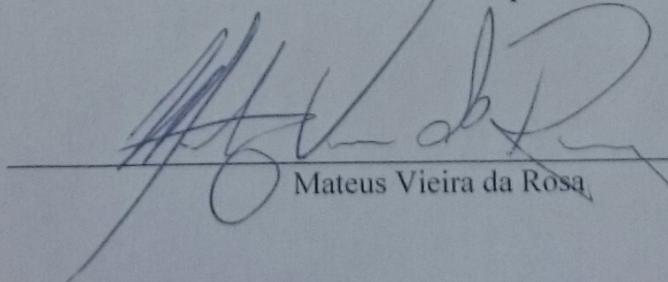
Matrícula: **10101340**

Título do TCC: **Identidade, significado e imagem do desvio: Uma (re)leitura do fenômeno das torcidas organizadas a partir da criminologia cultural.**

Orientador(a): **Alexandre Moraes da Rosa**

Eu, **Mateus Vieira da Rosa**, acima qualificado(a); venho, pelo presente termo, assumir integral responsabilidade pela originalidade e conteúdo ideológico apresentado no TCC de minha autoria, acima referido

Florianópolis, 2 de Julho de 2015



Mateus Vieira da Rosa

AGRADECIMENTOS

À minha família, alicerce necessário nos momentos de dificuldade. À meu pai, Ademir Borges da Rosa, que me ensinou tudo que sou e me apresentou a uma paixão de minha vida: o Avaí Futebol Clube. À minha mãe, Eliete Vieira da Rosa, por todo amor, carinho e devoção; vínculo que transcende qualquer possibilidade de definição. À minha irmã, Natália Vieira da Rosa, por me suportar, sei que não é fácil; a vida com você é mais alegre.

Ao meu orientador, Dr. Alexandre Moraes da Rosa, pelo incentivo e introdução à criminologia cultural, exemplo seja na academia como na atividade jurisdicional.

Ao amigo Guilherme Michelotto Böes, co-orientador *honoris causa*, pela solicitude e estímulo de meus devaneios.

Aos amigos Pedro Francismo Mosimann da Silva, Guilherme de Mello Rossini, Rafael Bertoldi Pescador, João Henrique Krauspenhar e Guilherme Trevisan Locatelli, com os quais compartilhei momentos singulares, vividos no Curso de Direito da Universidade Federal de Santa Catarina.

À Sara Rohling Vieira, companheira de vida, por tudo. Você é o início e o fim; amor genuíno na mais pura acepção do sentimento.

RESUMO

Esta pesquisa se propõe a analisar o fenômeno das torcidas organizadas no contexto social brasileiro, assim como o envolvimento de tais grupos em episódios de violência e a resposta social, das autoridades públicas de do corpo midiático a tais eventos na construção de uma política de segurança pública. Para tanto, será utilizada uma abordagem a partir do paradigma da criminologia cultural. Esta se notabiliza pela presença de relevante dimensão cultural na observação do crime e seu controle. Desenvolve-se no contexto da modernidade recente, marcada pela fragmentação social e um contínuo processo de exclusão, os quais originam um profundo sentimento de insegurança ontológica. O crime é observado em sua fenomenologia, com a compreensão das sensações e emoções que fazem a experiência criminosa tão atrativa a seus praticantes. Do mesmo modo, a criminologia cultural trabalha a categoria do *edgework*, como meio de transcendência, e verifica a presença de uma situação paradigmática de tédio na estrutura das sociedades contemporâneas. Essa vertente criminológica, outrossim, procura problematizar a representação do crime pela mídia, com a consequente formação de *loops* e espirais de significados. No que concerne especificamente às torcidas organizadas, estas se consolidam como agrupamentos de torcedores sobretudo a partir da década de 1970, nelas estão presentes um forte senso de burocratização, distribuição bem delimitada de atribuições, assunção de uma complexa simbologia e o intuito de formação de um estilo de vida próprio. Fazendo uso dos conceitos trazidos pela criminologia cultural, e tomando em conta a complexa realidade das torcidas, é possível a identificação de uma causalidade nos atos de violência a partir dois caminhos. No primeiro, a violência pode ser interpretada pelo prazer e excitação que gera nos indivíduos que a vivenciam. Nesse caso, a participação em eventos violentos se daria por uma tentativa de busca do limite e resistência a um tédio onipresente. Paralelamente, não obstante, a violência também pode ser visualizada como ato comunicativo, de modo que sua execução estaria ligada a uma imposição física e simbólica de dominação por torcedores-organizados visando um reforço da identidade coletiva. Nesse sentido, a constatação de um grande número de casos de violência envolvendo confrontos entre torcidas organizadas, e que geram acentuada quantidade de mortes, acarreta em intensa reação por parte da mídia, gerando um pânico moral, e que se perfectibiliza em um processo de marginalização do grupo desviante. Como resposta a essa ameaça à sociedade, uma política repressora é posta em prática, mas que culmina por agravar a situação, em uma espécie de espiral de amplificação do desvio. É necessário, portanto, a superação desse modelo repressivo e adoção de práticas de resolução pacífica de conflitos.

Palavras-Chave: Violência. Futebol. Torcidas Organizadas. Criminologia Cultural.

ABSTRACT

This research aims to analyze the phenomenon of the “organized groups of football fans” in the Brazilian social context as well as the involvement of such groups in episodes of violence and the response from society, public authorities of the media to such events in making a public security policy. And to do so, an approach from the paradigm of cultural criminology will be used. This field is noted by the presence of a significant cultural dimension in observation of crime and its control. It is developed in the context of late modernity, marked by social fragmentation and a continuous process of exclusion, which originate a deep sense of ontological insecurity. Crime is seen in its phenomenology, with the understanding of the feelings and emotions that make criminal experience so attractive to criminals. Likewise, cultural criminology studies the edgework category as a mean of transcendence, and observes the presence of a paradigmatic situation of boredom in the structure of contemporary societies. This criminological field, furthermore, aims to discuss the representation of crime by the media, with the consequent formation of loops and spirals of meaning. Regarding the “organized groups of football fans”, these are consolidated as fans groupings since the 1970s, are present in them a strong sense of bureaucratization, well-defined distribution of duties, assumption of a complex symbology and the formation of an own lifestyle. Using some concepts brought by cultural criminology, and taking into account the complex reality of the “organized groups of football fans”, it is possible to identify a sort of causality in acts of violence from two paths. At first, the violence can be interpreted for the pleasure and excitement that it generates on the individuals who experience it. In this case, a participation in violent events would take place by the chase of limit and resistance to a ubiquitous boredom. At the same time, however, violence can also be viewed as a communicative act so that its execution would be linked to a physical and symbolic imposition of domination by “organized-fans” aimed at strengthening the collective identity. In this sense, the acknowledgement of a large number of cases of violence involving brawls between “organized groups of football fans”, that generates strong amount of deaths, brings an intense reaction from the media, creating a moral panic, and that is materialized in a process of marginalizing the deviant group. In response to this threat to society, a repressive policy is put into practice, but that ends up aggravating the situation in a deviation amplification spiral. It is therefore necessary to overcome this repressive model and adoption of practices of peaceful conflict resolution.

Keywords: Violence. Football. “Organized groups of football fans”. Cultural Criminology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. REFERENCIAIS TEÓRICOS DA CRIMINOLOGIA CULTURAL.....	10
1.1 Complexidade, modernidade recente e capitalismo subjacentes à formação da identidade cultural	10
1.2 A dinâmica do crime: sentimentos e emoções em primeiro plano	18
1.3 A mídia e o crime: um fluxo contínuo de imagens e significados	28
1.4 Pesquisas recentes no campo da criminologia cultural	37
2. AS TORCIDAS ORGANIZADAS DE FUTEBOL	42
2.1 A complexidade do futebol: as múltiplas faces do torcer e a peculiar condição do torcedor	42
2.2 Dos torcedores-símbolos às torcidas organizadas de futebol: mutações do ato de torcer	49
2.3 O fenômeno das torcidas organizadas brasileiras.....	57
2.4 Torcidas organizadas, hooliganismo, <i>ultras</i> e barras bravas: uma comparação possível?	68
3. AS TORCIDAS ORGANIZADAS E A VIOLÊNCIA NO FUTEBOL BRASILEIRO.....	75
3.1 O doce canto da batalha: violência no limite e a fuga do tédio	77
3.2 Violência para além do lado físico: descobrindo a espiral de significados	87
3.3 De uma política repressora à promoção de uma relação de respeito mútuo entre torcidas organizadas: exorcizando os demônios sociais	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	115

INTRODUÇÃO

O futebol, desde seus primórdios, atrai multidões. Desde sua concepção moderna, que historicamente se identifica em meados do século XIX na Inglaterra, o esporte britânico angaria um número muito grande de seguidores. Estes, passam a aderir, com viés de exclusividade, um time para terem como seus.

No Brasil, o futebol, lendariamente introduzido por Charles Miller, passa a ganhar repercussão no início do século XX, mas de uma forma restrita às grandes metrópoles do país. A prática que, de início era compartilhada com ares de exclusividade pela burguesia da época, paulatinamente é introduzida nas periferias, ganhando dimensão popular. Era o chamado *pequeno futebol*, o futebol de várzea. Em paralelo, diversos clubes recreativos das cidades metropolitanas de então incorporam a modalidade e tratam de organizar partidas com agremiações vizinhas como forma de espetáculo para seu quadro social. Não obstante inicialmente a promoção do jogo de bola estivesse atrelada aos sócios de clubes, com a rápida popularização do esporte se vislumbrou uma interessante oportunidade, a partir da cobrança de entradas para as partidas, de alavancar as receitas dos clubes. O público dos eventos, a partir daí, amplia-se consideravelmente. De uma composição heterogênea, faziam-se presentes das abastadas famílias tradicionais ao mais simples dos indivíduos. Particularidade presente nesse período embrionário do futebol era o comparecimento massivo de um público feminino. Esposas e filhas dos sócios dos clubes – naquela época não era permitida a associação de mulheres – levavam seus lenços e os *torciam* desesperadamente em momentos dramáticos dos jogos. Tal comportamento passional e bem demarcado nas arquibancadas acabou por nominalizar a plêiade de indivíduos que participavam desses eventos: eram os torcedores.

A relação de um torcedor com um clube não se restringe ao entretenimento proporcionado pelo jogo de futebol. Cria-se um vínculo indissociável, faz parte da vida do indivíduo, do seu cotidiano, da forma como se autodetermina. Curioso observar que quando se pergunta a alguém o time pelo qual torce, a resposta invariável é: eu sou... De fato, o time escolhido faz parte da identidade do torcedor, é uma das muitas versões do ego.

O fanatismo que um clube desperta também está associado à formação de grupos de torcedores. No Brasil, tal fenômeno é identificado sobretudo a partir da década de 1940, com uma configuração inicial que possuía um caráter lúdico, festivo, carnavalesco e ainda estritamente vinculado às agremiações pelas quais torciam. Estavam via de regra associados a um ícone da torcida, um *torcedor-símbolo*, que ganhava legitimidade de seus pares pelo carisma

e devoção ao time. Esses agrupamentos, contudo, passam por profundas transformações nos anos de 1960, e no final da década já se apresentam profundamente modificados. Com uma organização burocratizada bem definida, com líderes eleitos periodicamente e agora dissociados dos clubes. São conhecidas genericamente por torcidas organizadas.

Acompanhando-se o desenvolvido do futebol, ademais, observa-se a presença de episódios violentos, que se evidenciam de forma mais intensa na relação entre torcida-time e torcida-torcida. A partir do final da década de 1980, no entanto, a periodicidade com que tais eventos ocorrem diminui consideravelmente, deixando até hoje, no Brasil, um número assustador de mais de uma centena de mortes. A violência no futebol, nesse sentido, passa a ser associada a enfrentamentos de torcedores, mais precisamente, de torcedores-organizados.

A partir da constatação da problemática da violência no futebol, dessarte, este trabalho se propõe a analisar as torcidas organizadas e as circunstâncias em que estas se envolvem em atos de violência. Ao final, então, busca-se investigar uma política de segurança correntemente posta em prática, apresentando suas deficiências e inconsistências, e pensar em possibilidades de superação desse modelo hegemônico.

Para tanto, faz-se uso da criminologia cultural. Esse ramo da criminologia crítica, desenvolvido em meados dos anos 1990 por um grupo de criminólogos americanos e britânicos, acaba por resgatar parte da tradição subcultural britânica e da teoria do etiquetamento e incorpora novas narrativas, como uma análise fenomenológica do desvio (Katz), o conceito de *edgework* (Lyng), a constatação de uma situação paradigmática de tédio (Ferrell), observação do corpo midiático (Hayward), fragmentação social no contexto da modernidade recente (Young), dentre tantas outras. Propõe-se, sobretudo, a observar o fenômeno do crime em toda sua complexidade, despidendo-se de pretensões unívocas e respostas únicas.

O primeiro capítulo do trabalho, nesse sentido, buscará traçar as principais linhas conceituais que envolvem a criminologia cultural. De início, frisa-se a dimensão cultural dessa vertente criminológica, com as acepções de cultura que lhe são pertinentes; a fragmentação social trazida pela modernidade recente que culmina com a constituição de uma sociedade exclusiva; e as reações fundamentalistas originadas por um senso de insegurança ontológica como pano de fundo para o surgimento das subculturas. O segundo subcapítulo se propõe a analisar a dimensão do crime em primeiro plano, isto é, o evento criminoso em sua fenomenologia, o momento do crime e as emoções e sentimentos que dele se desprendem e fazem a experiência tão atrativa a seus praticantes. Em um terceiro ponto, parte-se para observação da problemática da mídia, e como um processo contínuo de representação das imagens do delito acabam por ampliar seu significado. Por fim, busca-se trazer pesquisas

importantes no ramo da criminologia cultural e que influenciaram o desenvolvimento de seu método de abordagem.

Necessário pontuar, não obstante, que pelas limitações inerentes a essa monografia, optou-se por tratar com maior profundidade as bases estruturantes da criminologia cultural, sem qualquer pretensão de sistematização dentre as matrizes criminológicas, tradicionais ou críticas, que a ela precederam.¹

No segundo capítulo, por sua vez, será abordado o fenômeno das torcidas organizadas. Em um primeiro momento, procura-se trabalhar a complexidade que envolve a condição do torcedor e o ato de torcer, colocando em destaque a intensa carga de emoções e sentimentos vivenciados ao longo de uma partida de futebol. Posteriormente, será realizada uma retrospectiva histórica que se estende da identificação dos primeiros grupos de torcedores, passando pelas transformações de tais coletivos e culminando com a formação, nas décadas de 1960 e 1970, das principais torcidas organizadas do país. Em sequência, as torcidas organizadas serão investigadas, suas características, peculiaridades, incorporação de uma simbologia complexa, seus padrões de sociabilidade e o intuito de formação de um estilo de vida próprio. Finalmente, será procedido um comparativo entre as torcidas organizadas e alguns grupos de torcedores dos principais centros do futebol, como os *hooligans*, os *ultras*, e os *barra bravas*.

O terceiro capítulo, enfim, tem o propósito de problematizar a violência no futebol, com enfoque para os encontros entre torcidas organizadas. Inicialmente se utilizará de uma análise criminológica cultural para interpretar tal violência a partir fenomenologia do crime, da categoria do *edgework* e da resposta ao tédio. Em seguida, a violência será tratada como ato comunicativo, expressa nos atos de violentos como imposição física e simbólica de dominação. Por fim, será explorado o conceito de pânico moral trabalhado pela criminologia cultural como forma de observação das abordagens dadas pela mídia do fenômeno da violência; as implicações de uma postura de marginalização de grupos desviantes na criação de uma espiral de amplificação do desvio; a adoção de uma política de repressão; e a necessidade de se criar novos modelos de enfrentamento da violência no futebol.

¹ A esse respeito, cf. ANDRADE, Vera Regina Pereira de. **Pelas Mãos da Criminologia: o controle penal para além da (des)ilusão**. Rio de Janeiro: ICC/Revan, 2012. BARATTA, Alessandro. **Criminologia crítica e crítica do Direito Penal**. 3. ed. Rio de Janeiro: Revan/ICC, 2002. BATISTA, Vera Malaguti. **Introdução Crítica à Criminologia Brasileira**. Rio de Janeiro: Revan, 2011. CARVALHO, Salo de. **Antimanual de criminologia**. São Paulo: Saraiva, 2015. CIRINO DOS SANTOS, Juarez. **A Criminologia Radical**. Curitiba: Lumen Juris/ICPC, 2008. FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Tradução por Lúcia M. Pondé Vassalo. Petrópolis: Vozes, 2011. HULSMAN, Louk & CELIS, Bernat J de. **Penas perdidas: o sistema penal em questão**. Tradução de Maria Lúcia Karam. Rio de Janeiro: Luam, 1993. ZAFFARONI, Eugenio Raúl. **Em busca das penas perdidas: a perda de legitimidade do sistema penal**. Tradução de: Vânia Romano Pedrosa & Almir Lopes da Conceição. Rio de Janeiro: Revan, 1991.

1. REFERENCIAIS TEÓRICOS DA CRIMINOLOGIA CULTURAL

1.1 Complexidade, modernidade recente e capitalismo subjacentes à formação da identidade cultural

A questão inicial que se coloca está em determinar o que é, de fato, o fenômeno denominado “*criminologia cultural*”. Como resposta rápida e objetiva, cabível aduzir que seja a tentativa de situar o crime, e seu respectivo controle, no contexto da cultura, isto é, visualizar tanto crime e as agências de controle como produtos culturais – como construções criativas.² Com efeito, a criminologia cultural busca explorar os inúmeros modos em que forças culturais se entrelaçam com a prática do crime, e com seu controle, na sociedade contemporânea.³ E assim fazendo, procura duplamente compreender o crime como uma atividade humana expressiva e criticar o senso comum que cerca a presente política do crime e do sistema penal.⁴

No mesmo sentido, na dicção de **Rocha**, a criminologia cultural busca

colocar o crime em seu contexto cultural, o que implica ver tanto crime como as organizações de controle como produtos culturais, os quais devem ser ligados a partir dos significados que carregam. Além disso, a criminologia cultural procura aclarar a dinâmica entre dois elementos-chave nessa relação: a ascensão e declínio de produtos culturais.⁵

O que se observa, dessarte, é a crucial importância da dimensão cultural para compreensão dos significados que emergem do crime e de seu controle. Isso porque estes não se apresentam como conceitos aprioristicamente determináveis e hermeticamente estáveis. Traduzem-se, por outro lado, nas mais variadas relações culturais e oscilam espacial, social e cronologicamente.

Exemplo ilustrativo da referida dinâmica cultural do crime e do seu controle nos é dado por **Ferrell, Hayward e Young**. Os autores traçam linhas comparativas entre os contextos sociais que envolviam a violência doméstica na década de 40 e atualmente. É mencionado que em meados de 1940 a agressão de um homem a sua companheira, pelos mais diversos fatores,

² HAYWARD, K.; YOUNG, J. **Cultural Criminology: some notes on the script**. Theoretical Criminology, vol. 8, n. 3, pp. 259-273, aug., 2004, p. 259.

³ FERRELL, Jeff; HAYWARD, Keith; YOUNG, Jock. **Cultural Criminology: an invitation**. Los Angeles; London: SAGE, 2008, p. 2.

⁴ FERRELL; HAYWARD; YOUNG, 2008, p. 2.

⁵ ROCHA, A. F. O. da. **Criminologia Cultural: contribuições para o estudo do crime e controle da criminalidade no Brasil**. Revista de Estudos Criminais, Ano X, n. 45, pp. 45-60, abr./jun., 2012, p. 46.

pouca – ou nenhuma – relevância possuía no campo social e criminal, sendo que em muitos casos tal postura era equivocadamente aceita ou até encorajada por uma moral conservadora à época dominante. Somente a partir de diversas transformações socioculturais, e pelo comprometido engajamento de movimentos feministas, a violência doméstica, como categoria legal e cultural, pôde ser melhor definida, reconhecida e condenada como uma modalidade específica de comportamento criminoso.⁶

Para a criminologia cultural, portanto, importa uma noção dinâmica de cultura, como uma entidade que flui em direção incerta pelas relações e trocas intersubjetivas. A esse respeito, convém destacar que a

dinâmica cultural permanece em movimento; culturas coletivas oferecem um mescla heterogênea de significados simbólicos que se misturam e se embaraçam, cruzam fronteiras reais e imaginárias, conflitam-se e se fundem, e se hibridizam com modificáveis circunstâncias. Imaginar, então, que uma cultura étnica mantém uma atemporal e descontextualizada propensão para o crime (ou concordância) não é criminologia cultural; é um essencialismo perigoso, estereotipado em sua noção de estase cultural e prejudicial ao entendimento da fluída dinâmica que conecta cultura e crime.⁷

Nessa linha, pertinente se mostra a definição dicotômica de cultura apresentada por **Bauman**, trazendo de um lado um conceito de cultura como ente estanque e que se reproduz mecanicamente entre seus integrantes, e do outro uma noção cultural volátil e relativa, capaz de ser conduzida por uma estrada indefinida de conceitos, permeada por criatividade e desenvolvimento pessoal, a saber:

Não se admira dois diferentes e não facilmente reconciliáveis discursos ramificados de uma vertente comum, distanciando-se cada vez mais. Em poucas palavras: um discurso gerou a ideia de cultura como uma atividade do espírito livre vagante, o lugar de criatividade, invenção, autocrítica, e autotranscendência; o outro discurso coloca a cultura como uma ferramenta de rotinização e continuidade – o alicerce da ordem social. O produto do primeiro discurso foi a noção de cultura como capacidade de resistir à norma e se elevar acima do ordinário. [...] O produtor do segundo discurso foi a noção de cultura formada e aplicada na antropologia ortodoxa. Lá, ‘cultura’ corresponde a regularidade e padrão - com liberdade descrita sob a rubrica de ‘violação da norma’ e ‘desvio’.⁸

⁶ FERRELL; HAYWARD; YOUNG, 2008, p. 8.

⁷ FERRELL; HAYWARD; YOUNG, 2008, p. 3. No original: “[...] *cultural dynamics remain in motion; collective cultures offer a heterogeneous mélange of symbolic meanings that blend and blur, cross boundaries real and imagined, conflict and coalesce, and hybridize with changing circumstances. To imagine, then, that an ethnic culture maintains some ahistorical and context-free proclivity to crime (or conformity) is no cultural criminology; it’s a dangerous essentialism, stereotypical in its notion of cultural stasis and detrimental to understanding the fluid dynamics connecting culture and crime.*” (tradução nossa)

⁸ BAUMAN, Zygmunt. **Culture as praxis**. London: Sage, 1999, pp. xvi-xvii. No original: “No wonder two different and not easily reconcilable discourses ramified from the common stem, shifting ever further apart. To put it in a nutshell: one discourse generated the idea of culture as the activity of the free roaming spirit, the site of creativity, invention, self-critique and self-transcendence; another discourse posited culture as a tool of

Assim, se para o primeiro discurso transgressão sinaliza significativa criatividade, para o segundo transgressão significa justamente o oposto: a ausência de cultura, uma falha de socialização ao significado coletivo.⁹

A par dessa construção sobre a dinâmica cultural, o qual é intrínseco a uma plena compreensão da criminologia cultural, revela-se conveniente situar espacial e temporalmente esse ramo da criminologia crítica, muito em função de sua pouca difusão no domínio criminológico nacional. Nessa linha, importa destacar que a criminologia cultural, não obstante o resgate de alguns aportes teóricos outrora desenvolvidos, é uma vertente criminológica, com a delimitação que lhe é própria, relativamente recente. Seus trabalhos iniciais remontam à meados da década de 90 do século passado, nos Estados Unidos, com **Ferrell**¹⁰, **Ferrell e Sanders**¹¹, e ganham efetiva base teórica e estruturação no Reino Unido, com as pesquisas de **Hayward e Young**¹², **Presdee**¹³, dentre outros¹⁴. Mas, como destaca Rocha, “*muitos criminologistas atuais pesquisam as relações entre dimensões de cultura e crime, mas sem se considerar criminologistas culturais. Esse dado não facilita a tarefa de produzir uma definição de criminologia cultural*”.¹⁵

Ainda, a criminologia cultural é ambientada na corrente fragmentação e desconstrução das grandes narrativas criminológicas e, outrossim, na negativa de uma verdade universal para a dimensão do crime e sua resposta.¹⁶ Com efeito,

a denúncia pós-moderna diagnostica a necessidade de as ciências criminais incorporarem em seu universo de análise a categoria complexidade, reconhecendo a diferença entre os atos desviantes e os criminalizados para a construção de múltiplas respostas, formais e informais, de exercício não-violento do controle social. A importância da teoria pós-moderna é demonstrar que para problemas complexos fundamental construir mecanismos complexos de análise, avessos às repostas

routinization and continuity -- a handmaiden of social order. The product of the first discourse was the notion of culture as the capacity to resist the norm and rise above the ordinary [...]. [...] The product of the second discourse was the notion of culture formed and applied in orthodox anthropology. There, 'culture' stood for regularity and pattern -- with freedom cast under the rubric of 'norm-breaking' and 'deviation'.” (tradução nossa)

⁹ FERRELL; HAYWARD; YOUNG, 2008, p. 4.

¹⁰ FERRELL, Jeff. **Crimes of Style: urban graffiti and the politics of criminality**. Boston: Northeastern University Press, 1996. FERRELL, Jeff. **Tearing Down the Streets: adventures in urban anarchy**. New York: St Martins/Palgrave, 2001. FERRELL, Jeff. **Empire of Scrounge: inside the urban underground of dumpster diving, trash picking, and street scavenging**. New York: New York University Press, 2006.

¹¹ FERRELL, Jeff; Sanders, Clinton R. **Cultural Criminology** Boston: Northeastern University Press, 1995.

¹² HAYWARD; YOUNG, 2004.

¹³ PRESDEE, Mike. **Cultural Criminology and the Carnival of Crime**. London; New York: Routledge, 2000.

¹⁴ FERRELL, Jeff et al. **Cultural Criminology Unleashed**. London: Glasshouse Press, 2004. FERRELL; HAYWARD; YOUNG, 2008.

¹⁵ ROCHA, 2012, p. 49.

¹⁶ CARVALHO, S. de. **Criminologia cultural, complexidade e as fronteiras de pesquisa nas ciências criminais**. Revista Brasileira de Ciências Criminais, Ano 17, n. 81, pp. 45-60, abr./jun., 2009, p. 316.

binárias, unívocas e universais, bem como alheios à pretensão de verdade inerente à vontade de sistema que orienta os modelos científicos modernos.¹⁷

E por compreender, aceitar e impulsionar esse movimento, a criminologia cultural se insere no contexto da modernidade recente.¹⁸ Duas razões aparentes embasam tal constatação: em primeiro lugar, pela sua extraordinária ênfase na criatividade, individualismo e geração de etilos de vida – circunstâncias essas presentes na conjuntura social atual –, aliado à investigação da mídia de massa, que opera expandindo, proliferando e transformando a subjetividade humana; em um segundo momento, pelo consenso de que foi no início do período da modernidade recente que os antecedentes da criminologia cultural emergiram.¹⁹

A respeito da modernidade recente, porém, precisa se mostra a definição de **Ferrell, Hayward e Young**, para os quais essa conjuntura pode ser caracterizada pela compressão de espaço e tempo sob as forças econômicas e de globalização cultural. Nesse processo,

cultura se perde do caráter local, e as realidades materiais e virtuais se fundem, com muitas pessoas consequentemente experimentando um profundo senso de disjunção e afastamento. Aqui, mídia de massa, nova mídia e mídia alternativa proliferam, formando uma emaranhada teia de aranha de constante, embora virtual, interconexão. Aqui, hiper-pluralismo prospera – uma contestada diversidade de valores se encontra na “tela” e nas ruas, uma pluralidade sem precedentes de perspectivas culturais circulando em meio a tentativas estatais e corporativas de monopolização do significado.²⁰

Importante análise da transição do projeto modernista para a modernidade recente é realizada por **Young**²¹. Em sua obra, o autor descreve o paradigma modernista ambientado no pós-guerra, sendo este período caracterizado como de satisfação plena de seus propósitos. Vivia-se em um mundo do pleno emprego, abundância firme e crescente, e incorporação das

¹⁷ CARVALHO, 2009, p. 320.

¹⁸ Não obstante cientes do corrente debate nas ciências sociais sobre eventual ruptura paradigmática ou simplesmente reforço quantitativo da modernidade, os teóricos da criminologia cultural buscam compreender os contornos do crime e de seu controle na contemporaneidade e, para tanto, utilizam-se do termo *late modernity* (modernidade recente), colocando-se à margem dessa discussão epistemológica. Cf. FERRELL; HAYWARD; YOUNG, 2008, pp. 63-64. A saber: “*The debate turns around the knotty question of whether contemporary conditions represent a qualitative break with, or merely a quantitative intensification of, what has gone before. [...] it is our contention that the contemporary world is in fact a shifting composite of both modern and ‘post’ modern features – which, for the sake of concision and clarity, we refer to as late modernity.*”

¹⁹ HAYWARD; YOUNG, 2004, pp. 259-260.

²⁰ FERRELL; HAYWARD; YOUNG, 2008, p. 56. No original: “[...] culture comes loose from locality, and material and virtual realities intermingle, with many people consequently experiencing a profound sense of disembeddedness and dislocation. Here, mass media, new media, and alternative media proliferate, forming a tangled spider’s web of constant, if virtual, interconnection. Here hyper pluralism prospers – a contested diversity of values encountered on the screen and in the street, an unprecedented plurality of cultural perspectives circulating amidst state and corporate attempts at monopolization of meaning.” (tradução nossa)

²¹ YOUNG, Jock. **The exclusive society**. London: Sage, 1999.

classes trabalhadoras e minorias étnicas a uma completa cidadania. Era a chamada “*era de ouro*”²². Nesse contexto, a estruturação da modernidade se mostra calcada em algumas premissas, tais como: i) resolução do problema da cidadania, com uma política de igualdade, em que pese formal, e incorporação de parcelas étnicas marginalizadas; ii) um estado intervencionista, aquele que protege os cidadãos e os entrega justiça social; iii) ordem social absolutista, baseada na completa aceitação acrítica dos valores da família, do trabalho, das políticas democráticas, sistema legal e econômico; iv) dicotomia cidadãos-desviantes, centrada na compreensão de que os cidadãos em pleno uso e gozo de suas faculdades mentais abraçam os valores consensuais, sendo que os desviantes são determinados por circunstâncias psicológicas e sociais, não escolhendo o crime, mas sendo compelidos a ele; v) estado assimilativo, com a noção de que o papel do Estado de bem-estar social é assimilar tais desviantes para o corpo central da sociedade.²⁴

Ocorre que uma intensa transformação cultural e econômica, sobretudo a partir dos anos 1960, abalou profundamente o projeto modernista. Entre as décadas de 1960 e 1970 sobrevém a ascensão do individualismo, da criatividade e do afastamento aos valores tradicionais da família e do senso de comunidade. Tal processo é seguido de um crescente movimento de exclusão social ocorrido nos anos 80 e 90. Essas duas importantes mudanças são acompanhadas por uma significativa alteração do mercado de trabalho, com uma nova estruturação do emprego, agora assentado essencialmente na volatilidade e insegurança. É a mudança de uma sociedade inclusiva para uma exclusiva. De uma sociedade baseada na incorporação e assimilação para uma sociedade que separa e exclui.²⁵ Nas precisas palavras de **Young**:

A transição da modernidade para a modernidade recente pode ser vista como um movimento de uma sociedade inclusiva para uma exclusiva. Isto é, de uma sociedade em que a tônica era a assimilação e incorporação para uma que separa e exclui. A erosão do mundo inclusivo do período modernista, [...] envolveu um processo de desagregação tanto na esfera da comunidade (ascensão do individualismo) e na esfera do trabalho (transformação do mercado de trabalho).²⁶

²² YOUNG, 1999, p. 02.

²³ Cumpre destacar, contudo, que tal análise se situa no contexto dos países desenvolvidos, especialmente Estados Unidos e Reino Unido, de modo que sua simples transposição à realidade brasileira se mostra imprópria.

²⁴ YOUNG, 1999, p. 03.

²⁵ YOUNG, 1999, pp. 6-7.

²⁶ YOUNG, 1999, p. 7. No original : “*The transition from modernity to late modernity can be seen as a movement from an inclusive to an exclusive society. That is from a society whose accent was on assimilation and incorporation to one that separates and excludes. This erosion of the inclusive world of the modernist period, [...] involved processes of disaggregation both in the sphere of community (the rise of individualism) and the sphere of work (transformation of the labour markets).*” (tradução nossa)

Como representação da modificação do mercado de trabalho e sucessiva substituição de empregos estáveis e lucrativos pela criação de uma subclasse de desempregados e empregados temporários, **Young** nos apresenta a metáfora das pistas de corrida. Em um mundo antes calcado na premissa da meritocracia, e na ideia de que o trabalho duro certamente conduziria a um retorno proporcional ao esforço, agora duas “*pistas de corrida*” se apresentam em conjunto com uma imensa plateia de expectadores. Na primeira, o competidor trabalha arduamente, esforça-se, consegue os melhores lucros, rendimentos e uma vida estável. Ocorre que há sempre o risco de ser rebaixado à segunda pista de corrida, em que a recompensa é substancialmente inferior ao da primeira, e ainda há chance de ser novamente excluído, mas agora à classe dos expectadores, aos quais são negados o acesso à corrida, mesmo com a superexposição dos sedutores prêmios ofertados.²⁷

As frustrações dos expectadores e pilotos de segunda classe geram um profundo sentimento de privação. Nesse sentido,

o primeiro [sentimento de privação] é evidentemente óbvio: aqui não somente a econômica mas a cidadania social é negada em comparação com aqueles no mercado de trabalho. Mas o segundo é menos óbvio. [...] Privação relativa é convencionalmente pensada como olhar para cima: é a frustração àqueles negados igualdade no mercado apesar de igual mérito e aplicação. Mas privação é também um olhar para baixo: é o desânimo com o relativo bem-estar daqueles, embora abaixo na hierarquia social, vistos como injustamente afortunados: eles têm uma vida fácil ainda que não tão boa como a própria.²⁸

No que concerne à esfera da comunidade, pode-se pontuar que, em conjunto com as transformações econômicas, a vida urbana é tomada por uma profunda transformação, com o desenvolvimento de uma sociedade de consumo, na qual se promete não somente a satisfação imediata dos desejos, mas também a geração de estilos de vida. Ainda, dessa sociedade de consumo emerge um novo individualismo, centrado na multiplicidade de escolhas, preocupado com a realização pessoal, com profundo hedonismo e imediatismo, e, acima de tudo, voluntarista.²⁹

Fenômeno atual, esse efeito de encurtamento das fronteiras espaciais, distanciamento do fator local em um mundo globalizado, pluralidade de valores, precarização

²⁷ YOUNG, 1999, p. 8.

²⁸ YOUNG, 1999, p. 9. No original: “*The first is fairly obvious: here not only economic but social citizenship is denied and the comparison is with those within the labour market. But the second is less obvious. [...] Relative deprivation is conventionally thought of as a gaze upwards: it is the frustration of those denied equality in the market place to those of equal merit and application. But deprivation is also a gaze downwards: it is dismay at the relative well-being of those who although below one on the social hierarchy are perceived as unfairly advantaged: they make too easy a living even if it is not as good as one's own.*” (tradução nossa)

²⁹ YOUNG, 1999, pp. 10-11.

do mercado de trabalho, individualismo e vasta possibilidade de escolhas tem como consequência uma cada vez mais ampla demanda por identidade própria. Tal busca, contudo, é obstada pela difundida fragmentação social que impede qualquer certeza existencial, gerando extensa procura por todos os tipos de imediatismos e emoções a serem entregues pela indústria do capitalismo global.³⁰

Nessa linha, a mecânica do capitalismo global – ou recente –, instrumento de promoção de desigualdades e injustiças, opera em um sistema de dominação em que sua viabilidade econômica e política reside precisamente nas suas conquistas culturais. Com efeito,

o capitalismo recente promove estilos de vida, empregando e anunciado mecanismos que vendem necessidade, desejo e afiliação tanto quanto os produtos materiais em si. Ele opera em economias de serviço, economias que embalam privilégio e manufaturam experiências de prazeres imaginários. [...] Este é um capitalismo fundado não no Fordismo, mas na manipulação de significados e na sedução da imagem; é um capitalismo cultural.³¹

Outro traço característico do capitalismo recente é sua capacidade de incorporar resistências ilícitas e transformá-las em produtos. Esta se mostra uma tendência essencial na dinâmica capitalista, no intuito de reconstituir resistência, criada como oposição, para então vendê-la com a ilusão de liberdade e diversidade. Ilustração de tal processo é a apropriação do grafite de rua por corporações multinacionais para os mais variados fins, desde anúncios publicitários a exposições em famosas galerias de arte.³²

A situação da modernidade recente, caracterizada pela amplitude de escolha, pelo constante questionamento de verdades consensuais e pela pluralidade de mundos sociais e de crenças, aliado à influência perniciosa do capitalismo global, produz uma insegurança ontológica, na qual o senso de normalidade se torna desorientado e cercado de valores relativos.³³ Assim,

em função dessa insegurança ontológica, existem repetidas tentativas de criar uma base segura. Isto é, reafirmar o valor próprio como absolutos morais, declarar outros grupos como carentes de valor, para desenhar linhas distintas de virtude e vício, para

³⁰ FERREL; HAYWARD; YOUNG, 2008, p. 58.

³¹ FERREL; HAYWARD; YOUNG, 2008, pp. 14-15. No original: “*Late capitalism markets lifestyles, employing and advertising machinery that sells need, affect and affiliation as much as the material products themselves. It runs on service economies, economies that package privilege and manufacture experiences of imagined indulgence. (...) This is a capitalism founded not on Fordism, but on the manipulation of meaning and the seduction of the image; it is a cultural capitalism.*” (tradução nossa)

³² FERREL; HAYWARD; YOUNG, 2008, pp. 18-19.

³³ YOUNG, 1999, p. 14.

ser rígido ao invés de flexível nos julgamentos, para ser punitivo e excludente ao invés de permeáveis e assimilativos.³⁴

Nesse contexto inserem-se as subculturas ilícitas. Um processo constante de exclusão perpetrada pela modernidade recente, insegurança ontológica produzida por um individualismo exacerbado e hiper-pluralismo, e cercados pelo capitalismo global que mercantiliza desejo e sucesso. Inseridos nessa realidade, indivíduos na busca por identidade encontram nas subculturas ilícitas, como relata **Ferrell**,

um repositório de habilidades a partir das quais os seus integrantes aprendem técnicas essenciais para uma conduta criminosa de sucesso, seja habilidades necessárias para um uso eficiente de drogas, apropriação furtiva ou violência efetiva. Talvez mais importante, essas subculturas criam um ethos coletivo, um fluído conjunto de valores e orientações que definem o comportamento ilícito de seus membros como apropriado, até mesmo honroso; é um modo em que subculturas ilícitas também funcionam como contraculturas, estilos de vida que em algum nível opõe e desafia entendimentos convencionados de legalidade, moralidade e conquista.³⁵

As subculturas ilícitas, por conseguinte, criam um conjunto de orientações e significados próprios que se encontram incorporados no seu distinto estilo de vida. Desde sutis convenções de vestuário e comportamento, códigos linguísticos diferenciados geralmente incompreensíveis ao observador externo, até rituais diários; a simbologia em torno da subcultura é ampla e demarca as fronteiras de sua filiação.³⁶

Processo semelhante é descrito por **Ferrell** em sua investigação sobre a subcultura ilícita do grafite em Denver, nos Estados Unidos. O autor descreve o movimento como uma tentativa de criação de significados coletivos e, sobretudo, de resistência a uma imposição cultural dominante. A saber:

Como participantes de uma subcultura emergente, os grafiteiros de Denver, assim, desenham em recursos estilísticos comuns e, por sua vez, desenvolvem novas e coletivas noções de estilo quando praticam o grafite uns com os outros. À medida que eles adicionam peças a uma nova “parede da fama”, ou marcam seu caminho em um

³⁴ YOUNG, 1999, p. 15. No original: “*Because of ontological insecurity there are repeated attempts to create a secure base. That is, to reassert one's values as moral absolutes, to declare other groups as lacking in value, to draw distinct lines of virtue and vice, to be rigid rather than flexible in one's judgements, to be punitive and excluding rather than permeable and assimilative.*” (tradução nossa)

³⁵ FERRELL, Jeff; ILAN, Jonathan. Crime, culture, and everyday life. In: HALE, Chris et al. (Orgs). **Criminology**. Oxford: Oxford University Press, 2013, pp. 376. No original: “[...] *a repository of skill from which subcultural members learn the techniques essential to successful criminal conduct, whether they be the skills needed for efficient drug use, surreptitious embezzlement, or effective violence. Perhaps more importantly, these subcultures create a collective ethos, a fluid set of values and orientations that define their members' criminal behavior as appropriate, even honorable; in this way criminal subcultures also function as countercultures, ways of life that to some degree oppose or defy conventional understandings of legality, morality, and achievement.*” (tradução nossa)

³⁶ FERRELL; ILAN, 2013, p. 376.

beco escuro, eles não somente alteram a face da comunidade maior, mas desenvolvem uma comunidade estética entre eles mesmos.³⁷

Ainda:

O grafite, assim, constitui uma espécie de resistência anárquica à dominação cultural, um saber cultural anárquico, uma “sabedoria das ruas” contrapondo a crescente autoridade dos anúncios corporativos e governos locais sobre os ambientes da vida diária.³⁸

Observa-se, portanto, que o fenômeno de formação das subculturais ilícitas está intimamente ligado às conjunturas sociais em tempos de modernidade recente e capitalismo global. Tais movimentos são marcados pela resistência e transcendência. Mas, acima de tudo, pela busca da identidade perdida.

1.2 A dinâmica do crime: sentimentos e emoções em primeiro plano

Walter White acaba de sair do consultório: foi diagnosticado com câncer nos pulmões. Um misto de desespero e agonia tomam conta de si. “O que farei?” “O que será de minha família?” Walter que tem um filho com paralisia cerebral e sua mulher, grávida, espera o segundo. Todos sustentados com seu salário de professor de química que sequer é suficiente para cobrir as despesas da casa. US\$ 43.700 anuais. Esse número o persegue. Como um talentoso químico, destinado a faturar milhões, pode ser reduzido a isso? Só isso? O orgulho o corrói. Pobre Walter. Tudo muda quando, numa reunião em família, vê seu cunhado, agente da DEA³⁹, ser entrevistado após uma grande apreensão de metanfetamina. Um detalhe, que a todos passa despercebido, prende-lhe a atenção: US\$700.000 foram encontrados com os traficantes. “700 mil dólares? É mais do que eu preciso para resolver a vida de minha família antes de morrer!”, ele pensa. Aqui, medo, desespero, agonia, frustração, ganância e orgulho se fundem, e Walter White inicia sua jornada *to break bad*. No início, pode ter sido pelo dinheiro, mas não mais. A metanfetamina mudou sua vida sem nem ao menos a ter consumido. O negócio agora faz parte de sua identidade. Ele alimenta seus desejos, sua ambição, sua autoestima de tal forma

³⁷ FERRELL, 1996, p. 52. No original: “As participants in an emerging ‘scene’, Denver graffiti writers thus draw on common stylistic resources and in turn evolve new, collective notions of style as they do graffiti with and for one another. As they add pieces to a new wall of fame, or tag their way down a dark alley, they not only alter the face of the larger community, but develop an aesthetic community among themselves.” (tradução nossa)

³⁸ FERRELL, 1996, p. 176 “graffiti writing thus constitutes a sort of anarchist resistance to cultural domination, a streetwise counterpoint to the increasing authority of corporate advertisers and city governments over the environments of daily life.” (tradução nossa)

³⁹ *Drug Enforcement Administration*. Órgão do Departamento de Justiça dos Estados Unidos encarregado da repressão e combate ao tráfico de drogas.

que não é mais possível abandoná-lo. Afinal, seria possível voltar a sua antiga vida? Professor de química em sua insignificante representatividade? Não! “Eu sou o perigo”, ele repete a si mesmo. O velho Walter White se foi. Agora, ele atende por outro nome: Heisenberg.⁴⁰

A série americana *Breaking Bad*, acima representada, serve-nos como apoio para a observação de um importante tema para a criminologia cultural, os detalhes e a sutilezas que envolvem prática de um crime ou ato desviante. Com efeito, a ação transgressiva, como um todo, é permeada por um plexo de emoções e sentimentos, os quais não podem ser deixados de lado se quisermos analisar esse processo em toda sua complexidade. Assim, para assunção do crime como um evento social, em vez de uma categoria analítica secundária; como uma experiência viva e construída socialmente, ao invés de um resíduo estatístico, as suas sutilezas devem ser levadas em consideração.⁴¹

Nesse sentido, a criminologia cultural se propõe a investigar o crime em primeiro plano, como acontecimento real e concreto. Para tanto, resgata a análise fenomenológica de **Katz**⁴², a qual se ocupa da observação do crime por um processo interacionista e situacionista. Deveras, **Katz** combina o olhar situacionista em direção aos detalhes, das especificidades, dos instantes da prática criminosa, com a preocupação interacionista, voltada para o processo de negociação e construção social periódica do crime. E, assim fazendo, ele demonstra que o significado do crime se desenvolve não somente a partir de longas “*carreiras criminosas*”, mas também a partir dos precisos detalhes de um evento criminoso em particular.⁴³ Como elucidação dessa combinada observação situacionista e interacionista do crime, aduz **Ferrell**:

Os detalhes da subcultura do grafite de Dever mostram que os grafiteiros constroem o grafite e seu significado através de uma mistura de histórico subcultural e imediatismo situacional. Uma demarcação noturna de grafite certamente evolui a partir de experiências anteriores, dos laços de amizade entre os grafiteiros, e de habilidades técnicas e estéticas desenvolvidas ao longo de toda uma carreira; mas também toma forma e significado em função das contingências imediatas do tédio, chamadas telefônicas ou ônibus perdidos, o trânsito de carros e pedestres, ou por becos bem ou mal iluminados. [...] Como outros atos criminosos, o significado do grafite está incorporado nos detalhes de sua execução.⁴⁴

⁴⁰ BREAKING bad. Criador: Vince Gilligan. Direção: Michelle MacLaren e Michael Slovis. Produtores: Stewart A. Lyons, Sam Catlin, John Shibban, Peter Gould, George Mastras, Thomas Schnauz, Bryan Cranston, Moira Walley-Beckett, Karen Moore e Patty Lin. Intérpretes: Bryan Cranston, Anna Gunn, Aaron Paul, Dean Norris, Betsy Brandt e RJ Mitte. Albuquerque: AMC, 2008-2013, DVD (55min).

⁴¹ FERRELL, 1996, p. 166.

⁴² KATZ, Jack. *The Seductions of Crime: Moral and Sensual Attractions in Doing Evil*, New York: Basic Book, 1988.

⁴³ FERRELL, 1996, p. 167.

⁴⁴ FERRELL, 1996, p. 167. No original: “The details of the Denver graffiti scene show that writers construct graffiti and its meaning out of this bend of subcultural history and situational immediacy. A night’s tagging certainly evolves out of prior tagging experiences, networks of friendship among the writers, and technical and aesthetic expertise developed over the course of writer’s careers; but also takes shape and meaning within the immediate

Fica claro, portanto, que a representação do autor de um crime como um indivíduo racional, frio, calculista e que realiza a ação criminosa pela compreensão de uma simples lógica de custo-benefício não se sustenta. A criminologia cultural apresenta crítica contundente a essa visão, de que se utiliza a teoria da escolha racional (*rational choice theory*). Para essa linha de pensamento proveniente de uma criminologia ortodoxa, o

crime ocorre em função de uma escolha(s) racional – deriva a partir de uma disponibilidade de oportunidade e, particularmente, baixos níveis de controle social, onde indivíduos são impulsivos e orientados a curto prazo. [...] O comportamento criminoso [na teoria da escolha racional] é simplesmente entendido como resultado de estratégias calculistas objetivadas à maximização das vantagens. [...] Com a teoria da escolha racional, significado humano e criatividade criminal são literalmente banidas da equação; criminalidade se torna uma fórmula de duas polegadas.⁴⁵

A essa noção, a criminologia cultural se opõe com o foco na criatividade humana e nas experiências que são geradas e vivenciadas no momento do crime. Ainda, a compreensão da ação criminosa a partir de uma lógica equacional reduz a dimensão humana do indivíduo, e nisso inclui toda a complexidade emocional intrínseca a essa condição, a uma atuação mecânica, quiçá robótica. A criminologia cultural, por outro lado, ocupa-se justamente desse estado emocional “*carregado*”:

É justamente este estado emocional “carregado” que interessa os criminólogos culturais, os quais suspeitam que emoções subjetivas e dinâmicas sócio-culturais texturizadas inspiram muitos crimes, e cada vez mais sob as condições da modernidade recente. Contra a calculadora abstrata, mecanicamente racional, a criminologia cultural contrapõe com o naturalismo do crime em si. A real experiência vivida de cometer um crime, de concluir um ato criminoso, de ser vitimizado pelo crime, tem pouca relação com o árido mundo vislumbrado pelos teóricos da escolha racional. De ato, a descarga de adrenalina do crime, o prazer e pânico envolvidos, são tudo menos exógenos à “equação do crime”. O crime raramente é desinteressante e frequentemente não irrelevante – mas é sempre significativo.⁴⁶

contingencies of boredom, missed phone calls or bus connections, passing cars and pedestrians, and well or poorly-lit alleys. [...] As with other criminal acts, the meaning of graffiti writing is embedded in the details of its execution.” (tradução nossa)

⁴⁵ FERRELL; HAYWARD; YOUNG, 2008, pp. 65-66. No original: “*crime occurs because of rational choice(s) – it derives from availability of opportunity and low levels of social control, particularly, where individuals are impulsive and short-term oriented. [...] Criminal behavior [in rational choice theory] is simply understood as the result of calculative strategies aimed at utility maximization. [...] With rational choice theory, human meaning and criminal creativity are quite literally banned from the equation; criminality becomes a two-inch formula.*” (tradução nossa)

⁴⁶ FERRELL; HAYWARD; YOUNG, 2008 p. 67. No original: “*It’s precisely this emotional ‘charged state’ that interest cultural criminologists, who suspect that subjective emotions and textured socio-cultural dynamics animate many crimes, and increasingly so under late modern conditions. Against the abstracted, mechanistic rational calculator, cultural criminology counterposes the naturalism of crime itself. The actual lived experienced of committing crime, of concluding a criminal act, of being victimized by crime, bears little relationship to the arid world envisioned by RC theorists. Indeed, the adrenaline rush of crime, the pleasure and panic of all involved, are*

Outra importante desconstrução é empreendida pela criminologia cultural contra a denominada criminologia positivista ou estruturalista (*positivist or 'structural' criminologies*). Para essa linha de pensamento, desigualdades, falta de trabalho, fragmentação da comunidade, processo de exclusão e falta de capital social são certamente reconhecidos, mas a ponte da privação para o crime, particularmente em casos de crimes violentos, não é construída, mas baseada em presunções.⁴⁷ Com efeito, por meio desse processo, o método da criminologia estruturalista acaba por obscurecer não somente o processo situacional que subjaz à prática de um crime, mas também o seu próprio conteúdo político. Isso porque ignorar a observação do crime em primeiro plano, em favor de uma análise das estruturas políticas e econômicas, é, ironicamente, perder o próprio sentido dessas estruturas na realidade do crime.⁴⁸ Em um evento criminoso, assim como em diversos outros momentos da vida cotidiana, estruturas de autoridade, classes sociais e etnicidade se entrelaçam com escolhas situacionais, estilos de vida individual e referências simbólicas. Desse modo, conquanto não se possa compreender o crime sem uma análise estrutural das desigualdades, também não é possível visualizá-lo somente se atentando a essa conjuntura estrutural. De fato, o significado e a estética do evento criminoso se interligam com a política econômica da criminalidade.⁴⁹

Com precisão habitual, **Ferrell** identifica na subcultura do grafite essa dúplici análise estruturalista e situacional da qual se utiliza a criminologia cultural, a saber:

O grafite igualmente incorpora a dialética entre estrutura e situação do crime. A prática do grafite em Dever, assim como em outras localidades, manifesta-se dentro de sistemas de dominação legal e econômica, sistemas em que garantem acessos desiguais à propriedade privada e aos recursos culturais. [...] Mas, enquanto esses fatores determinam o contexto para a prática do grafite, eles também não definem o seu significado. [...] Eles não conseguem prever a 'descarga de adrenalina' que a ilegalidade do grafite gera em seus praticantes, ou os vários modos em que a criminalização de fato amplia e reconstrói a prática do grafite. Esses detalhes da prática do grafite – essas intersecções entre política e estilo interpessoal, de criminalização e evento criminal – somente pode ser explicada de dentro da prática do grafite em si.⁵⁰

anything but exogenous to the 'crime equation'. Crime is seldom mundane and frequently not miserable – but it is always meaningful.” (tradução nossa)

⁴⁷ FERRELL; HAYWARD; YOUNG, 2008, p. 66.

⁴⁸ FERRELL, 1996, p. 170.

⁴⁹ FERRELL, 1996, p. 170.

⁵⁰ FERRELL, 1996, p. 170. No original: “Graffiti writing likewise embodies the dialectic between structures and situations of crime. The writing of graffiti in Denver and elsewhere unfolds within systems of legal and economic domination, systems which guarantee unequal access to private property and cultural resources. [...] But while these factors set the context for graffiti writing, they do not define the writing itself. [...] They cannot predict the ‘adrenalin rush’ that graffiti’s illegality generates for its writers, or the many ways in which criminalization in fact amplifies and reconstructs the writing of graffiti. These details of graffiti writing – these intersections of

A par da investigação momentânea do crime, a criminologia cultural, com sua lente de observação na vida cotidiana, também se ocupa de outro relevante tema para a compreensão dos movimentos de resistência e transgressão: a institucionalização do tédio nas relações sociais. Nesse desenvolvimento, constata-se que em diversas esferas da vida social o tédio se manifesta como produto de uma lógica modernista. Em sua análise, **Ferrell** identifica na atuação de diversos grupos em atividades ilícitas como “*sintoma de um conjunto maior de problemas contemporâneos relativos ao extermínio da espontaneidade humana, à rotinização da existência e ao enclausuramento da vida humana nos limites das relações de consumo*”.⁵¹

De fato, o tédio aparenta estar onipresente na sociedade contemporânea, impedindo os indivíduos de qualquer possibilidade de inovação e transcendência. Nesse ponto, merece destaque a crítica de **Vaneigem**:

O sangue te incomoda? Não se preocupe: os homens serão pacíficos. A terra prometida da sobrevivência será o reino da morte pacífica pela qual os humanistas estão lutando. Chega de Guernicas, chega de Auschwitzes, chega de Hiroshimas, chega de Setifs. Viva! Mas e quanto a impossibilidade de viver, a essa asfixiante mediocridade e essa ausência de paixão? E quanto a essa fúria ciumenta em que a irritação de nunca sermos nós mesmos nos leva a imaginar que as outras pessoas são felizes? E quanto a esse sentimento de nunca realmente estar dentro de nossa própria pele? Que ninguém diga que são detalhes menores e questões secundárias.⁵²

A lógica mecanicista e padronizada transplantada do modelo modernista à conjuntura social chega a tal ponto, que permite a conclusão de que nos encontramos em uma “*situação paradigmática de tédio*”.⁵³ Com efeito,

quando o repetitivo sussurro das fábricas substitui os ritmos do artesanato, o entorpecimento do trabalho alienado esvazia o significado do trabalho cotidiano e esgota a promessa fraudulenta do progresso moderno. Quando a eficiência se transforma em valor organizacional e cultural, proliferam previsibilidades, relatórios estatísticos emergem como medida de valor e o desenvolvimento pessoal e individual torna-se luxo que muitas organizações modernas não conseguem suportar. Quando a obediência a regras externas de regulação racionalizada define o sucesso e até mesmo

politics and interpersonal style, of criminalization and criminal event – can only be explained from inside the writing itself.” (tradução nossa)

⁵¹ FERREL, J. **Tédio, crime e criminologia: um convite à criminologia cultural**. Revista Brasileira de Ciências Criminais, Ano 18, n. 82, jan./fev., 2010, p. 341.

⁵² VANEIGEM, Raoul. **The revolution of everyday life**. London: Rebel Press, 2001, p. 35. No original: “*Blood upsets you? Never mind: men will be bloodless. The promised land of survival will be the realm of peaceful death that the humanists are fighting for. No more Guernicas, no more Auschwitzes, no more Hiroshimas, no more Setifs. Hooray! But what about the impossibility of living, what about this stifling mediocrity and this absence of passion? What about the jealous fury in which the rankling of never being ourselves drives us to imagine that other people are happy? What about this feeling of never really being inside your own skin? Let nobody say these are minor details or secondary points.*” (tradução nossa)

⁵³ FERRELL, 2010, p. 343.

a moralidade, a mesmice se torna uma virtude, a independência do pensamento um problema e os manuais literatura essencial ao cânone moderno.⁵⁴

Ainda, a linha de montagem estrutural do tédio começa cedo. As atuais instituições de ensino, sobretudo as de aprendizado inicial, operam como importante mecanismo de seleção de comportamentos - o normal e o anormal – e de subtração individual de toda parcela de criatividade inerente à condição humana. Nesse processo,

as escolas públicas emergem como centros de treinamento para o novo tédio, laboratórios para a sublimação da individualidade em eficiência disciplinar; e para aqueles insuficientemente socializados na nova ordem, o manicômio, a prisão e o centro juvenil são oferecidos como instituições dedicadas ao reforço do tédio.⁵⁵

As próprias tentativas de fuga e superação da entediante rotina de que se apossou a vida moderna também já se encontram preordenadas e dispostas no imaginário social. Desde a imposição de um consumismo desenfreado como forma de satisfação e realização pessoal à produção artística *blockbuster*, passando pela efêmera excitação das baladas noturnas, estímulo ao consumo de drogas lícitas – e ilícitas de forma não velada – até a excitação controlada do modelo *Disneyland*, tudo reverbera o sentimento de tédio. A indústria do prazer e do entretenimento oferece liberdade, mas entrega submissão. Como resultado, uma fome hedonista insaciável e vazio existencial.

Para **Ferrel**, as possíveis respostas a esta “*claustrofobia cultural*” são duas: desespero existencial e a resistência. Esta, é identificada em diversos grupos, seja desde início do processo de industrialização através dos i) *Industrial Workers of the World* (*Wobblies*), até movimentos contemporâneos como o ii) *Critical Mass* e iii) *Reclaim the Streets*. A esse respeito:

Mesmo quando Taylor e Ford calibravam seus instrumentos de organização do tédio, movimentos radicais como *Industrial Workers of the World* (os *Wobblies*), por exemplo, organizavam-se contra esta situação. [...] os *Wobblies* empregaram poemas, parábolas, músicas, brincadeiras, paródias e quadrinhos em suas ações diárias; entoaram hinos *Wobblies* durante greves e brigas de rua; encenaram a céu aberto. Os *Wobblies* eram, intencionalmente, antitédio. [...] Um século depois, grupos como *Critical Mass* e *Reclaim the Streets* igualmente adotaram postura contra o tédio. Combinando ativismo em duas rodas e revolução cultural, os participantes do *Critical Mass* definem suas exuberantes jornadas ciclísticas não como um protesto político tradicional, mas como uma celebração do *do it yourself* animada por música, ornamentos e brincadeiras. Na mesma linha, os ativistas do *Reclaim the Streets* se insurgem contra a regularidade da vida moderna e ocupam as ruas das cidades para realizar festivais comunitários espontâneos de prazer e criatividade. Para este e outros

⁵⁴ FERRELL, 2010, pp. 343-344

⁵⁵ FERRELL, 2010, p. 344.

grupos, o objetivo é ‘quebrar a rotina’ do tédio diário e reinstaurar no cotidiano a possibilidade do inesperado.⁵⁶

Diversos indivíduos e grupos – como *Wobblies*, *Critical Mass* e *Reclaim the Streets* – buscam em instantes de transcendência uma forma de resistência às estruturas do tédio e, nesse caminho, incorporam dinâmicas próprias de envolvimento e excitação.⁵⁷ Abordagem desse fenômeno se faz presente no estudo do *edgework*⁵⁸ desenvolvido por Lyng⁵⁹ e diversos outros autores⁶⁰. O objeto de investigação é revelado a partir da constatação de que diversos indivíduos se envolvem voluntariamente em atividades de alto risco e sem nenhuma retribuição aparente, não aos olhos do tedioso sujeito da modernidade. Os exemplos são muitos, voo de *skydivers*, pilotando motocicletas em alta velocidade, saltos de *base jump*, *slackline* nas alturas etc. Nessa linha,

a pergunta – por que alguém arriscaria sua vida quando não há qualquer recompensa material para tanto? – pode ser respondida facilmente. O que leva as pessoas à esportes “extremos”, ocupações perigosas, e outras atividades-limite é o caráter intensamente sedutor da experiência em si. Como os próprios participantes relatam, eles o fazem porque é divertido!⁶¹

A compreensão de “*limite*” presente nessas atividades pode ser definida de diversas formas: a fronteira entre sanidade e insanidade, consciência e inconsciência, e a mais importante, a linha que separa a vida da morte. Partindo dessas premissas, a conceituação da

⁵⁶ FERRELL, 2010, p. 346.

⁵⁷ FERRELL, 2010, p. 355.

⁵⁸ Como possível tradução para a expressão *edgework*, categoria de estudo muito presente na criminologia cultural, achamos por bem adotar o termo “atividade-limite”. Não se desconhece as correntes traduções da expressão como “ação-limite” ou “situação-limite”. Ocorre que, como se verá mais adiante, indivíduos engajados em práticas de assunção voluntária de risco o fazem em condições de continuidade e reiteração. Trata-se, em verdade, não de uma experiência isolada de busca de excitação, como talvez os termos “ação-limite” ou “situação-limite” deixem transparecer, mas de atividade regular desenvolvida por seus praticantes, inclusive com o compartilhamento de habilidades inerentes ao seu exercício. Obviamente que tal regularidade não se verifica como uma rotina cotidiana, sobretudo pelo risco de se incorrer justamente naquilo que se busca superar: o tédio. Contudo, pela limitação de qualquer tradução – e de qualquer tradutor – e por mera interpretação pessoal, achamos conveniente utilizar “atividade-limite”.

⁵⁹ LYNG, Stephen. **Edgework: a social psychological analysis of voluntary risk taking**. American Journal of Sociology, n. 4, vol. 95, 1990, p. 851-856. LYNG, Stephen (Ed.). **Edgework: the sociology of risk-taking**. New York; London: Routledge: 2004(a).

⁶⁰ FERRELL, Jeff. The Only Possible Adventure: Edgework and Anarchy. In: LYNG, Stephen (Ed.). **Edgework: the sociology of risk-taking**. New York; London: Routledge: 2004, p. 75-88. MILOVANIC, Dragan. Edgework: a subjective and structural model of negotiating boundaries. In: LYNG, Stephen (Ed.). **Edgework: the sociology of risk-taking**. New York; London: Routledge: 2004, p. 51-74. Dentre outros.

⁶¹ LYNG, Stephen. Edgework and risk-taking experience. In: LYNG, Stephen (Ed.). **Edgework: the sociology of risk-taking**. New York; London: Routledge: 2004(b), p. 5. No original: “The question—why would anyone risk their lives when there are no material rewards for doing so?—can be answered simply. What draws people to “extreme” sports, dangerous occupations, and other edgework activities is the intensely seductive character of the experience itself. As the participants themselves report, they do it because ‘it’s fun!’” (tradução nossa)

assunção voluntária de risco dirige atenção para as mais analiticamente relevantes características da experiência de risco assumido: as precisas habilidades que envolvem a prática e as poderosas sensações que seus praticantes tanto valorizam.⁶²

A partir dessa noção inicial, cumpre-nos verificar as razões estruturais que levam os indivíduos a se envolverem nessas atividades. Um motivo evidente, em consonância com toda problematização até aqui exposta, é como resposta a um tédio institucionalizado. Nesse caso, as atividades-limite operariam como resposta e resistência à moderna vida social que constringe e limita a criatividade e a busca por desenvolvimento pessoal. Com efeito,

estudos empíricos sobre atividades de assunção de risco também dão suporte implícito à visão de que as atividades-limites servem como veículo de fuga de condições sociais que produzem identidades atrofiadas e oferecem poucas oportunidades para transformação pessoal e desenvolvimento de seu caráter. [...] grupos organizados em torno de atividades de assunção de risco e de aventuras proporcionam refúgio para atores sociais confrontarem um ambiente formal e institucional que não alimentam suas necessidades totalmente.⁶³

Outra compreensão, porém, analisa as questões estruturais envolvendo as atividades-limite a partir de uma interconexão com o conceito de sociedade de risco (Beck). Aqui, a assunção de risco voluntário se dá como reflexo e peça chave de uma sociedade permeada de risco. Dessarte, a participação de indivíduos nessas práticas não se dá como busca por emancipação, mas tal empreendimento é visto como um meio de integração, de adequação à conjuntura social. Nessa linha,

como um princípio cultural emergente, a ética da assunção de risco parece estar de acordo com uma crescente demanda pelas percepções e habilidades das atividades-limite em diferentes setores institucionais da sociedade de risco. [...] da perspectiva do modelo da sociedade de risco, o crescente interesse pelas experiências de risco assumido é ditada por um imperativo estrutural governando a maioria dos setores institucionais, onde incertezas estão crescendo ao longo de tempo e novas demandas por gerenciamento de risco são colocadas para aqueles que ocupam posições dentro dessas instituições.⁶⁴

⁶² LYNG, 2004(b), p. 4.

⁶³ LYNG, 2004(b), p. 6. No original: “*Empirical studies of risk-taking activities also lend implicit support to the view that edgework serves as a vehicle of escape from social conditions that produce stunted identities and offer few opportunities for personal transformation and character development. [...] groups organized around risk-taking and adventure activities provide a refuge for social actors confronting a formal institutional environment that does not fully meet their needs.*” (tradução nossa)

⁶⁴ LYNG, 2004(b), pp. 8-9. No original: “*As an emerging cultural principle, the risk-taking ethic seems to accord with an increasing demand for edgework skills and perceptions in many different institutional sectors of the risk society. [...] from the perspective of the risk society model, the growing interest in the risk-taking experience is dictated by a structural imperative governing most institutional sectors, where uncertainties are increasing over time and new demands for risk management are being placed on those who occupy positions within these institutions.*” (tradução nossa)

Essas duas visões estruturais do *edgework* aparentemente se colocam em oposição, “*the edgework paradox*”. Isso porque se em uma, a atividade-limite é vista na tentativa de superar as barreiras impostas pelas estruturas sociais mecanizadas da modernidade tardia, na outra perspectiva os *edgeworkers*⁶⁵ buscam uma melhor integração ao ambiente institucional.⁶⁶ Apesar de inexistir resposta definitiva a esse conflito, **Lyng** propõe que devemos considerar a possibilidade na qual

as pessoas possam, em um nível, buscar uma experiência de risco assumido para determinação pessoal e transcendência em um ambiente de super-regulação social, enquanto em outro nível elas aplicam o capital humano criado por essa experiência para atravessar os desafios da sociedade de risco.⁶⁷

O mencionado *edgework paradox* reflete a complexidade da investigação das práticas de risco voluntário assumido na contemporaneidade, e é nesse senso de complexidade que tal experiência deve ser apreciada.⁶⁸

Ocorre que essas atividades não são bem vistas por uma sociedade tediosa. Nesse contexto, aparente confusão de conceitos e de propósitos exsurge pela explicação dada pelo senso comum às atividades-limite. Em uma dupla confusão, *edgeworkers* são vistos ou como desajustados, descontrolados, que buscam a autodestruição, colocando em perigo os que estão a sua volta, por meio de suas práticas extremamente arriscadas, imprudentes – *common folk* –, ou como socialmente instáveis e que viam somente a instauração do caos e da desordem em uma espécie de prazer sádico – *authorities*. Ambas errôneas visões não compreendem ou dolosamente negligenciam a paixão comum de tais movimentos: o completo vício pela tensão entre arte e abandono, pela dialética caos-controle, pela estranha música audível no momento em que se “*abusa da sorte*” na confiança da perícia individual. No momento da atividade-limite uma espécie de mágica emerge: você tem que se segurar e se soltar ao mesmo tempo.⁶⁹

Para **Ferrell**, o que os *edgeworkers* buscam é tomar o controle de suas próprias vidas. A saber:

as atividades-limite operam como um exercício de autocontrole. Mas sejamos claros: não é o autocontrole pelo próprio autocontrole, não como num rígido regime autoimpositivo. Claro que não. É autocontrole no lugar de controle pela igreja, estado,

⁶⁵ Os praticantes das atividades-limite.

⁶⁶ LYNG, 2004(b), pp. 9-10.

⁶⁷ LYNG, 2004(b), p. 10. No original: “[...] people may, on one level, seek a risk-taking experience of personal determination and transcendence in an environment of social overregulation, whereas on another level they employ the human capital created by this experience to navigate the challenges of the risk society.” (tradução nossa)

⁶⁸ LYNG, 2004(b), p. 10.

⁶⁹ FERRELL, 2004, p. 78.

ou trabalho, baseado na compreensão em que se você não controlar a si mesmo, alguém irá. É autocontrole por uma questão de autodeterminação, autocontrole acompanhado com grandes doses de aleatoriedade e espontaneidade, autocontrole no interesse de segurar-se em sua vida enquanto se deixa levar.⁷⁰

Buscam, outrossim, no preciso momento de excitação pela “*descarga de adrenalina*” uma espécie de transcendência, de resistência às autoridades legais e econômicas. Um momento de autoliberação, uma subversão do controle social através de ação direta, uma inversão das hierarquias habituais que governam a vida diária, uma espécie de fenomenologia da liberdade.⁷¹

É nesse momento que as atividades-limite se aproximam dos prazeres e excitações que advém da prática do ilícito. A sensação de superação das barreiras sociais impostas, de transcendência da hierarquização e de controle da situação em uma vida descontrolada. Sobre essas intersecções entre atividades-limite e práticas criminosas, **Lyng** destaca:

A centralidade do caos e incertezas nesses tipos de empreendimentos criminosos indicam que estes são claros exemplos de negociação de fronteiras em torno do limite separando ordem e desordem. Como em outras atividades-limite, esses criminosos aparentam ser atraídos pelos desafios apresentados por essas circunstâncias para exercitar o controle sobre uma situação aparentemente incontrolável.⁷²

Humilhados pela perspectiva de entrar em uma sociedade burocrática, tecnológica, com recursos limitados e o estigma de classe baixa ou a condição de minoria, os criminosos dependem de transformações emocionais como uma forma de fuga.⁷³ Nesse caso,

para se compreender o sedutivo apelo do ilícito, atividades-limite criminosas, devemos apreciar a oportunidade que elas oferecem para uma experiência de “outro mundo” – a chance de experimentar uma realidade alternativa circunscrita por dinâmicas sensuais que são radicalmente diferentes daquela realidade social ordinária.⁷⁴

⁷⁰ FERRELL, 2004, p. 81. No original: “[...] *edgework* [...] operate as exercises in self-control. But let’s be clear: It’s not self-control for the sake of self-control, not some rigid self-imposed regimen. Oh hell no. It’s self-control in place of control by church, state, or job, based on the understanding that if you don’t control yourself, somebody else will. It’s self-control for the sake of self-determination, self-control cut with big doses of randomness and spontaneity, self-control in the interest of holding on to your life while letting go of it.” (tradução nossa)

⁷¹ FERRELL, 2004, p. 84.

⁷² LYNNG, Stephen. *Sociology at the edge: social theory and voluntary risk taking*. In: LYNNG, Stephen (Ed.). **Edgework: the sociology of risk-taking**. New York; London: Routledge: 2004(c), pp. 27-28. No original: “*The centrality of chaos and uncertainty to these kinds of criminal enterprises indicates that they are clear instances of boundary negotiation along an edge separating order and disorder. Like other types of edgeworkers, these criminals appear to be drawn to the challenge presented by such circumstances to exercise control over a seemingly uncontrollable situation*”. (tradução nossa)

⁷³ LYNNG, 2004(c), p. 28.

⁷⁴ LYNNG, 2004(c), p. 29. No original: “[...] *to understand the seductive appeal of illicit, criminal edgework, one must appreciate the opportunity it offers for an “other world” experience—the chance to experience an alternative reality circumscribed by sensual dynamics that are radically different from those of mundane social reality.*”

Além disso, a criminalização e controle sociais de diversas atividades individuais e de grupos servem apenas para potencializar a experiência e tornar a sua prática ainda mais atrativa e desejada pelos “*perseguidores do limite*”. A esse respeito, destaca-se importante relato de **Ferrell** sobre efeito ampliativo que a criminalização do grafite exerceu em seus praticantes:

O ímpeto de estar numa aventura noturna com outros grafiteiros, de ver sua arte tomar corpo na parede de um beco, é uma coisa, mas o ímpeto de fazer tudo isso quando a mídia local nos rotula como a pior ameaça criminosa da cidade, quando o prefeito está extremamente irritado pelo “problema local do grafite”, quando a polícia realizava varreduras com holofotes e patrulhas especiais – agora, aquilo era algo diferente.⁷⁵

Por fim, é de se concluir que, afinal, os consumidores, praticantes de atividades-limite, revolucionários culturais e indivíduos envolvidos na prática de crimes não são categorias tão díspares quanto se supunha. Em todos os casos, “*a procura desesperada de vida em meio ao mortificante tédio, a fronteira entre prazer e a dor, entre crime e a comodidade, pode ser, de fato, sutil*”.⁷⁶ O que nos resta, portanto, é tentar descortinar tais interconexões, já que, como ponderam **Ferrell** e **Vaneigem**, “*we have a world of pleasures to win, and nothing to lose but boredom*”.⁷⁷

1.3 A mídia e o crime: um fluxo contínuo de imagens e significados

A representação do crime e do seu controle, atualmente, apresenta-se em constante movimento. Vivemos em uma espécie de festival midiático, espetáculo digital, no qual as imagens do crime e do desvio circulam diuturnamente, imiscuindo-se cada vez mais a tênue linha entre o real e o imaginário. Desde a expressiva reprodução, nas mais variadas formas, em veículos jornalísticos como informação, passando por programas policiais (*Linha Direta*, *Cidade Alerta*, *Brasil Urgente*, dentre outros) e programas de entretenimento, como telenovelas, seriados (*CSI: Crime Scene Investigation*, *Criminal Minds*, *Law and Order SVU*,

⁷⁵ FERRELL, 1997, p. 83. No original: “*The rush of being out on a nocturnal adventure with other writers, of seeing our art take shape on an alley wall, was one thing, but the rush of doing this when the local media was labelling us the city’s worst crime threat, when the mayor was seriously pissed off by the local “graffiti problem,” when the police were sweeping by with spotlights and special patrols—now, that was something else.*” (tradução nossa)

⁷⁶ FERRELL, 2010, p. 349.

⁷⁷ VANEIGEM, 2001, p. 279. FERRELL, 2010, p. 358. “*Nós temos um mundo de prazeres a vencer, e nada a perder a não ser o tédio.*” (tradução nossa)

Cold Case, *NCIS* etc.), programas de auditório ou comerciais, a violência e o crime são temáticas centrais da modernidade recente. Com efeito, consoante aduzem **Ferrell, Hayward e Young**, “*nesse mundo as ruas moldam as telas e as telas moldam as ruas; não há claramente uma sequência linear, mas ao invés uma inconstante interação entre real e virtual, entre factual e ficcional*”.⁷⁸

O significado do crime, por sua vez, apresenta-se cada vez mais indefinido e inconstante, circunscrito aos movimentos das imagens que o retratam. Não obstante, refutando-se uma ideia de fluidez incerta e aleatória, deve ser possível identificar os parâmetros desses movimentos, já que tais significados deixam rastro de influência e compreensão, oferecendo assim uma trajetória identificável.⁷⁹ Nesse sentido,

hoje, enquanto criminosos gravam seus crimes e os publicam no *YouTube*, enquanto agentes de segurança pública examinam a formação de imagens dos criminosos em milhões de monitores de vigilância em todo o mundo, enquanto grupos rebeldes publicam compilações de vídeos (filmados de vários ângulos) de bem-sucedidos atentados suicidas e detonações de Artefatos Explosivos Improvisados (bombas caseiras) à beira de estrada, enquanto imagens de brutalidade e vitimização surgem em telas de computadores nos ambientes de trabalho e em aparelhos celulares de crianças, enquanto *Reality Shows* levam seus observadores de forma cada vez mais profunda no mundo das “batidas policiais” e dos ambientes prisionais, não pode haver outra opção senão desenvolver uma exaustiva criminologia visual.⁸⁰

Mostra-se relevante, sem embargo, não apenas um estudo parcial e deslocado dessas imagens, mas uma nova orientação metodológica em torno do visual que seja capaz de abranger significado, emoção, situação, poder simbólico e eficiência, e espetáculo na mesma “*moldura*”. Nessa linha, essa nova abordagem deve buscar fundir uma atenção visual precisa com uma análise politicamente carregada, estar atenta nas formas de representação e de estilo assim como nos modos em que essa cultura visual impacta no comportamento individual e coletivo.⁸¹

⁷⁸ FERRELL; HAYWARD; YOUNG, 2008, pp. 123-124. No original: “*In this world the streets scripts the screen and the screen scripts the street; there is no clearly linear sequence, but rather a shifting interplay between the real and the virtual, the factual and the fictional.*” (tradução nossa)

⁷⁹ FERRELL; HAYWARD; YOUNG, 2008, p. 125.

⁸⁰ HAYWARD, Keith. Opening the lens: cultural criminology and the image. In: HAYWARD, Keith; PRESDEE, Mike (Eds.). **Framing Crime: cultural criminology and the image**. New York: Routledge, 2010, p. 2. No original: “*Today, as criminals videotape their crimes and post them on YouTube, as security agents scrutinize the imagemaking of criminals on millions of surveillance monitors around the world, as insurrectionist groups upload video compilations (filmed from several angles) of ‘successful’ suicide bomb attacks and roadside IED (Improvised Explosive Device) detonations, as images of brutality and victimization pop up on office computer screens and children’s mobile phones, as ‘reality TV’ shows take the viewer ever deeper inside the world of the beat cop and the prison setting, there can be no other option but the development of a thoroughgoing visual criminology.*” (tradução nossa)

⁸¹ HAYWARD, 2010, p. 3.

Ocorre que a revisão das construções até então realizadas sobre a relação entre crime e mídia indica um profundo reducionismo em suas análises. Partem de um objeto segmentado que não consegue inteiramente problematizar a complexa relação entre crime e mídia e o fluxo de significados que dessa interação se origina.⁸² A esse respeito, consoante esclarecem **Ferrell, Hayward e Young**, foram desenvolvidos estudos em diversas linhas de observação, mas que permitem a sistematização em três vertentes principais: i) análises de conteúdo (*content analysis*), modelo de análise da mídia de massa – palavras, parágrafos, figuras – caracterizado pela simples descrição quantitativa, com pretensão objetiva, do conteúdo sobre crime presente na mídia; ii) pesquisa sobre os efeitos da mídia (*media 'effects' research*), marcada pela tentativa de estabelecer um padrão, partindo-se de experimentação controlada, entre a exposição de conteúdo sobre crime e desvio e uma subsequente ação, comportamento ou pensamento; iii) observação das formas de produção da mídia (*media production observation*), na qual se procura investigar os processos de criação do conteúdo da mídia e os fatores de influência. Duas correntes emergem de tal análise: iii.a) uma liberal pluralista, considerando que qualquer influência externa corporativa ou estatal é suplantada pelo profissionalismo dos jornalistas e pela difícil tarefa de se obter uma notícia; iii.b) uma concepção de produção da mídia radical, influenciada pelos trabalhos da escola de Frankfurt, Marx e Gramsci. Dessa vertente se apresenta a análise de propaganda de Chomsky – para a qual a representação de uma mídia de celebridades tem o fim último de alienar qualquer discussão sócio-política crítica e manter o domínio da classe hegemônica por um “consentimento manufaturado” – e o modelo hegemônico de produção midiática (*'hegemonic model' of news production*) – o qual entende que a produção midiática representa um constante embate entre classe dominante e dominada, processo em que uma batalha ideológica entra em cena e a dinâmica de poder é reforçada.⁸³

Ainda que relevantes, as abordagens acima retratadas se mostram insuficientes para desembaraçar a intrincada e não linear interação entre mídia e crime, hoje amplificada pela mídia de massa, popularização da internet e desenvolvimento tecnológico dos dispositivos eletrônicos.⁸⁴ O que se requer, todavia, são

novos modos de análises que utilizem aspectos das abordagens acima mencionadas sem reproduzir as antigas fórmulas e ultrapassados dualismos: muito ou pouco de

⁸² FERRELL; HAYWARD; YOUNG, 2008, p. 125.

⁸³ FERRELL; HAYWARD; YOUNG, 2008, pp. 125-128.

⁸⁴ FERRELL; HAYWARD; YOUNG, 2008, p. 129.

análise de conteúdo a respeito do crime, existência ou não de efeitos nas imagens violentas, cobertura da mídia do crime democrática ou elitista.⁸⁵

Assim, o foco da criminologia cultural, e de qualquer ramo da criminologia crítica que se proponha analisar o fenômeno da violência e do crime na modernidade recente, deve ser superar as correntes linhas de investigação da relação entre crime e mídia e buscar conceber e identificar os vários caminhos em que processos de produções visuais e trocas culturais atualmente constituem a própria experiência do crime.⁸⁶ Isso porque a compreensão do fato criminoso varia de acordo com a representação que lhe é dada, podendo ser utilizado tanto como meio de incriminação ou de comprovação da inocência:

[...] o poder da imagem – seja uma fotografia da cena do crime, um corte de baixa resolução de um circuito interno de um sistema de vigilância, ou uma perseguição automotiva filmada a partir de uma câmera policial em um helicóptero – não é algo que o Estado e seus agentes podem totalmente possuir ou controlar. Longe disso – a força da imagem, o poder, o espetáculo do visual é simplesmente multidimensional. Imagens permeiam o fluxo de significado cultural de muitas maneiras, e assim como elas podem ser usadas para servir ao Estado, elas podem também ser usadas para criticá-lo e miná-lo.⁸⁷

Curioso caso que sintetiza o fenômeno acima descrito nos é apresentado por **Hayward**. O fato é datado em 28 de julho de 2008 e situado na *Times Square* em um dos passeios ciclísticos mensais do movimento *Critical Mass*, este já mencionado. É relatado que o ciclista Christopher Long, de 29 anos, envolveu-se em uma colisão com um Recruta da Polícia de Nova York, oficial Patrick Pogan. Como pano de fundo encontrava-se a crescente tensão entre o movimento *Critical Mass* e a Polícia de Nova York desde 2004, quando 250 ativistas foram presos por protestar contra a Convenção Nacional Republicana sem autorização. Na ocasião, Christopher Long foi preso com acusações de tentativa de agressão em terceiro grau, resistência e “conduta desordenada”. Ocorre que alguns dias após o incidente, um vídeo até então desconhecido, gravado por um turista, veio à tona. Foi publicado no *Youtube*⁸⁸ e em

⁸⁵ FERRELL; HAYWARD; YOUNG, 2008, P. 129. No original: “[...] *new modes of analysis that utilize aspects of the above approaches without reproducing their old formula and outdated dualisms: too much or too little media content regarding crime, effects or no effects of violent imagery, media coverage of crime that is democratic or elitist.*” (tradução nossa)

⁸⁶ HAYWARD, 2010, p. 5.

⁸⁷ HAYWARD, 2010, p. 6. No original: “[...] *the power of the image – be it a crime scene photograph, a slice of low-res CCTV footage from a surveillance film, or a car chase shot from a police helicopter cam – is not something that the State and its agents can ever fully own or control. Far from it – the force of the image, the power, and spectacle of the visual is simply too multidimensional. Images permeate the flow of cultural meaning in any number of ways, and just as they can be used to serve the State, they can also be used to critique and undermine it.*” (tradução nossa)

⁸⁸ Critical Mass Bicyclist Assaulted by NYPD. **YouTube**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oUkiyBVytRQ>> Acesso em 1º de maio de 2015.

poucos dias já contava com milhões de visualizações. Revelou-se, ao contrário do que anteriormente se supunha, que a colisão foi deliberadamente provocada pelo oficial Patrick Pogan, o qual violentamente derrubou Christopher Long contra o pavimento. Essa pequena colisão se transformou em grande notícia, de modo que, em função da ampla pressão popular sobre a Polícia de Nova York, o oficial Patrick Pogan foi suspenso de suas atividades e posteriormente condenado pelo júri de Manhattan por falsificação de relatório policial e agressão.⁸⁹

A velocidade e o poder de difusão alcançadas pela reprodução midiática nos dias atuais – exemplificada na situação anteriormente mencionada – também é objeto de análise da criminologia cultural. De fato, a rapidez de circulação das notícias, imagens indiretas, vídeos e relatos é uma das características mais marcantes da modernidade recente. Em poucos minutos tem-se acesso a acontecimentos ocorridos do outro lado do mundo. Não obstante, talvez mais importante seja a própria natureza da circulação em si, isto é, o alcance em que imagens e informações, transmitidas em alta velocidade, reverberam e se curvam sobre si mesmas, formando uma fluída porosidade de significados.⁹⁰ Nessa linha, “*a fluidez da cultura contemporânea não apenas leva consigo o significado do crime e da criminalidade; ela circula de volta para amplificar, distorcer e definir a própria experiência do crime e da criminalidade*”.⁹¹

O percurso de circulação das imagens, dessarte, não se apresenta como uma trajetória linear e sequencial. É marcado, por outro lado, por uma série de *loops*, círculos pelos quais uma imagem se torna o conteúdo da outra, ou por um extenso *hall* de espelhos (Ferrell), nos quais as imagens ricocheteiam interminavelmente umas sobre as outras.⁹² Com efeito, a

cultura contemporânea pode ser conceituada por uma série de *loops*, um processo contínuo pelo qual a vida cotidiana se recria na sua própria imagem. A saturação das situações sociais pela representação e informação sugerem que a sequência linear de significados está, agora, praticamente perdida, substituída por uma versão maléfica do mundo onde os fantasmas da significação circulam de volta para assombrar, reviver, aquilo que eles significam. [...] independentemente da metáfora [*loops* da mídia ou *hall* de espelhos], cada uma delas captam algo do mesmo processo: uma circulante fluidez cultural que destrói completamente qualquer distinção precisa entre o evento e sua representação, uma imagem indireta e seus efeitos, o momento do crime e a sua contínua construção dentro dos significados coletivos. [...] nós pretendemos sugerir um mundo da modernidade recente no qual a arenosa, vívida realidade do crime, da violência, e da Justiça cotidiana é perigosamente confundida com a sua própria

⁸⁹ HAYWARD, 2010, p. 8.

⁹⁰ FERREL; HAYWARD; YOUNG, 2008, p. 129.

⁹¹ FERREL; HAYWARD; YOUNG, 2008, p. 130. No original: “*The fluidity of contemporary culture not only carries along the meaning of crime and criminality; it circles back to amplify, distort, and define the experience of crime and criminality itself.*” (tradução nossa)

⁹² FERRELL; HAYWARD; YOUNG, 2008, p. 130.

representação. [...] E quando se trata de crime, transgressão, e controle, esta circularidade encurvada oferece uma dinâmica que entrelaça o lúdico com o perverso.⁹³

Um fato recente, largamente noticiado pelos veículos midiáticos, ilustra de forma precisa esse movimento circular indefinido pelos quais as imagens e significados do crime e do desvio percorrem. No dia 3 de abril do ano de 2015 em um supermercado na cidade de Brusque/SC, um indivíduo foi abordado pelo gerente do estabelecimento ao tentar subtrair quatro peças de picanha. Fato até então corriqueiro no ambiente das grandes cidades. O agente da subtração foi conduzido à delegacia de polícia local e foi procedida à oitiva dos envolvidos. Ocorre que apesar de reconhecer a tentativa de furto, o conduzido afirmou que tentara subtrair apenas quatro peças de picanha, e não quatorze como apresentado pelo gerente do supermercado. Este, indagado pelo Delegado de Polícia David Queiroz à frente do caso, confirmou peremptoriamente que havia “implantado” outras dez peças de picanha àquelas subtraídas pelo conduzido para garantir que esse fosse preso. O desfecho inusitado do ocorrido foi que juntamente com conduzido, preso por tentativa de furto, o gerente do supermercado foi preso fraude processual. A singularidade do caso fez com este rapidamente se tornasse comentado e discutido pela população local, a qual estranhou a prisão do gerente do supermercado, já que este apenas tentara assegurar a prisão de um “*criminoso*”. Em resposta, o Delegado de Polícia publicou depoimento pessoal no *Facebook*⁹⁴, em que relatava as razões da prisão do gerente, e como era errônea a tentativa de fazer justiça com as próprias mãos. A divulgação do relato tomou enormes proporções, em poucos dias milhares de “*curtidas*” e “*compartilhamentos*”⁹⁵. Posteriormente, o próprio Delegado comentou o ocorrido em portal

⁹³ FERRELL; HAYWARD; YOUNG, 2008, p. 130. No original: “[...] *contemporary culture can be conceptualized as a series of loops, an ongoing process by which everyday life recreates itself in its own image. The saturation of social situations with representation and information suggest that the linear sequencing of meaning is now mostly lost, replaced by a dopplegänger world where the ghosts of signification circle back to haunt, and revive, that which they signify. [...] No matter the metaphor [media loops or hall of mirrors], each catches something of same process: a circulating cultural fluidity that overwhelms any certain distinction between an event and its representation, a mediated image and its effects, a criminal moment and its ongoing construction within collective meaning. [...] we mean to suggest a late modern world in which the gritty, on-the-ground reality of crime, violence, and everyday justice is dangerous confounded with its own representation [...] And when it comes to crime, transgression, and control, this looping circularity offers up dynamics that interweave the ludicrous with the malicious.*” (tradução nossa)

⁹⁴ QUEIROZ, David. [publicação sobre furto de picanha ocorrido na cidade de Brusque/SC]. **Facebook**. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/permalink.php?story_fbid=1612713012300119&id=100006843075263&fref=nf> Acesso em 1º de maio de 2015(a).

⁹⁵ Atualmente, a publicação conta com mais de onze mil “curtidas” e três mil “compartilhamentos”.

jurídico de grande circulação (*Empório do Direito*)⁹⁶. O fato foi noticiado por programas televisivos de todo o estado (*Jornal do Almoço, Cidade Alerta* dentre outros)⁹⁷. E em menos de uma semana alcançou portais de notícias e jornais de circulação nacional (*G1, Folha de São Paulo, Migalhas* etc.)⁹⁸. Aqui se percebe o alcance com que as imagens do crime, e os significados que delas se desprendem, circulam, refletem, reverberam, como melhor descreve **Ferrell**, nesse amplo *hall* de espelhos. E o que mais evidencia tal processo, de fusão entre o crime e sua representação, é que, no percurso da notícia do furto de picanha, pouco se comentava sobre o acontecimento criminoso em si – o momento, o local, a característica dos envolvidos, a motivação para subtração da picanha, até mesmo os desdobramentos da prisão dos envolvidos com eventual oferecimento de denúncia pelo Ministério Público ou início de ação penal –, o que se discutia era a representação do crime dada pelo Delegado de Polícia e eventual acerto na posição adotada.

A observação da sequência de *loops* pelos quais passam as imagens do crime e seus significados, todavia, por vezes não se mostra suficiente para compreender toda a sua trajetória. Isso porque, em certos casos, tais *loops* são utilizados repetidas vezes com um propósito específico, qual seja, a criação de um discurso maior, em uma espécie de espiral de significados. Nesse sentido,

por vezes *loops* como os mencionados permanecem relativamente independentes, ocorrendo como pequenos episódios que voltam sobre si mesmos; mais frequentemente eles emergem dentro de processos maiores de significados coletivos, mas como uma torção ou curva em uma espiral contínua de cultura e crime. Nesse sentido a noção de ‘*loops*’, enquanto certamente compreende algo da contemporânea reflexividade fluída da cultura, às vezes oferece apenas alguns quadros de um filme maior. [...] o significado coletivo do crime e do desvio não é produzido em uma única vez, mas em repetidas vezes como uma parte de uma crescente espiral que percorre o seu caminho para traz e para frente através das versões midiáticas, ações localizadas e percepção pública. E nessa espiral, o próximo *loop* de significados dificilmente retorna ao ponto inicial, mas se afasta e segue em frente para novas experiências e

⁹⁶ QUEIROZ, David. Não fiz concurso para Batman!. **Empório do Direito**. Disponível em: <<http://emporiiodireito.com.br/nao-fiz-concurso-para-batman-por-david-queiroz/>> Acesso em 1º de maio de 2015(b).

⁹⁷ Gerente recebe voz de prisão por fraudar provas de furto de picanha. **Globo.tv**. Disponível em: <<http://globo.globo.com/rbs-sc/jornal-do-almoco-sc/v/gerente-recebe-voz-de-prisao-por-fraudar-provas-de-furto-de-picanha/4100680/>> Acesso em 1º de maio de 2015. Gerente pode ser preso após mentir em caso de furto de picanha em Brusque. **Ricmais**. Disponível em: <<http://ricmais.com.br/sc/seguranca/videos/gerente-pode-ser-preso-apos-mentir-em-caso-de-furto-de-picanha-em-brusque/>> Acesso em 1º de maio de 2015.

⁹⁸ Gerente recebe voz de prisão por fraudar provas de furto de picanha. **G1**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2015/04/gerente-recebe-voz-de-prisao-por-fraudar-provas-de-furto-de-picanha.html>> Acesso em 1º de maio de 2015. Gerente ‘amplia’ furto de picanha e é preso junto com ladrão em SC. **Folha de São Paulo**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/04/1614175-gerente-amplia-furto-de-picanha-e-e-preso-junto-com-ladrao-em-sc.shtml>> Acesso em 1º de maio de 2015. OLIVEIRA JÚNIOR, Eudes Quintino de. O gerente e o furto de picanha. **Migalhas**. Disponível em: <<http://www.migalhas.com.br/dePeso/16,MI219164,71043-O+gerente+e+o+furto+de+picanha>> Acesso em 1º de maio de 2015.

novas percepções, e ao mesmo ecoando, e outras vezes sabotando, significados e experiências já construídos.⁹⁹

Seja a partir de diversos seriados, filmes e programas televisivos que retratam a atuação policial (*COPS*, *S.W.A.T.*, *Polícia24h*, *Operação Policial*, *Operação de Risco*, *Tropa de Elite* etc.), no intuito de criação de uma cultura policial como modo de legitimação de suas atividades, ou o propagado discurso antidrogas, por meio de campanhas que retratam os mais variados crimes como consequência direta do uso e venda de drogas, é possível constatar que, de fato, a reprodução do crime se insere, em diversas ocasiões, num contexto de formação de significados coletivos preordenados e com fins político-sociais predefinidos. A esse respeito, destaca-se a análise de **Rocha** sobre o papel da mídia como reforço do discurso de controle social e de ampliação dos estigmas da criminalidade, a saber:

[...] os jornalistas, ao produzirem notícias que reproduzem os discursos dos agentes de controle social, reproduzem a lógica dos agentes de controle social, com destaque para a violência urbana, reduzida a ações de indivíduos e grupos definidos, que define para o senso comum toda a criminalidade, e difundindo o medo na sociedade. [...] É nesse sentido que uma lógica circular se estabelece com as notícias reforçando o senso comum e seus pré-conceitos a respeito do crime e dos criminosos, legitimando as demandas e ações sociais sobre os mesmos, que reproduzirão as mesmas ações, (re)produzindo assim ‘novas’ notícias.¹⁰⁰

Em paralelo a esse processo de direcionamento das imagens do delito como meio de criação de um sentido comum, outra característica marcante da mídia na modernidade recente se verifica na apropriação do crime e da violência e posterior transformação em produtos de entretenimento. Nessa linha, “[...] *dentro da cultura de consumo, o crime se torna uma estética, um estilo, uma moda – e assim a distinção entre representação da criminalidade e a busca do prazer estilizado, especialmente prazer juvenil, evapora*”.¹⁰¹

Os exemplos são inúmeros, desde um vasto gênero de jogos de *videogame* com foco direto no crime e violência (*Grand Theft Auto V*, *Far Cry 4*, *Max Payne 3*, *Hitman: Absolution*,

⁹⁹ FERRELL, HAYWARD, YOUNG, 2008, pp. 132-133. No original: “At times loops such as these remain relatively self-contained, playing out as little episodes that back on themselves; more often they emerge within larger process of collective meaning, as but one twist or turn in an ongoing spiral of culture and crime. In this sense the notion of ‘loops’, while certainly catching something of contemporary culture’s fluid reflexivity, sometimes offers only a few frames from a longer film. [...] the collective meaning of crime and deviance is made not once but time and again, as part of an amplifying spiral that wends its way back and forth through media accounts, situated action, and public perception. Spiraling in this way, the next loop of meaning never quite comes back around, instead moving on and away to new experiences and new perceptions, all the while echoing, or other times undermining, meanings and experiences already constructed.” (tradução nossa)

¹⁰⁰ ROCHA, A. F. O. da. **Criminologia e mídia: sistema penal e organizações privadas de comunicação social em busca por poder simbólico**. Revista da AJURIS, Ano 37, n. 118, jun., 2010, p. 21.

¹⁰¹ FERRELL; HAYWARD; YOUNG, 2008, p. 140.

dentre tantos outros), pela apropriação do *gangsta rap*, com o apelo da “vida das ruas” e da identidade ilícita, ou ainda por incontáveis anúncios publicitários que retratam o vandalismo, o uso de drogas e a violência.¹⁰² Ainda, caso emblemático desse processo de comoditização do crime e da violência é retratado por **Ferrell, Hayward e Young**, os quais descrevem a produção cinematográfica denominada *Bumfights*. Nesses vídeos, diversos moradores de rua ou viciados em drogas são filmados em cena de lutas, em troca de bebidas ou dinheiro, e posteriormente disponibilizados na *Internet* para compra.¹⁰³ Como resultado, mais de seiscentas mil cópias do título *Bumfights* foram vendidas ao redor do mundo.¹⁰⁴ Nesse contexto,

em meio à contemporânea paisagem midiática, então, crime e violência se tornam *commodities* baratas, esvaziados de suas intrínsecas consequências, vendidos como atrativos de entretenimento e espetáculo digital. Estas últimas transformações na violência indireta, por sua vez, reiteram estereótipos de gênero e classe, e ressalta uma cultura contemporânea maléfica de comercialização da agressão e machismo hiperviolento. Nesse percurso, destroem-se velhas distinções entre o real e a imagem, entre causa indireta e efeito, tornando-se incorporado na cultura cotidiana da juventude e do consumo.¹⁰⁵

Em vista da amplitude de possibilidades de observação da interação entre crime e mídia – análises de conteúdo, efeitos da mídia, produção midiática, *loops* midiáticos, *hall* de espelhos, espirais de significados, comoditização do crime e da violência etc. –, resta evidente a impossibilidade de um estudo segmentado e parcial, mas que deve estar inserido complexidade introduzida pela modernidade recente.

¹⁰² Propaganda da marca *Sisley* que retratava duas mulheres aparentemente drogadas, “consumindo” um vestido em alusão ao consumo de cocaína. Disponível em: <<http://adsoftheworld.com/sites/default/files/images/SISLEY-FASHION-JUNKIE-1.jpg>> Acesso em 1º de maio de 2015. Propaganda da marca *United Colors of Benetton*, em 2000, que mostrava a foto de um condenado à pena de morte como divulgação da campanha “We, On The Death Row” (nós, no corredor da morte). Disponível em: <http://images.vogue.it/imgs/galleries/encyclo/fotografi/016483/adv-benetton-oliviero-toscani-we-on-death-row-3001245_0x420.jpg> Acesso em 1º de maio de 2015. Propaganda da marca de roupas *Duncan Quinn*, em 2008, que reproduzia a imagem de uma mulher seminua, aparentemente morta, com uma gravata amarrada ao redor do seu pescoço, segurada por um homem. Disponível em: <<http://madamepickwickartblog.com/wp-content/uploads/2011/03/quinn1.jpg>> Acesso em 1º de maio de 2015.

¹⁰³ *Bum Fights 2 DVD*. **Amazon**. Disponível em: <http://www.amazon.com/Bum-Fights-2-DVD/dp/B00IQKFUHE/ref=sr_1_1?s=movies-tv&ie=UTF8&qid=1430695377&sr=1-1&keywords=bum+fights> Acesso em 1º de maio de 2015.

¹⁰⁴ FERRELL; HAYWARD; YOUNG, 2008, p. 143.

¹⁰⁵ FERRELL; HAYWARD; YOUNG, 2008, p. 144. No original: “*Amidst the contemporary mediascape, then, crime and violence become cheap commodities, emptied of their embodied consequences, sold as seductions of entertainment and digital spectacle. These latest transformations in mediated violence in turn reaffirm gender and class stereotypes, and highlight a mean-spirited contemporary culture of marketed aggression and hyperviolent machismo. Along the way they obliterate old distinctions between the real and the image, between mediated cause and effect, becoming embedded in the everyday cultures of youth and consumption.*” (tradução nossa)

1.4 Pesquisas recentes no campo da criminologia cultural

Não obstante seu recente desenvolvimento, verifica-se representativa produção acadêmica da criminologia cultural nos seus mais variados focos de observação do crime e do desvio no contexto da modernidade recente. Merecem destaque, todavia, dois trabalhos de **Ferrell**, os quais, partindo de uma análise de subculturas desviantes, reforçam a dimensão cultural do crime e estabelecem os contornos da investigação criminológica cultural.

O primeiro deles, verdadeiro marco para o surgimento da criminologia cultural como vertente criminológica autônoma, é *Crimes of Style: urban graffiti and the politics of criminality*¹⁰⁶. Nessa pesquisa, datada em meados da década de 90 do século passado, **Ferrell** imerge na subcultura do grafite na cidade de Denver nos Estados Unidos, e passa a conviver e interagir diariamente com seus membros, compartilhando de suas experiências e sentimentos, como meio próprio para a investigação de todos os conflitos que se apresentam da vivência subcultural. São retratadas desde a origem da subcultura, passando pela relação entre seus membros, a relação com as autoridades e com a população da cidade, assim como as características peculiares do ato desviante por seu aspecto estético.

Ferrell destaca, em seu relato, que a formação da identidade subcultural dos grafiteiros de Dever se originou a partir de encontros casuais entre artistas que dividiam suas experiências, observando trabalhos uns dos outros e formando grupos. Além disso, a adoção de espaços comuns para a prática da arte se apresenta como outro elemento fundamental, em que tais interações puderam se tornar simbolicamente e fisicamente possíveis. São descritos diversos locais, como *Wall off Fame* e *Bomb Shelter*, os quais fazem surgir sentimento de pertencimento e identidade coletiva.¹⁰⁷

Ainda, o ato de produção do grafite se coloca como produto de uma atividade social. Com efeito,

entre aqueles ativos na subcultura, a marcação do grafite é uma atividade inerentemente social. Certamente centenas, talvez milhares dos residentes da cidade rabiscam apelidos, *slogans*, ou declarações de amor em becos escuros e em paradas de ônibus; mas eles não devem ser confundidos com os relativamente poucos pichadores que representam a maioria das marcações da cidade. Esses pichadores marcam dentro de um contexto de significado subcultural, eles marcam uns para os outros. [...] Quando os grafiteiros produzem a arte do grafite, assim como quando eles demarcam, os outros grafiteiros compõem seu público primário. Apesar de que eles possam esperar que uma obra seja vista e apreciada pelo público, eles podem estar certos que será vista e avaliada pelos membros da subcultura. [...] os grafiteiros,

¹⁰⁶ FERRELL, 1996.

¹⁰⁷ FERRELL, 1996, pp. 49-50.

portanto, enfatizam isso, o papel da subcultura para estimular a precisão técnica e o estilo dos seus trabalhos, e para criar uma espécie de energia estética coletiva naquilo que todos eles desenham.¹⁰⁸

Outro importante elemento para o desenvolvimento das habilidades individuais e coletivas é o sentimento de competição e cooperação que a interação com outros membros da subcultura proporciona. Diversos grafiteiros abordados por **Ferrell** identificam na competição, entre os membros de grupos e entre grupos diversos, como fator fundamental para desenvolvimento de seus estilos e como estímulo constante ao aprimoramento técnico.¹⁰⁹

A relação da subcultura do grafite com as autoridades explicita a dimensão política dessa prática. Isso porque o grafite se coloca como forma de transgressão e resistência à autoridade, resistência anárquica aos padrões estéticos impostos pelo Estado e pelas grandes corporações, resistência ao controle da propriedade que limita a criatividade da vida cotidiana.¹¹⁰ Nessa linha,

quando nós observamos o grafite nesse sentido, nós encontramos suas muitas nuances apontado para uma interessante conclusão: a política do grafite é aquela do anarquismo. A descarga de adrenalina da prática do grafite – o momento do prazer ilícito que emerge pela intersecção de criatividade e ilegalidade – significa uma resistência à autoridade, uma resistência vivenciada tanto na “boca do estômago” como na cabeça. [...] O contraste entre a arte do grafite e a arte corporativa e governamental, e a ligação entre o grafite, os artistas de rua, e outras formas de entretenimento anárquico, todas apontam para uma dimensão final do grafite como uma resistência anárquica. [...] O grafite quebra a riqueza hegemônica do estilo corporativo/governamental sobre o ambiente urbano e as situações da vida diária. Como uma espécie de sabotagem estética, ele interrompe a agradável, eficiente uniformidade do espaço urbano planejado e da previsível vida urbana. Para seus praticantes, o grafite rompe experiência vivenciada da cultura de massa, a passividade do consumo indireto. [...] O grafite, assim, constitui uma espécie de resistência anárquica à dominação cultural, um saber cultural anárquico, uma “sabedoria das ruas” contrapondo a crescente autoridade dos anúncios corporativos e governos locais sobre os ambientes da vida diária.¹¹¹

¹⁰⁸ FERRELL, pp. 50-51. No original: “Among those active in the scene, tagging is an inherently social activity. Surely hundreds, perhaps thousands of the city’s residents regularly scribble nicknames, slogans, or declaration of love in black alleys and on bus benches; but they should not be confused with the relatively few taggers who account for the majority of the city’s tags. These taggers tag within a context of subcultural meaning; they tag for each other. [...] When writers piece, as when they tag, other writers make up their primary audience. Though they may hope that a piece will be seen and appreciated by the public, they can be sure that it will be seen and evaluated by members of the subculture.” [...] Writers thus emphasize that the subculture functions to accelerate the technical precision and style of their work, and to create a sort of collective aesthetic energy on which they all draw.” (tradução nossa)

¹⁰⁹ FERRELL, 1996, p. 51.

¹¹⁰ FERRELL, 1996, pp. 175-178.

¹¹¹ FERRELL, 1996, pp. 175-178. No original: “When we look at graffiti writing in this way, we find its many nuances pointing towards an interesting conclusion: the politics of graffiti writing are those of anarchism. The adrenalin rush of graffiti writing – the moment of illicit pleasure that emerges from the intersection of creativity and illegality – signifies a resistance to authority, a resistance experienced as much in the pit of the stomach as in the head. [...] The contrast between graffiti art and the ‘art’ of the corporation and the government, and the link between graffiti writing, busking, and other forms of anarchist entertainment, both point o to a final dimension of graffiti writing as anarchist resistance. [...] Graffiti writing breaks the hegemonic gold of corporate/governmental

Como conclusão, **Ferrell** ressalta a presença do forte conteúdo de resistência da prática do grafite, e todas as nuances da convivência subcultural, para contrapor uma visão estreita como simples crime de dano à propriedade ou vandalismo. Ele deve ser compreendido na noção de crime, poder e resistência, mas acima disso, como uma atividade embutida nos imperativos estéticos, como crimes de estilo, crimes que devem ser localizados dentro de operações estéticas de uma emergente subcultura.¹¹² Por fim, o

grafite sobrevive como uma resposta criativa e lúdica a uma cultura pré-fabricada, uma resposta como desrespeito às fronteiras legais e políticas da propriedade privada e pública através das quais elas são controladas. O grafite existe como uma arte pública fora do controle dos agentes públicos, um estilo alternativo fora do círculo do estilo corporativo e do consumo. O grafite ilumina a cidade, mas esporadicamente, menos como uma série de monumentos duradouros do que como monumentos evocativos, vulneráveis à dinâmica das ruas. Em última análise, ele se coloca como uma espécie de insubordinação descentralizada e descentrada, uma misteriosa resistência à conformidade e ao controle, um estiloso contra-ataque ao ventre da autoridade.¹¹³

O segundo trabalho, também desenvolvido por **Ferrell**, foi denominado de *Empire of Scrounge: inside the urban underground of dumpster diving, trash picking, and street scavenging*¹¹⁴, e impõe o seu destaque pela proximidade do investigador com seu objeto de estudo, próprio da criminologia cultural, operando não como ente externo e observador, mas como participante vívido das experiências e situações da realidade que se busca analisar. Neste, **Ferrell** busca investigar a dinâmica do consumo e da produção de lixo na modernidade recente, com enfoque para os indivíduos que, à margem da sociedade de consumo, utilizam-se de todo tipo rejeitos como meio de sobrevivência. Para tanto, em dezembro de 2001, **Ferrell** larga sua carreira estável como professor de uma renomada universidade do Texas/EUA, para sobreviver,

style over the urban environment and the situations of daily life. As a form of aesthetic sabotage, it interrupts the pleasant, efficient uniformity of 'planned' urban space and predictable urban living. For the writers, graffiti disrupts the lived experience of mass culture, the passivity of mediated consumption. [...] Graffiti writing thus constitutes a sort of anarchist resistance to cultural domination, a streetwise counterpoint to the increasing authority of corporate advertisers and city governments over the environments of daily life" (tradução nossa)

¹¹² FERRELL, 1996, p. 53.

¹¹³ FERRELL, 1996, p. 197. No original: "Graffiti writing survives as a creative, playful response to a prefabricated culture, a response as disrespectful of legal and political boundaries as it is the private and "public" property through which they are enforced. Graffiti exists as a public art outside the control of public officials, an alternative style outside the circle of corporate style and consumption. Graffiti illuminates the city, but sporadically, less a series of lasting monuments than evocative monuments, vulnerable to give and take of the street. Ultimately, it stands as a sort of decentralized and decentered insubordination, a mysterious resistance to conformity and control, a stylish counterpunch to the belly of authority."

¹¹⁴ FERRELL, 2006.

nos dois anos subsequentes, como catador de lixo. Ele passa a adotar um estilo de vida que é ao mesmo tempo campo de pesquisa e forma de sobrevivência.¹¹⁵

E, surpreendentemente, a coleta de lixo acaba lhe proporcionando, em sua quase totalidade, os bens materiais necessários à sobrevivência diária, desde roupas para vestimenta à mobiliário para sua casa, à exceção de alguns produtos do gênero alimentício. De fato, a riqueza do lixo era tamanha que grande parte dos itens encontrados foram enviados para amigos, abrigos de moradores de rua, bancos de comida e organizações de caridade.¹¹⁶

Em sua jornada, **Ferrell** acaba vivenciado as interações culturais entre catadores de lixo e proprietários, as reações das autoridades, e os significados que emergem dessa prática, algo que o autor denomina genericamente de *Empire of Scrounge*.¹¹⁷ A esse respeito:

Vasculhando a cidade a cada dia, aprendendo a viver com aquilo que coletei, eu fui levado a um mundo que passei a denominar *the empire of scrounge* – um vasto, submundo urbano povoado por justamente essas pessoas: ilícitos “reviradores de lata de lixo”, catadores de lixo sem-teto, transportadores independentes de sucata de metal, recicladores ativistas, construtores alternativos, e artistas marginais. Por necessidade ou escolha, percebi, os seus papéis dentro de uma ecologia social maior é selecionar dentre as diárias acumulações do lixo, imaginar caminhos em que objetos sem valor descartados podem ganhar novo valor, e sempre estar em um furtivo passo à frente das agências oficiais de coleta, saneamento, e descarte que levariam embora tais oportunidades. Por definição e pela prática, o trabalho desses ilícitos catadores de lixo permanece marginal. [...] Para muitos que já avistaram um catador vasculhando uma pilha de lixo, ou emergindo de um container cheio de lixo, a moralidade desse trabalho é também marginal; selecionar o lixo da cidade é engajar em todos os tipos de desagradáveis questões como limpeza, propriedade, perigo e carreira desviante¹¹⁸

Para o autor, portanto, a experiência diária dos catadores de lixo a qual vivenciou sugere a criação de uma complexa cultura, de coleta, interrupção do ciclo de consumo das grandes cidades e estigmatização social. Complexidade essa permeada por inovação e

¹¹⁵ FERRELL, 2006, p. 1.

¹¹⁶ FERREL, 2006, p. 2.

¹¹⁷ A tradução do termo utilizado por **Ferrell** se mostra problemática e de difícil apreensão. *Scrounge* pode ser traduzido como surrupiar, vasculhar, catar, filar, mendigar etc., mas a utilização do vocábulo no termo *Empire of Scrounge* denota uma generalização do ato. Nesse caso, em uma tradução imprecisa, significaria algo como “Império da Cata”, ou “Império da Mendicância”. Ambos termos, contudo, não conseguem bem reproduzir a intenção do autor. Portanto, como forma de melhor expressar seu propósito original, optou-se por utilizar o termo na língua inglesa.

¹¹⁸ FERRELL, 2006, p. 3. No original: “*Scrounging the city each day, learning to live off what I scavenged, I drifted into a world that I came to call the empire of scrounge—a far-flung, mostly urban underground populated by just such people: illicit Dumpster divers, homeless trash pickers, independent scrap metal haulers, activist recyclers, alternative home builders, and outsider artists. By choice or necessity, I realized, their role within the larger social ecology is to sort among the daily accumulations of trash, to imagine ways in which objects discarded as valueless might gain some new value, and always to stay one stealthy step ahead of those official agencies of collection, sanitation, and disposal that would haul away such possibilities. By definition and by practice, the work of these illicit trash scroungers remains marginal. [...] For many who spot a scrounger working a trash pile or emerging from a full Dumpster, the morality of this work is also marginal; to pick through the city’s trash is to engage all manner of unpleasant questions about cleanliness, propriety, danger, and deviant career.*” (tradução nossa)

criatividade humana em um mundo saturado de padrões de identidade e de emoções, um mundo intrinsecamente entrelaçado em suas contradições culturais e econômicas.¹¹⁹ É em resposta a esse mundo que se apresenta a criminologia cultural, a qual procura estar atenta tanto às nuances dos significados construídos nos esparsos momentos das vidas dos catadores de lixo, quanto ao contraste de tais particularidades dentro de padrões maiores da criminalidade.¹²⁰

Situada no contexto da modernidade recente, a complexidade do fenômeno do crime como produto cultural fornece uma amplitude investigativa à criminologia cultural muito grande. A par dos dois importantes trabalhos acima mencionados desenvolvidos por **Ferrell**, marcos para o desenvolvimento da disciplina, diversas outras pesquisas se sobrepõem.¹²¹ Característica comum a todas é a aversão da completude, do estabelecimento de grandes fórmulas da criminalidade capazes de serem aplicadas universalmente. O que se propõe, na verdade, é o constante giro de significados, “*nossa intenção é continuar a girar o caleidoscópio intelectual, buscando novos modos de ver o crime e a resposta social a ele*”.¹²²

A propósito, como bem destaca **Ferrell**¹²³, “*a criminologia cultural é menos uma ciência social rígida do que um inacabado riff de jazz, tocado entre os criminólogos culturais e entre aqueles que eles encontram, tocado diferentemente em cada momento e situação*”. As lentes do caleidoscópio e melodia de *Coltrane* estão em movimento, abertas àqueles que por elas queiram observar o crime e a criminalidade.

¹¹⁹ FERRELL, 2006, p. 28.

¹²⁰ FERRELL, 2006, p. 28.

¹²¹ HAYWARD, Keith. **City Limits: crime, consumer culture and the urban experience**. London: GlassHouse Press, 2004. FERRELL, 2001. HAMM, Mark. **Terrorism as Crime: from Oklahoma City to Al-Qaeda and beyond**. New York: New York University Press, 2007. Dentre tantos outros.

¹²² FERRELL; HAYWARD; YOUNG, 2008, p. 6. No original: “*Our intention is to continue to turning the intellectual kaleidoscope, looking for new ways to see crime, and the social response to it.*” (tradução nossa)

¹²³ FERRELL, 2006, p. 204. No original: “*Cultural criminology is less a stern social science than is an open-ended jazz riff, played between cultural criminologists and those they encounter, played differently in each moment and situation.*” (tradução nossa)

2. AS TORCIDAS ORGANIZADAS DE FUTEBOL

2.1 A complexidade do futebol: as múltiplas faces do torcer e a peculiar condição do torcedor

A última rodada do campeonato se aproximava e, com ela, a definição de um longo período de disputa se anunciava. O panorama não era nada positivo. O objetivo da temporada, o tão sonhado acesso à elite do futebol brasileiro, agora parecia distante. O time que em mais da metade do campeonato permaneceu no desejado grupo dos quatro primeiros colocados, os que ao final seriam agraciados com a possibilidade de disputa da série A no ano seguinte, por sucessivas derrotas, crise financeira, protesto de torcedores revoltados, via seu sonho transformar-se em utopia. A perspectiva de maiores investimentos e alívio financeiro aos cofres já combalidos, de neutralizar a pretensão de superioridades dos rivais e de formar uma melhor equipe no ano seguinte para manter a hegemonia no campeonato regional já não se revelava alcançável. A frustração era compartilhada por todos. Somente uma improvável combinação de resultados tornaria a meta possível: amargando a sexta colocação, precisava de uma vitória, dentro de sua casa, contra o time de maior tradição no campeonato, e contava com a derrota ou empate de seus dois adversários diretos, um deles jogando dentro dos seus domínios e o outro contra um time matematicamente já rebaixado na competição. Ou seja: a crença no sucesso desafiava a lógica e beirava à loucura. Mas loucos por escolha, lá estavam os torcedores do Avaí Futebol Clube/SC. O dia: 29 de novembro de 2014. O momento: 16 horas. O local: Estádio da Ressacada em Florianópolis/SC. O adversário: Clube de Regatas Vasco da Gama/RJ.

No período do pré-jogo, vive-se um misto de expectativa, angústia e ansiedade para a batalha que se aproxima. A dificuldade da tarefa amplifica os sentimentos, deixando até o mais fanático dos torcedores reticente quanto às chances de sucesso. Mas o que é ser torcedor senão acreditar no impossível? O caminho para a partida de futebol se desenvolve a partir de uma lógica particular de sociabilidade. Os torcedores visualizam no semelhante um reforço do eu. Cumprimenta-se calorosamente o desconhecido, regozija-se com sua presença, o qual por portar a mesma indumentária já demonstra pertencer à grande família. Nos minutos que antecedem a partida entra em cena uma ritualística própria e individual de cada torcedor, todos os tipos de superstições – as mais variadas possíveis – são executadas, na expectativa de concretização dos desejos da mente.

A bola rola e, com ela, o improvável costuma se fazer presente. O início do primeiro tempo não reserva grandes emoções, jogo truncado com marcação intensa de ambos os lados e com ligeira superioridade do time visitante. Até que um lance muda o cenário da partida, o atacante do Avaí recebe um cruzamento dentro da grande área, domina a bola, gira o corpo preparando a finalização e é derrubado pelo zagueiro adversário. O estádio fica em silêncio aguardando a decisão da autoridade máxima em campo. O juiz aponta para a marca de cal: pênalti. Um momento singular no jogo de futebol em que se comemora a esperança. O objetivo ainda não foi alcançado – e por vezes não se alcançará – mas mesmo assim a projeção do gol já toma conta dos torcedores. A euforia é contagiante. O capitão do time toma a bola em suas mãos, ajeita-a com carinho na marca indicativa da penalidade e se prepara para a cobrança. Nesse momento todas as atenções estão voltadas para o ídolo da torcida. Este símbolo opera como personificação do amor pelo clube, uma espécie de divindade cultuada pelos torcedores no universo paralelo do futebol. Ele corre para a bola, chute forte, o goleiro nada pôde fazer. Gol. O estádio destila alegria. A massa torcedora atua como um só corpo, reverberando a comemoração dos jogadores em campo. Esse prazer coletivo, cada torcedor vivencia à sua maneira. Alguns abraçam-se, beijam-se – ocasião especial em que fronteiras étnicas, de gênero e classe são esfaceladas –, outros agradecem a seus deuses individuais, por vezes executam rituais específicos para a ocasião em tom de agradecimento, ou ainda insultam torcedores rivais – o outro –, ainda que não participem do confronto, em uma espécie de exaltação da identidade coletiva. O primeiro tempo acaba. Os resultados de momento são favoráveis. Ambos os adversários diretos na disputa pelo acesso à primeira divisão do Campeonato Brasileiro – Atlético Clube Goianiense/GO e Boa Esporte Clube/MG – vão empatando suas partidas. O improvável se transforma em realidade possível.

O segundo tempo começa em ritmo lento, com ambas as equipes aparentemente já satisfeitas com o resultado. O Vasco da Gama, já garantido no grupo dos quatro primeiros, tem poucas pretensões na partida, além de ter dispensado boa parte de seus jogadores. O panorama da rodada agrada aos torcedores, com o empate dos adversários o sonho já não parece tão distante. O grande golpe sobrevém com o gol do Atlético Goianiense em apenas dois minutos do segundo tempo, em jogo disputado no estádio Serra Dourada/GO contra o Santa Cruz Futebol Clube/PE, time sem nada a almejar na competição e com o pensamento já na temporada seguinte. O desespero é generalizado. Como esperar a virada de um time sem nenhum compromisso com a vitória? Mas o inesperado acontece, e surpreendentemente o Santa Cruz empata a partida em apenas seis minutos depois. Ainda é possível, repetem os torcedores, como forma de auto-incentivo. Ocorre que outra grande decepção se apresenta. O Boa Esporte marca

seu gol aos doze minutos do segundo tempo contra a Associação Desportiva Recreativa Cultural Icasa/CE, equipe já matematicamente rebaixada na competição, em jogo disputado no estádio Mauro Castelo Branco Sampaio/CE. Agora a decepção toma conta da massa torcedora. Esteve tão perto... O empate do Icasa a essa altura já parece tarefa impossível, considerando as circunstâncias da partida e aspirações dos times. Aí é que a lógica sai de cena e, mais uma vez, o imponderável dá as caras. Dois minutos depois, o atacante do Icasa faz grande jogada, recebe na ponta direita, invade a grande área, dribla o zagueiro cortando para o meio e finaliza no canto esquerdo. Sem chances para o goleiro: gol. Os deuses do futebol zombam dos idiotas da objetividade. Os torcedores do Avaí, incrédulos no que ouviam em seus rádios, comemoram como se fosse um gol do próprio time. O sonho, em um movimento pendular entre quimera e concretude, novamente está ao alcance dos torcedores. E para reforçar a crença no sucesso, nos quinze minutos subsequentes são marcados mais três gols: um do Atlético Goianiense, vencendo momentaneamente a partida por dois gols a um, e outros dois do Icasa, liderando por três a 1. O objetivo nunca esteve tão próximo.

Mas a conquista não viria assim tão facilmente. Não sem uma pequena dose de agonia com temperos de tortura. Aos quarenta e quatro minutos do segundo tempo, o Atlético Goianiense empata a partida. O desespero vai ganhando terreno à medida que a informação ouvida atentamente no rádio é repassada de torcedor a torcedor. Nesse estágio, qualquer gol da equipe goiana, tendo em conta o pouco tempo restante, inviabilizaria qualquer chance de reversão do placar. O juiz daquela partida, tomado por um prazer sádico, indica mais quatro minutos de acréscimo. A apreensão dos torcedores do Avaí é grande. O seu jogo já acabou, vitória, foi tudo que se pôde fazer. Os momentos seguintes são marcados por um silêncio sepulcral no campo de jogo, ninguém se arrisca a falar para não atrair maus agouros. Todos acompanham atentamente em seus rádios ou se amontoam à frente das TVs dos bares nas dependências inferiores do estádio. A apreensão chega ao fim poucos minutos depois. Aos quarenta e nove do segundo tempo o atacante do Santa Cruz marca o terceiro gol de sua equipe. O êxtase é total, os torcedores do Avaí comemoram efusivamente aquilo que muitos consideraram impossível. O clímax se prolonga por muito tempo, o gozo é intenso e uma emoção extrema toma conta da massa torcedora. Como se fossem um único ser, os torcedores tomam o gramado do estádio, a apoteose, o auge de todo o plexo de sentimentos vivenciados ao longo da partida. Expectativa, apreensão, medo, alegria, desespero, esperança, dúvida, decepção, incredulidade e euforia agora se fundem no prazer supremo da conquista. Não há mais barreiras entre time e torcedor. Este, toma o objetivo alcançado como seu próprio, como uma vitória pessoal que por muitas semanas será fruída à companhia de seus semelhantes e a

contragosto dos rivais. Experiência única que por muito tempo permeará o imaginário da torcida, como uma grande realização conjunta.

A representação da partida do Avaí Futebol Clube/SC nos é útil para a visualização das complexas variantes pertencentes à condição de torcedor e da ampla gama de circunstâncias vivenciadas ao longo do jogo de futebol que tornam a experiência tão atrativa para os torcedores. Estes, muito mais do que expectadores de um espetáculo esportivo, participam ativamente do evento. A ligação com o clube não funciona em uma lógica simplista de fornecedor-consumidor, mas constituída por um conjunto de sentimentos e construída periodicamente ao longo de cada partida. Tal elo é tão forte que integra a própria identidade individual, fazendo parte de uma das muitas versões do eu.

A utilização do termo “*torcedor*”, por sinal, remonta às raízes do próprio desenvolvimento do futebol no Brasil. Sua aplicação corrente data da década de 1910, época em que passa a ser utilizado por cronistas esportivos, profissionais da imprensa ou literatos, pela mídia de uma forma geral. Nesse contexto, a partir de então, “*os torcedores passariam a ser mais precisamente caracterizados e transformaram-se em objetos de reflexão*”.¹²⁴ Com efeito,

aqueles que escreviam sobre o futebol para a grande imprensa passaram a dotar um termo específico para identificar esse sentimento de apoiar alguém ou alguma agremiação esportiva, em detrimento de outra. No futebol, querer a glória dos seus e a derrota dos outros era ‘torcer’. O espectador, ou a espectadora, que gritava, gesticulava, apoiava seu time e ofendia os adversários era um ‘torcedor’, ou uma ‘torcedora’. Fazer parte de um grupo de torcedores de um mesmo clube, ou da seleção brasileira, era fazer parte de uma ‘torcida’.¹²⁵

Tratava-se, naquele período, de um dos poucos termos utilizados de origem genuinamente brasileira, porquanto o esporte, de ascendência bretã, ainda era profundamente marcado por expressões na língua inglesa.

O cerne da designação passa pela atuação do público feminino nas partidas disputadas. Nesse sentido, consta que o início da prática esportiva do futebol, ainda de certo modo restrito às elites urbanas, era circunscrito aos clubes recreativos. Ainda que houvesse uma proibição de que as mulheres fossem sócias, as esposas e filhas dos sócios podiam acompanhá-los sem cobrança de entrada ou pagamento de mensalidades extras. Nesse caso, a gratuidade

¹²⁴ MALAIA, João M. C. Torcer, Torcedores, torcedoras, torcida (bras.): 1910-1950. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; et al. **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012, p. 60.

¹²⁵ MALAIA, 2012, p. 59.

concedida fez com que as partidas de futebol se transformassem em importante palco de convivência social para as figuras femininas da época.¹²⁶ Ocorre que

algo diferente acontecia com as mulheres presentes nos estádios de futebol. Bem vestidas, usando luvas, chapéus e longos vestidos, as moças presentes nos estádios torciam seus objetos com suas mãos delicadas. Contorciam seus corpos com pulos e gestos, além de soltarem gritos altíssimos a chamar os nomes de seus jogadores preferidos, a grande maioria também sócios dos clubes e possíveis bons partidos. Esse era o comportamento inusitado que tanto chamou a atenção da imprensa e da sociedade e que configurou um novo personagem do futebol do período: as ‘torcedoras’.¹²⁷

Não obstante seu corrente emprego para designar a massa de presentes aos jogos de futebol, a aplicação do termo década de 1920 ainda causava certa dúvida entre os próprios cronistas da imprensa, os quais não sabiam se denominavam o conjunto de torcedores como “*a torcida*” ou “*os torcida*”.¹²⁸ A esse respeito, cumpre destacar que a primeira aparição em um dicionário do verbete “*torcer*” remonta à 1926, na primeira edição do Dicionário de Língua Portuguesa escrito por João Ribeiro. Neste, o autor, no verbo “*torcer*”, “*após inúmeros significados tais como ‘desviar a linha recta’, ‘dar sentido forçado’, ‘perverter’ ou ‘corromper’, inclui o novo significado: ‘No desporto, animar com gestos a vitória dos jogadores (Brasil)’*”.¹²⁹

Uma definição mais precisa, condizente com a real condição torcedora, só foi veiculada em 1949, em dicionário escrito por Orlando Mendes de Moraes. A saber:

Enquanto o ‘torcedor’ continuava a ser ‘aquele que torce nas competições esportivas’ e ‘torcida’ o ‘ato ou efeito de torcer’, ‘a coletividade de adeptos de um clube’ ou ainda ‘grupo de torcedores’, o verbo ‘torcer’ ganhava um significado ainda mais especial. Passava a significar ‘pugnar pela vitória de seu clube desportivo’. Diferentemente de animar, desejar, ou trabalhar pela vitória, agora o torcedor ‘pugnava’ pela sua equipe. Ou seja, ‘lutava com esforço e defendia com veemência’.¹³⁰

A análise etimológica do verbo “*torcer*”, ademais, já indica a realidade particular em que se insere o indivíduo ligado a essa prática esportiva. Designa, outrossim, a grande carga de energia psíquica que envolve o ato de torcer. Com efeito, necessário mencionar que

a etimologia de ‘torcer’ vem do latim *torqueo*, *torquere*, ‘torturar’, ‘atormentar’, e também ‘sustentar’, ‘suportar’. É este último sentido que prevalece em francês

¹²⁶ MALAIA, 2012, pp. 62-63.

¹²⁷ MALAIA, 2012, p. 64.

¹²⁸ MALAIA, 2012, p. 80.

¹²⁹ MALAIA, 2012, p. 80.

¹³⁰ MALAIA, 2012, p. 82.

(*supporter*) e inglês (*to support*), vindos do baixo latim *supportare*, ‘sofrer’, ‘ajudar’, ‘sustentar’. Em italiano, o verbo *tifare* deriva de *tifo*, ‘entusiasmo’, ‘paixão’, ‘fanatismo’, todos vocábulos de sentido essencialmente religioso e com forte conotação emotiva vinda do original grego *thyós*, ‘furor’. Como *tifo* designa também a doença infecto-contagiosa do mesmo nome, disseminada na Itália dos anos 1920, o termo estava muito associado ao sentido de sofrimento. Em espanhol, *aficionar* decorre de *afición* (por sua vez do latim *affectionis*, ‘afeto’), palavra que indica ao mesmo tempo ‘amor a alguma pessoa ou coisa’ e ‘torcida’. Em alemão, o termo escolhido para o aficionado oscila entre o laço social e o laço afeito: *Anhänger*, ‘partidário’, ‘adepto’, pertence à família lexical do verbo *anhängen* (‘ser ligado por afeto’, ‘estar preso a’), dos substantivos *anhang* (‘apêndice’, ‘séquito’, ‘família’) e *Anhänglichkeit* (‘afeição’, ‘lealdade’), dos adjetivos *anhänglich* (‘fiel’) e *anhängen* (‘afeiçoado a’).¹³¹

Ainda, na dicção de **Franco Júnior**, o poder atrativo do futebol pode ser dimensionado pela representação simbólica que este proporciona de todo o corpo social. Neste, um dos papéis do futebol é relegado àquele das guerras nas sociedades tradicionais, na medida em que estas são caracterizada pela presença de i) uma codificação delimitada visando a não perturbação dos demais grupos, consubstanciada na construção de um calendário para lutas; ii) a presença de guerreiros homens adultos, escolhidos por sua força física e moral; iii) a limitação e regulamentação dos conflitos e sua frequente suspensão por períodos de trégua, operando, nesse caso, como mecanismo de equilíbrio e solidariedade social; iii) a desumanização do outro. De fato,

tal descrição pode facilmente ser estendida ao futebol. Este é codificado e limitado no espaço (estádios) e no tempo (duração da partida, calendário esportivo) de maneira a não alterar a rotina da sociedade global. A guerra simbólica do futebol [...] tem como personagens centrais homens jovens e fortes distribuídos em pequenos grupos (times) que se enfrentam, mas que se unem para combater os estrangeiros (seleções nacionais).¹³²

A dinâmica de guerra também é responsável pela criação das rivalidades entre grupos, em que os conflitos periódicos polarizam a identidade coletiva de cada time. Esta rivalidade, ademais, é mais intensa na proporção da proximidade geográfica das equipes. Nesse sentido, a tendência natural é que a rivalidade entre clubes da mesma cidade seja maior do que entre clubes de cidades distintas. Ainda, a rivalidade é influenciada pela frequência em que ocorrem os confrontos. A esse respeito, “*comunidades que se enfrentam apenas de tempos em tempos sentem-se menos adversária do que aquelas que se cruzam periodicamente. Daí por que seleções nacionais despertam menos emoção do que clubes*”.¹³³

¹³¹ FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 294.

¹³² FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 202.

¹³³ FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 204.

O imaginário da guerra, presente nas partidas de futebol, também tem influência na ânsia pelo poder e pela debilidade do outro. Análise possível do desenvolvimento do futebol é de que

a lógica de todo clube, como de toda sociedade, é seu reconhecimento por parte dos congêneres, é a afirmação e difusão de seu poder. As vitórias esportivas, em certo sentido, não são os objetivos últimos, e sim instrumentos privilegiados para o fortalecimento clânico. [...] A existência de todo clube de futebol, como de todo clã, está baseada em auto-imagem megalômana. É para alimentá-la que toda comunidade clubísticas mantém atualizada sua ‘contabilidade da guerra’: quantos títulos na história e na temporada, quantas vitórias sobre os principais rivais, quantos torcedores possui, quanto de público leva aos estádios e à frente dos aparelhos de televisão.¹³⁴

A representação do corpo social pelo futebol também se estende a uma dimensão de religiosidade. Nesse contexto, cada clube pode ser representado por uma divindade e cada partida por um rito a ser desenvolvido, na acepção de um conjunto de atos repetitivos com a pretensão de ordenação cósmica ou humana. Isso porque *“toda partida de futebol é constituída por gestualidades (passes, dribles, chutes, carrinhos, abraços etc.) e sonoridades (apito, exclamações, gritos, advertências, palmas, vaias, cânticos etc.) próprias que possuem significância para todos os envolvidos”*.¹³⁵

Não é relevante, dessarte, se a partida a ser disputada é a final da Copa do Mundo ou um jogo de várzea em uma pequena cidade, da mesma forma que não é significativo se uma missa é realizada na Basílica de São Pedro ou numa igreja de uma pequena paróquia interiorana: o rito é o mesmo. E sua eficácia simbólica não está relacionada com a dimensão social e estética.¹³⁶

Como um fiel que segue irrestritamente os dogmas de sua crença religiosa,

seguir determinado clube é acreditar, mesmo contra evidências racionais, que ele vá vencer. Como o futebol é jogo de muitos erros (sessenta passes errados numa partida é algo comum no Brasil) e pouca pontuação (mais de três gols em uma partida não é frequente), mantém o torcedor em constante expectativa. Impotente na arquibancada, o adepto de um clube crê que sua fé e seu estímulo possam colaborar para que seus ídolos levem a divindade comum à vitória.¹³⁷

Nesse caso,

não é por impropriedade discursiva que se diz que ‘meu time’ ganhou do ‘seu’, que ‘meu’ Deus é superior a todos os outros. Os nomes possessivos revelam aí profundo

¹³⁴ FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 207.

¹³⁵ FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 270.

¹³⁶ FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 271.

¹³⁷ FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 292.

sentimento de identificação, seja com a divindade clubísticas, seja com a divindade convencional. Em última análise, todo adepto do futebol torce para si próprio devido a uma identificação com o clube tão enraizada quanto a de qualquer outro fiel que encontra no seu Deus a si mesmo. A distorção egocêntrica está presente nos dois casos e pode atingir dimensões paranóicas, dependendo das circunstâncias nas quais tal sentimento é exteriorizado.¹³⁸

A marca da religiosidade também é sentida a partir da mais ampla gama de superstições presentes no jogo de futebol. A condição de fiel-torcedor, com a crença de que por ação individual se pode mudar o resultado da partida, é fonte de uma ritualística particular e característica de diversos momentos do jogo, sempre na tentativa de *distorcer* o futuro. O empreendimento das superstições guarda relação com um denominado “*princípio da similitude*”, em que o que foi feito e deu certo é mantido como prática assídua, da mesma forma que o um ritual associado a um insucesso não é repetido. Ainda a crença na magia da superstição é tão grande que, por vezes, o erro não é diretamente associado a uma perda de eficácia, mas sim em uma falha na execução do ritual.¹³⁹

O torcedor, de fato, representa uma figura central e das mais complexas no mundo do futebol. É permeado por uma parcela significativa de narcisismo, sadismo e masoquismo. Narcisismo ao introjetar a capacidade técnica de seus jogadores-ídolos e a as conquistas de seus clubes como se suas fossem; um sadismo advém no prazer da dor de um adversário derrotado, especialmente se for um rival tradicional; masoquismo na fidelidade a um clube que nunca ganha algo importante, ou a um clube que passa por longa fase sem qualquer conquista.¹⁴⁰ É envolto por um conjunto de emoções, porquanto

cada partida faz o torcedor viver um leque emocional que oscila do suspense à resignação, da tristeza à alegria, da reverência ao ódio, da frustração à realização. Cada fracasso é aceito por abrir perspectivas de um próximo sucesso. Cada sucesso traz consigo o sabor utópico de sua renovação.¹⁴¹

O ato de torcer, portanto, é muito mais do que acompanhar um time ou uma simples partida de futebol. É parte intrínseca da identidade de cada torcedor. É o alicerce de apoio em tempos de fragmentação coletiva da modernidade recente.

2.2 Dos torcedores-símbolos às torcidas organizadas de futebol: mutações do ato de torcer

¹³⁸ FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 296.

¹³⁹ FRANCO JÚNIOR, 2007, P. 297.

¹⁴⁰ FRANCO JÚNIOR, 2007, pp. 310-314.

¹⁴¹ FRANCO JÚNIOR, 2007, pp. 313-314.

A popularização do futebol no Brasil, em seu estágio inicial de desenvolvimento, esteve diretamente associada, como já mencionado, com sua prática nos clubes recreativos populares das grandes metrópoles brasileiras à época, Rio de Janeiro e São Paulo. Nesse sentido, partidas eram organizadas entre os sócios dos clubes, as quais contavam progressivamente com um maior número de expetadores. Em vistas da expansão do esporte e da importante oportunidade financeira que se apresentava, os clubes passaram a cobrar entradas como forma de manutenção de suas atividades, a saber:

A rápida popularização dos jogos dos grandes clubes como atividades de lazer fez com que a venda de ingressos passasse a ser parte fundamental da ‘saúde financeira’ destas agremiações. Se no início do século XX alguns jogos chegaram a ter a chamada ‘entrada franca’, paulatinamente essa prática foi sendo abandonada. Os clubes passaram a dividir seus estádios basicamente em três setores (cadeiras numeradas, arquibancadas e gerais) e cobrar ingressos dos não sócios para que pudessem acompanhar as partidas.¹⁴²

Grande parte dos que acompanhavam os jogos, contudo, era constituída por aqueles que não eram sócios. É marcante o exemplo citado por **Malaia** do Fluminense Football Clube/RJ, o qual em 1925 contava com pouco mais de três mil sócios, mas ao mesmo tempo suas partidas eram correntemente visualizadas por um público de mais de vinte mil pagantes.¹⁴³

A conduta dos expectadores desses eventos esportivos, usualmente denominados “*torcedores*”, muitas vezes chamavam a atenção da crônica esportiva e da sociedade como um todo. Eram caracterizados por um comportamento exacerbado, pouco civilizado com seus gritos de incentivo e insultos aos adversários, sobretudo os que frequentavam as arquibancadas ou gerais, estes associados às classes mais baixas.¹⁴⁴

Grande marco esportivo para o futebol nacional de então, o Campeonato Sulamericano de 1919 sediado pelo Brasil já deixava claro a preocupação das autoridades políticas e dos dirigentes esportivos com o comportamento dos torcedores, criando inclusive regras de conduta para que se pudesse assistir “*adequadamente*” as partidas. Com efeito,

o frenesi dos torcedores foi de tal ordem que, durante a competição, foi tomada uma medida pela organização obrigando os espectadores a assistirem os jogos sentados, pelo menos nas cadeiras numeradas e nas arquibancadas. Foram publicadas notas na imprensa dando conta de que a polícia usaria ‘toda a energia’ para aplicar tal regimento e impedir a invasão do campo, lembrando que as multas variavam de 20 a 100 mil réis. [...] Tornava-se quase impossível controlar aquela massa de gente ensandecida sentada em seus lugares. Não era assim que se assistiam aos jogos no Brasil. Sentados ficavam aqueles que pagavam os ingressos mais caros, praticamente

¹⁴² MALAIA, 2012, p. 57.

¹⁴³ MALAIA, 2012, p. 57.

¹⁴⁴ MALAIA, 2012, p. 58.

inalcançáveis para a classe trabalhadora. A esta restavam as arquibancadas ou as gerais.¹⁴⁵

Além disso, à medida que os novos estádios eram construídos tal preocupação se tornou mais latente. Grandes arenas com capacidade para um público imenso – como no caso do Maracanã que em alguns jogos chegava a abrigar duzentas mil pessoas para uma população à época de dois milhões de habitantes¹⁴⁶ – requeriam uma maior disciplina dos torcedores. De fato, “*a questão levantada era a contenção, o regramento e a ‘educação das massas’, entidade amorfa e ainda mal decifrada na imaginação dos responsáveis pelo espetáculo*”.¹⁴⁷

A solução encontrada foi o estímulo às associações de torcedores, vistas como um mecanismo efetivo de controle:

As informações disponíveis acerca dos primeiros anos das associações de torcedores no Rio de Janeiro reiteram a inquietude pedagógica de adestramento das massas. Os relatos de então expressava uma inquietação constante dos dirigentes, dos chefes de polícia, dos jornalistas e dos presidentes de federação de uma maneira geral. O objetivo era inculcar disciplina entre os torcedores em suas horas de diversão nas praças de esporte, com a suspensão das palavras de baixo-calão e a contenção dos distúrbios que volta e meia faziam ressurgir o espectro da turba também nos estádios.¹⁴⁸

Assim, revela-se dúplice as funções das associações de torcedores da época, qual seja, o estabelecimento da disciplina como imperativo de conduta entre os torcedores e, ao mesmo tempo, participar de maneira ativa na coordenação do incentivo à equipe.¹⁴⁹

O surgimento das associações de torcedores também está relacionado com fenômeno muito comum no futebol da década de 1930 e 1940. Nesse sentido, existiam alguns ícones dentre a massa da torcida que se destacavam. Seja pela sua paixão pelo clube ou por segui-lo onde quer que fosse, esses indivíduos, *torcedores-símbolos*, representavam, com a legitimidade conferida por seus semelhantes, toda torcida de um time. Eram os que “*demonstravam, de maneira mais entusiástica, a preferência por seus times, mediante todas as provas de abnegação e sacrifício*”.¹⁵⁰

Na capital do país, Rio de Janeiro, tal fenômeno era perceptível,

¹⁴⁵ MALAIA, 2012, p. 74.

¹⁴⁶ HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. A festa competitiva: formação e crise das torcidas organizadas entre 1950 e 1980. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; et al. **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012, p. 96.

¹⁴⁷ HOLLANDA, 2012, p. 95-96

¹⁴⁸ HOLLANDA, 2012, pp. 91-92.

¹⁴⁹ HOLLANDA, 2012, p. 92.

¹⁵⁰ HOLLANDA, 2012, p. 100.

havia seis chefes de torcida conhecidos na cidade e identificados como legítimos por seus torcedores: Jaime, do Flamengo; Dulce Rosalina, do Vasco; Paulista, do Fluminense; Tarzã, do Botafogo; Juarez, do Bangu; e Elias Bauman, do América. O perfil biográfico e as origens sociais dos seis líderes são expressivos do modo pelo qual os chefes de torcida representavam as classes populares brasileiras de então. Eram lideranças que tinham suas modestas ocupações laborais e se situavam em posições sociais o mais das vezes subalternas. Todavia, eles logravam certa visibilidade através do futebol, algo semelhante ao que ocorrera com os jogadores de origem negra e operária no início do século.¹⁵¹

Figura marcante nesse cenário dos *torcedores-símbolos* foi Jaime de Carvalho, líder de torcida do Clube de Regatas do Flamengo/RJ. Sua trajetória está intimamente associada com o mencionado projeto de regramento das torcidas nos estádios. Foi o fundador de um dos primeiros agrupamentos organizados de torcedores, a *Charanga Rubro-Negra*, criada em 1942 – para muitos o primeiro¹⁵² – e mantinha, desde sua criação, rígido controle sobre seus integrantes. Jaime “*não admitia nem palavrões nem fogos em sua torcida. Era uma característica pessoal, mas se traduzia em sua liderança carismática no decorrer dos anos em que comandou a charanga [...]*”.¹⁵³

A *Charanga* de Jaime era composta por um grupo de percussionistas e outros músicos, os quais faziam uso sobretudo do trompete, no intuito de impulsionar com suas músicas tanto as arquibancadas quanto o time em campo. Utilizavam-se de bandeiras e portavam o uniforme de jogo do time, uma inovação para a cultura futebolística e para os padrões formais da época. Nessa linha,

a charanga era assim composta de uma pequena orquestra, faixa, bandeira e camisa. Na esteira das vitórias, o grupo – um punhado de torcedores que não ultrapassava duas ou três dezenas – começou a acompanhar com regularidade durante os anos de 1940 as partidas do Flamengo pelo Campeonato Carioca.¹⁵⁴

O sucesso de Jaime à frente de sua *Charanga* foi tão grande que no ano de 1950, quando o país sediaria sua primeira Copa do Mundo, foi a ele incumbida a missão e responsabilidade de orientação dos torcedores. Nesse caso, reconhecia-se a importância de um chefe de torcida para o auxílio no trabalho das autoridades policiais com o comportamento dos espectadores. Como contrapartida, os meios de comunicação deram inteiro aval à *Charanga*

¹⁵¹ HOLLANDA, 2012, p. 100.

¹⁵² Há clara divergência entre a detentora do título de primeira torcida organizada do Brasil. Por vezes se atribui à Charanga Rubro-Negra de Jaime de Carvalho, dada sua evidente delimitação e organização mantida, já outros consideram a *Torcida Uniformizada do São Paulo*, fundada em 1939, torcida do São Paulo Futebol Clube, como a mais antiga do país. A esse respeito, cf. TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas Organizadas de Futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996, p. 22.

¹⁵³ HOLLANDA, 2012, p. 101.

¹⁵⁴ HOLLANDA, 2012, p. 103.

Rubro-Negra, inclusive concedendo espaço para anunciar suas atividades, preparativos e surpresas para os jogos.¹⁵⁵

Com o êxito de sua participação como chefe da torcida brasileira na Copa do Mundo, a figura de Jaime de Carvalho ficaria ainda mais em evidência:

a reação pacífica do público na partida final da competição após a inesperada derrota para o Uruguai, valeu aos torcedores inúmeros elogios, inclusive do presidente da FIFA, Jules Rimet. [...] O êxito de Jaime de Carvalho na condução dos torcedores revelar-se-ia frutífero dali em diante, com a inauguração de um ciclo de viagens internacionais que se iniciaria na edição posterior da Copa do Mundo, na Suíça, em 1954. [...] No mesmo ano de 1954, Jaime, então aclamado como ‘o Rei dos Torcedores’, participaria do Campeonato Sul-Americano na Argentina.¹⁵⁶

Esses primeiros agrupamentos de torcedores, enfim, marcados pela forte presença dos *torcedores-símbolos*, eram caracterizados por uma estreita vinculação ao clube, ou a alguém da organização institucional do futebol – dirigentes, políticos, funcionários de ligas ou federações –, dos quais obtinham muitas vezes o suporte financeiro necessário à manutenção de suas atividades. Nesse caso, “*o único objetivo de cada um era torcer para o time, ‘não importado mais nada’*”.¹⁵⁷

O modelo de organização das torcidas ao entorno dos *torcedores-símbolos*, contudo, sofre grande alteração, sobretudo a partir da década de 1960. Diversas razões são apontadas para tal transformação, sem que, todavia, se chegue a uma reposta em definitivo. Nesse contexto,

havia justificativas explícitas que estavam na superfície do discurso dos torcedores descontentes. As razões alegadas compreendiam motivos aparentemente simples, causados pelo adoecimento dos líderes mais antigos e pela observância da necessidade de substituição dos mesmos. Outras explicações tinham um tom mais áspero, acusatório. Eram motivados pelo cerceamento dos chefes de torcida, que tolhiam a livre manifestação dos torcedores. As alegações manifestas giravam, por fim, em torno do direito à vaia e à crítica mais contundente ao time, quer seja contra seus dirigentes, seus técnicos ou seus jogadores, em situações de crise de desempenho da equipe.¹⁵⁸

De uma forma geral, é nessa época que o futebol se consolida como esporte de massa e que atrai multidões, sobretudo pelo estímulo da construção de 30 estádios de médio e grande porte em diversos Estados do Brasil entre os anos de 1972 e 1975¹⁵⁹. Além disso,

¹⁵⁵ HOLLANDA, 2012, p. 104.

¹⁵⁶ HOLLANDA, 2012, p. 105.

¹⁵⁷ TOLEDO, 1996, p. 22.

¹⁵⁸ HOLLANDA, 2012, p. 109.

¹⁵⁹ TOLEDO, 1996, p. 25.

transformações sociais e econômicas vivenciadas pelo país alteram a relação entre torcida e time. Conforme destaca **Toledo**,

é interessante notar que a partir de 1970 a relação do torcedor e futebol adquiriu outros contornos, que foram além da mera paixão pelo clube. O futebol definitivamente torna-se um esporte de massa largamente incentivado pelo Estado, pela mídia, vindo a sofrer um refluxo em termos econômicos apenas na década de 80.¹⁶⁰

A estruturação dos agrupamentos de torcedores baseado na centralização na figura do chefe não mais atende às expectativas dos jovens torcedores que reivindicam novas formas de participação e manifestação nos estádios. O apoio incondicional ao clube, a rígida disciplina de conduta mantida e a estreita relação de dependência com os dirigentes das agremiações contrastam com a crescente busca pelo direto ao protesto e à contestação em fases de crise das equipes. Não somente,

a intensificação da presença de público no Maracanã [assim como nos outros estádios espalhados pelo país] pode ter sido um fator contribuinte para a fermentação das desavenças no interior de cada torcida, somada a mudanças estruturais no mundo do futebol: a concretização de um segundo momento do profissionalismo entre os jogadores a criação de um torneio nacional de clubes e a consolidação das transmissões televisivas, ainda mais alargadas da malha clubísticas no país.¹⁶¹

Além disso, a instauração de um modelo político ditatorial, advindo do golpe de 1964, com a supressão das liberdades públicas contribuiu para o desenvolvimento e ampliação de organizações sociais, tidas como um espaço possível para oposição e reivindicação das necessidades mais prementes.¹⁶²

Tal conjuntura possibilitou a criação de inúmeras torcidas dissidentes, as quais não se limitavam à crítica da postura dos líderes de então, mas propunham a superação do paradigma vigente. Ainda,

o argumento subjacente ao ataque direto era o papel de coadjuvante das torcidas organizadas. Elas eram tidas por passivas ou tuteladas pelos dirigentes, pela imprensa e pelos seus próprios chefes. Não se tratava, pois, de uma mera alteração de nome ou de mesquinhas antipatias de fundo pessoal. Era um desejo de maior liberdade e autonomia frente ao clube e de menor reverência rente às *personas* de autoridade. Os torcedores novatos eram impelidos por uma ação social impregnada de conotações políticas.¹⁶³

¹⁶⁰ TOLEDO, 1996, p. 26.

¹⁶¹ HOLLANDA, 2012, p. 110.

¹⁶² SANTOS, Tarcyanie Cajueiro. **Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas: paixão, rito e magia no futebol**. São Paulo: Annablume, 2004, p. 83.

¹⁶³ HOLLANDA, 2012, p. 113.

Com uma nova configuração, as associações torcedoras que se desligam dos tradicionais movimentos de torcidas passam se auto-intitular *torcidas organizadas*, sendo possível delimitar três dimensões identitárias “*agregadas à nomenclatura das torcidas naquele decênio: a identidade juvenil (torcidas jovens), a identidade comunitária (torcida de rua, bairro ou cidade) e a identidade de gênero (torcidas femininas)*”.¹⁶⁴

Exemplo significativo dessa transição entre as *torcidas tradicionais* e as *torcidas organizadas* é verificado no próprio bojo da *Charanga Rubro-Negra* de Jaime de Carvalho. A saber:

Em 1967, o rubro-negro Pedro Paulo Bebiano, oriundo de nobre família de dirigentes do Botafogo, era estudante de engenharia da Universidade Gama Filho. Então com dezoito anos, foi ele quem esteve no pomo da discórdia com Jaime. Sabia-se que o veterano torcedor fazia vista grossa aos palavrões, às vaías e aos fogos de artifício, fato desatador de insatisfação entre jovens. Pedro Paulo, entre outros rapazes da Ala Jovem pertencente à Charanga, se desligou da torcida e foi fundar o *Poder Jovem*. [...] O primeiro ato foi simbólico. Nas arquibancadas do Maracanã, eles deixaram o setor esquerdo das tribunas de rádio e decidiram então rumar para a altura das arquibancadas atrás do gol. De maneira um tanto espontânea, criaram um movimento de torcedores à parte, onde não havia os alegados cerceamentos do antigo chefe. O grupo, que ainda não configurava propriamente uma torcida, seria denominado *Poder Jovem* – era essa a inscrição de sua faixa em 1967 e 1968. Apenas no ano final de 1969, após uma reunião nas arquibancadas do estádio da Gávea, o agrupamento viria a se institucionalizar com o nome de Torcida Jovem do Flamengo.

Caso emblemático da tentativa de ruptura da relação de dependência com os clubes de futebol se sucedeu com a *Torcida Uniformizada do São Paulo* (TUSP). É relatado que a estreita vinculação que esta mantinha com a agremiação era motivo de discórdia entre seus integrantes. Nesse caso, a partir da iniciativa de um grupo de treze amigos, foi idealizada uma torcida que não estivesse ligada ao clube, como era a TUSP. Assim, “*a disposição de organizar uma torcida à parte do São Paulo Futebol Clube resultou no nome da própria Torcida Organizada, tal como é conhecida hoje – Tricolor Independente*”.¹⁶⁵

Situação similar de distanciamento do clube foi vivenciada, em sua criação, pelo *Grêmio Gaviões da Fiel*, torcida organizada do Sport Clube Corinthians Paulista. A ideia de surgimento está intimamente ligada com a resistência ao presidente em exercício, Wadih Helou, que já estava a oito anos no poder e o clube amargava um jejum de quinze anos sem títulos.¹⁶⁶

É, portanto, entre o final da década de 1960 e entre as décadas de 1970 e 1980 que surgem as principais torcidas organizadas do Brasil,

¹⁶⁴ HOLLANDA, 2012, p. 114.

¹⁶⁵ TOLEDO, 1996, p. 30.

¹⁶⁶ TOLEDO, 1996, p. 30.

O Grêmio Gaviões da Fiel surgiu no ano de 1969, mesmo ano em que é fundada a Torcida Jovem do Santos, seguida pela Camisa 12 em 1971, também do Sport Clube Corinthians Paulista. A Torcida Tricolor Independente do São Paulo Futebol Clube foi fundada em 1972, como ocorreu com a Leões da Fabulosa da A.A. Portuguesa. Das grandes Torcidas Organizadas que hoje atuam no futebol paulista a mais recente é a Mancha Verde, dos torcedores da Sociedade Esportiva Palmeiras, fundada posteriormente no ano de 1983.¹⁶⁷

Dentre as torcidas organizadas do Rio de Janeiro, a já mencionada *Torcida Jovem do Flamengo* foi fundada em 1967 e a *Raça Rubro-Negra*, outra grande torcida organizada do Clube de Regatas do Flamengo, surge em 1977. Seguidora do Botafogo Clube de Futebol e Regatas, a *Torcida Jovem do Botafogo* foi criada em 1969. Já a *Torcida Força Jovem*, do Clube de Regatas Vasco da Gama, e a *Torcida Young Flu*, do Fluminense Football Club, ambas se originaram em 1970.¹⁶⁸

Em lapso temporal similar, foram criadas, em Minas Gerais, a *Torcida Máfia Azul*, do Cruzeiro Esporte Clube, em 1977, e a *Torcida Organizada Galoucura*, do Clube Atlético Mineiro, em 1984¹⁶⁹. No Rio Grande do Sul, surgem a *Torcida Organizada Camisa 12*, do Sport Club Internacional, em 1969, e a *Torcida Jovem do Grêmio*, do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, em 1977¹⁷⁰. No Paraná, são criadas a *Torcida Organizada Os Fanáticos*, do Clube Atlético Paranaense, e a *Torcida Organizada Império Alviverde*, do Coritiba Foot Ball Club, ambas em 1977¹⁷¹. Na Bahia, origina-se a *Torcida Organizada Bamor*, do Esporte Clube Bahia, em 1978¹⁷², enquanto no Ceará, em 1982, a *Torcida Organizada Cearamor*, do Ceará Sporting Clube¹⁷³, e em Pernambuco a *Torcida Organizada Jovem Fanático*, do Clube Náutico Capiberibe, em 1984¹⁷⁴.

As torcidas organizadas que emergiram nesse período, como se verá no subcapítulo seguinte, são marcadas pela profunda burocratização de sua estrutura, com presidentes eleitos

¹⁶⁷ TOLEDO, 1996, p. 27.

¹⁶⁸ Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro. **Organizadas Brasil**. Disponível em: <<http://www.organizadasbrasil.com/torcidas-organizadas-rio-de-janeiro>> Acesso em 6 de junho de 2015.

¹⁶⁹ Torcidas Organizadas de Minas Gerais. **Organizadas Brasil**. Disponível em: <<http://www.organizadasbrasil.com/torcidas-organizadas-minas-gerais>> Acesso em 6 de junho de 2015.

¹⁷⁰ Torcidas Organizadas do Rio Grande do Sul. **Organizadas Brasil**. Disponível em: <<http://www.organizadasbrasil.com/torcidas-organizadas-rio-grande-do-sul>> Acesso em 6 de junho de 2015.

¹⁷¹ Torcidas Organizadas do Paraná. **Organizadas Brasil**. Disponível em: <<http://www.organizadasbrasil.com/torcidas-organizadas-parana>> Acesso em 6 de junho de 2015.

¹⁷² Torcidas Organizadas da Bahia. **Organizadas Brasil**. Disponível em: <<http://www.organizadasbrasil.com/torcidas-organizadas-bahia>> Acesso em 6 de junho de 2015.

¹⁷³ Torcidas Organizadas do Ceará. **Organizadas Brasil**. Disponível em: <<http://www.organizadasbrasil.com/torcidas-organizadas-ceara>> Acesso em 6 de junho de 2015.

¹⁷⁴ Torcidas Organizadas de Pernambuco. **Organizadas Brasil**. Disponível em: <<http://www.organizadasbrasil.com/torcidas-organizadas-pernambuco>> Acesso em 6 de junho de 2015.

nos lugares dos chefes de torcida, uma distribuição interna de poder e repartição de responsabilidades. Aos números de suas fileiras aumentam consideravelmente, indo de algumas dezenas das *torcidas tradicionais* para as centenas ou milhares. Além disso, o vínculo de ligação com a própria torcida se estreita de tal forma que é perceptível a criação de um particular estilo de vida por todos compartilhados.

2.3 O fenômeno das torcidas organizadas brasileiras

Se antes os agrupamentos de torcedores eram estruturados partindo de uma lógica de verticalização, centralizados na figura do chefe – o antigo *torcedor-símbolo* –, marcados pela imposição de um regime de disciplina, no intuito de aquisição de legitimidade por parte dos demais torcedores – os *torcedores-comuns* – e sociedade civil como um todo, e por uma relação de vinculação organizacional e dependência material com a agremiação da qual eram seguidores, agora os emergentes movimento de torcidas, *as torcidas organizadas*, buscam a superação desse modelo, tido como anacrônico. São pautadas pela autonomia na relação com o clube, não obstante circunstancialmente gozem de certos benefícios concedidos – como ingressos, auxílio em viagens etc. –, pela burocratização de sua estrutura, com a substituição do chefe pelo presidente, e pela criação de um *ethos* coletivo, com ares de estilo de vida próprio, fundado em uma estreita identificação com a subcultura.

Essas novas formações de torcedores são formadas no final da década de 1960 e década de 1970, como visto anteriormente, passam por um movimento de expansão na década de 1980 e se consolidam efetivamente na década de 1990, com o surgimento de novas torcidas organizadas, algumas em centros até então pouco expressivos no contexto futebolístico nacional¹⁷⁵. É o caso de Santa Catarina, com a criação da *Torcida Organizada Gaviões Alvinegros*, do Figueirense Futebol Clube, e da *Torcida Guerrilha Jovem*, do Criciúma Esporte Clube, ambas em 1991, da *Torcida Organizada Mancha Azul*, do Avaí Futebol Clube, em 1995, da *Torcida Raça Verde*, da Associação Chapecoense de Futebol, em 1996, e, mais recentemente, da *Torcida Organizada União Tricolor*, do Joinville Esporte Clube, em 2001.¹⁷⁶

Alinhadas a uma visão gerencial introduzida pelo futebol profissional, as torcidas organizadas passam a ter estrutura organizacional bem delimitada. Diferentemente da informalidade das *torcidas tradicionais*, esses novos grupos de torcedores são constituídos em

¹⁷⁵ TOLEDO, 1996, p. 33.

¹⁷⁶ Torcidas Organizadas de Santa Catarina. **Organizadas Brasil**. Disponível em: <<http://www.organizadasbrasil.com/torcidas-organizadas-santa-catarina>> Acesso em 10 de junho de 2015.

associações, no âmbito da legislação civil, com estatuto próprio, sede social e uma divisão institucional de atribuições. Nesse sentido,

compõem-se de uma Diretoria Executiva, com presidente vice-presidente eleitos, de diretores eleitos ou escolhidos pela presidência; Conselho Vitalício; Conselhos Deliberativo e Fiscal que têm a função de monitorar e fiscalizar as ações econômicas e administrativas da entidade, cabendo inclusive ao Conselho Deliberativo, em alguns casos, escolher a Diretoria Executiva.¹⁷⁷

Tal delimitação de atribuições, todavia, não garante a participação diretiva de qualquer um de seus membros. De fato, as torcidas organizadas estabelecem mecanismos institucionais que impedem os mais jovens ou sem uma tradição consolidada como integrante do grupo de alcançarem postos hierárquicos mais altos. A restrição é justificada no intuito de manutenção das características da torcida, conservação de seus símbolos e diretrizes, e para evitar que *“haja um desvio de finalidades, culminando na degeneração do poder constituído dos benefícios econômicos que esse poder pode proporcionar”*.¹⁷⁸

Com efeito,

o acesso de um membro comum a cargos diretivos nas torcidas está condicionado a sua participação no grupo de elite que dá suporte à organização; caso contrário, permanecerá na situação de sócio e mero frequentador das arquibancadas. A chegada do torcedor ao grupo de elite requer o conhecimento da história, do passado, dos códigos emitidos e ainda, uma dedicação quase exclusiva aos interesses defendidos.¹⁷⁹

Como associações legalmente constituídas, há a previsão de eleições periódicas para os cargos definidos estatutariamente, as quais, via de regra, ocorre a cada dois anos.¹⁸⁰

Os reflexos dessa organização ficam claros nos dias de jogos. Nestes, o espaço público da cidade é objeto de mudanças significativas. Torcedores, dos mais variados gêneros, ocupam-se da cidade e a transformam em palco do jogo. Aqui entram em conflito o ritmo do futebol com o ritmo da vida cotidiana. Nesse sentido, os torcedores-organizados contrastam-se de forma múltipla, seja com os habitantes não-torcedores, seja com os torcedores-comuns. Nesse sentido,

para aqueles que estão fora do jogo, o comportamento geral dos torcedores representa potencialmente perigo, desvio, perturbação e violência. Por outro lado, para os que participam efetivamente do cotejo como torcedores, o futebol consiste num dos

¹⁷⁷ PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. **Torcidas organizadas de futebol: violência e auto-afirmação: aspectos da construção das novas relações sociais**. Taubaté: Vogal Editora, 1997, p. 78.

¹⁷⁸ PIMENTA, 1997, p. 78.

¹⁷⁹ PIMENTA, 1997, p. 78.

¹⁸⁰ PIMENTA, 1997, p. 78.

momentos em que a simples aglomeração de identidades e oposições – nós contra eles – adquire a forma de uma consciência particular de um Nós, que interfere na lógica de parte das relações mais cotidianas e rotineiras na cidade. Os espaços públicos são concebidos de maneira diferenciadas, as ruas e trajetos adquirem as tonalidades e cores dos times. O tempo é o do jogo, e a ética e os comportamentos são os da disputa.¹⁸¹

A divisão entre torcedores-organizados e torcedores-comuns também se revela bem delimitada por diferenças em nível organizacional, estético e comportamental. Ainda, outro elemento particular coloca em evidência tal distinção: o trajeto para o estádio. O itinerário dos torcedores-organizados inclui a sede da Torcida, como lugar de confraternização prévia, enquanto os torcedores-comuns dirigem-se em sua grande maioria em percurso direto residência-estádio. Com efeito,

a objetivação de uma conduta específica de distinção do uso dos espaços da cidade pelo conjunto das Torcidas Organizadas implica uma diferenciação importante entre este conjunto de torcedores organizados dos torcedores comuns. Conduta demarcada claramente na maneira com que grande parte dos torcedores organizados se dirige ao estádio em relação àqueles. [...] Basicamente o trajeto idealmente percorrido pelos torcedores comuns é: local de moradia de futebol. O trajeto frequente daqueles que efetivamente integram uma Torcida Organizada consiste no seguinte: local de moradia-sede da torcida-estádio de futebol. [...] Longe de ser banal, esta diferença evidencia a presença de um espaço fundamental de identificação e constituição desses agrupamentos de torcedores. Assim, a sede emerge como um espaço de representação tanto física quanto simbólica [...].¹⁸²

A sede não deve ser observada como simples espaço físico das acomodações da torcida organizada. Elas operam, ademais, como importante ponto de encontro de sociabilidade entre seus membros, trocas intersubjetivas, e para construção de toda uma codificação simbólica compartilhada pelos integrantes do grupo. Nela são solidificados *“laços de lealdade e amizade em torno da paixão pelo time em um primeiro momento e, posteriormente, adesão à própria dinâmica da torcida, enquanto uma organização distinta do futebol”*.¹⁸³

Como importante mecanismo de coesão do grupo, as sedes, de fato, têm importância fundamental da dinâmica social das torcidas organizadas,

[...] são espaços onde se repõe o grau de solidariedade e identificação e onde diariamente os torcedores organizados vislumbram a possibilidade de se encontrar e manter-se atualizados sobre diversas atividades – festas, jogos de várzea, futebol de salão, comentários dos jogos, excursões, a situação dos times no campeonato, ou mesmo fatos sobre a política, sobre a vida, enfim. [...] Concretamente nas sedes existe a possibilidade das pessoas se reconhecerem na partilha de valores, visões de mundo,

¹⁸¹ TOLEDO, 1996, p. 41.

¹⁸² TOLEDO, 1996, p. 43.

¹⁸³ TOLEDO, 1996, p. 47.

aspirações bastante congruentes. As sedes são espaços vivos de pertencimento a estes grupos e de reconhecimento frente a outros.¹⁸⁴

A estática burocracia das torcidas organizadas é contrastada por um dinamismo muito grande no que concerne à estética do grupo. Deveras, na construção da identidade coletiva esses agrupamentos acabam criando um conjunto vasto de marcas que os representam e os identificam perante os demais.

Não obstante possua figura central em dias de jogos, quando um duelo entre torcidas é colocado à prova, tal simbologia é levada para além da arquibancada, fazendo parte de um dos muitos elementos característicos dessas organizações coletivas. As categorias são vastas, e vão desde símbolos à camisas, bandeiras, faixas e baterias de percussão.

No que diz respeito aos símbolos, utilizados na representação de toda a torcida, podem ser classificados, conforme destaca **Toledo**, em três categorias principais:

animais (periquito, leão, urubu, gavião, porco, baleia etc.); personagens dos gibis e dos comics, quadrinhos ou ficções (mancha, irmãos metralhas, Zé Carioca, mosqueteiro, pirata, índio, vikings etc.); ou ainda entidades fantásticas e divindades (dragões, serpentes, santos, seres antropomórficos).¹⁸⁵

Os motivos de escolha são os mais variados possíveis, podendo representar as origens sociais da torcida, sua localização geográfica, incorporar valores exaltados pelo grupo, utilizar-se dos mascotes escolhidos pelo time ou ainda suas cores, assim como “*virtudes atribuídas aos seres da natureza, animais, santos etc.*”¹⁸⁶ De uma forma geral, eles são compatíveis com o imaginário de comportamento peculiar e fora dos padrões sociais estabelecidos idealizado pelos torcedores-organizados; “*para além ou aquém do comportamento normal, ter mais garra, valentia, uma sede de selvageria, porém astúcia e malícia, aliadas a uma incrível assiduidade e devoção ao time.*”¹⁸⁷ Com efeito,

o torcedor organizado deve ter uma dose de excentricidade, situar-se fora dos padrões estabelecidos, para além ou aquém do comportamento normal, ter mais garra, valentia, uma sede de selvageria, porém astúcia e malícia, aliadas a uma incrível assiduidade e devoção ao time. Devoção que os faz sentirem torcedores diferentes: simbolizados ou pelas qualidades dos animais ferozes, distantes que estão dos padrões normativos impostos pela cultura, ou representados pelas virtudes dos heróis, vilões e santos, que suplantam a dos homens comuns (torcedores comuns).¹⁸⁸

¹⁸⁴ TOLEDO, 1996, p. 51.

¹⁸⁵ TOLEDO, 1996, p. 54.

¹⁸⁶ TOLEDO, 1996, p.54.

¹⁸⁷ TOLEDO, 1996, p. 54.

¹⁸⁸ TOLEDO, 1996, pp. 55-56.

A título de exemplo, destaca-se a representação cartunizada de São Paulo, nome de quem se utiliza o São Paulo Futebol Clube, usada como símbolo da *Torcida Tricolor Independente*, ou ainda o vilão das histórias em quadrinhos do *Mickey Mouse*, o *Mancha*, utilizado para representar a *Torcida Mancha AlviVerde*, mas agora na cor verde, uma das cores da Sociedade Esportiva Palmeiras, e não na sua tradicional cor preta.¹⁸⁹

Outro elemento constitutivo importante das torcidas organizadas são as camisas. Elas incorporam componentes do time que se segue – cores, emblemas, mascotes etc. – assim como os da própria torcida, como os símbolos. É um elemento essencial de identificação perante o grupo e em relação às demais torcidas organizadas. Integrar a uma torcida organizada é ostentar os seus símbolos e, principalmente em dias de jogos, fazer uso da camisa da torcida. Nesse sentido,

a camisa da Torcida Organizada expressa o pertencimento ao grupo. Revela o afeto ao time tanto quanto à Torcida. Ela demarca diferenças, delimita espaços, reitera identidades, solidariedade e oposições. Sua eficácia consiste no uso pelas ruas, trajetos até os estádios e mesmo dentro deles. A camisa demarca entre os torcedores uma certa distância simbólica entre aqueles que usam dos torcedores comuns. Assim, o simples fato de se encontrar um independente na rua suscita, por parte de muitos, uma inquietação, temor, ódio, respeito maiores que se encontrasse um torcedor comum vestido com a camisa do time. O mesmo ocorre entre um Mancha e um palmeirense, um gavião e um corintiano e assim por diante.¹⁹⁰

Apesar da importância de identificação exercida pela camisa da torcida organizada, ela, nos estádios, tem seu potencial de reconhecimento limitado. Exerce papel fundamental sobretudo no trajeto até o campo de jogo e nos seus arredores. Contudo, no mar dos torcedores, mormente para aquelas camisas que se assemelham com as das equipes, torna-se difícil a dissociação entre torcedores-organizados e torcedores-comuns.

Nesse caso, lança-se mão de novos elementos estéticos, tais como as bandeiras e faixas. Estas, além da representação estética operam, também, como mecanismo de protesto e localização territorial das torcidas organizadas nos estádios. A saber:

As faixas também são marcas de diferenciação das Torcidas Organizadas. Nas faixas geralmente vem o nome por extenso dos grupos: GAVIÕES DA FIEL; FORÇA INDEPENDENTE; TORCIDA TRICOLOR INDEPENDENTE; CAMISA 12 DA BAIXADA SANTISTA etc. Basicamente são utilizadas como endereços na demarcação e delimitação de territórios nas arquibancadas nos dias de jogos. Uma maneira de estes torcedores demonstrarem e expressarem descontentamentos com os times ou dirigentes dos clubes ou ainda sinalizarem algum protesto, consiste em posicioná-las de cabeça para baixo; demonstração pública de repúdio ou reivindicação por qualquer coisa que diz respeito mais diretamente ao time de futebol

¹⁸⁹ TOLEDO, 1996, p. 52.

¹⁹⁰ TOLEDO, 1996, pp. 57-58.

ou ainda a algum fato. Nos rituais dos jogos, as faixas são marcas que, por servirem na delimitação do espaço a ser ocupado nas arquibancadas, primeiro são colocadas a público e que, pelo tamanho, são facilmente identificáveis.¹⁹¹

Já as bandeiras podem ser utilizadas em mastros de madeira, chegando por vezes a mais de cinco metros de altura, ou então na posição horizontal, cobrindo a maior parte da torcida organizada na arquibancada, sendo que alguns exemplares, de dimensões gigantescas, alcançam mais de duzentos metros de comprimento e trinta metros de largura.¹⁹² Não somente,

mais do que apenas tremular ao sabor do vento saudando os times da preferência, as bandeiras, por exemplo, adquirem uma sintonia e ritmo impressos pela marcação de outra marca fundamental das Torcidas Organizadas, a *bateria*. Os traçados desenhados e drapeados no ar pelas bandeiras entram em consonância com o ritmo dos cantos e das músicas impostos pelo conjunto de instrumentos. É preciso conhecer a técnica composta de vaivéns contínuos na sustentação dos bambus que fixam as bandeiras para conseguir tais efeitos plásticos.¹⁹³

A *bateria*, a propósito, é um dos poucos elementos simbólicos presente nas torcidas organizadas não possui relação direta com o gráfico e visual tão presente em suas apresentações. Nem por isso, todavia, tem somenos importância. Incorporando elementos do samba, e alguns instrumentos particulares ao gênero – como o surdo, a caixa, o tamborim, o repique, o chocalho etc. –, dita o compasso e a dimensão rítmica dos cantos e gritos de guerra. Seus integrantes formam um grupo a parte dentro da torcida organizada, além de possuírem certo *status* pelo domínio dos instrumentos de percussão. Nesse caso, “*uma grande bateria é sempre sinal de prestígio para uma torcida*”.¹⁹⁴

As marcas distintivas da torcida organizada adquirem tamanho valor que representa uma ofensa ou mesmo imposição de violência a subtração desses materiais por parte de torcidas rivais. Prática comum na dinâmica das torcidas que consiste em se apoderar das marcas de outros grupos para posterior ostentação como uma espécie de espólio de guerra. São os denominados *troféus*. Com efeito,

¹⁹¹ TOLEDO, 1996, p. 59.

¹⁹² Há uma constante competição entre as torcidas organizadas sobre quem detém o maior *bandeirão*. Estes, nessa disputa, tomam proporções colossais, podendo cobrir todo um setor de arquibancada do estádio. Um dos maiores do Brasil, o *bandeirão* da *Torcida Organizada Gaviões da Fiel*, chega a possuir 8.750 m², com 250 metros de comprimento e 35 metros de largura. Outro exemplar, da *Torcida Organizada Galoucura*, tem 210 metros de comprimento e 40 metros de largura. Este último, ademais, revela um curioso caso de rivalidade entre torcidas organizadas. Foi idealizado e confeccionado para superar o *bandeirão* da torcida organizada rival, *Torcida Máfia Azul*, o qual possui de 205 metros de comprimento e 40 metros de largura, superando em apenas 5 metros de comprimento. A esse respeito, cf. Os dez maiores bandeirões do Brasil. **Organizadas Brasil**. Disponível em: <http://www.organizadasbrasil.com/galerias/especial_bandeirao/> Acesso em 10 de junho de 2015.

¹⁹³ TOLEDO, 1996, p. 60.

¹⁹⁴ TOLEDO, 1996, p. 61.

camisas, bandeiras e bonés servem de troféus a serem disputados pelos torcedores. Um motivo de humilhação para qualquer Torcida Organizada é ver suas bandeiras, ou qualquer outro adereço coletivo que a represente (as faixas, por exemplo) em poder de terceiros. Este tipo de prática, ou seja, roubar bandeiras dos outros, é sempre motivo para acirrar os ânimos entre as Torcidas Organizadas. A bandeira é um símbolo que deve ser preservado a todo custo.¹⁹⁵

Além do papel identificação e exaltação das características coletivas do grupo, as marcas assumem importante papel na esfera econômica dessas associações. Uma das principais fontes de rendimento para a torcida organizada consiste justamente na comercialização de artigos de vestuário e acessórios que contenham as marcas da torcida. A esse respeito, conforme destaca **Pimenta**,

sabe-se, contudo, que o comércio desenvolvido nas ‘Organizadas’ não se restringe à contribuição mensal dos sócios e à venda de camisetas; vendem-se desde pingentes até bicicletas levando a marca da ‘Torcida’. Na ‘Mancha Verde’, na ‘Independente’ e na ‘Gaviões da Fiel’ o faturamento diário com a venda de suvenires atinge de US\$ 1.500,00 (um mil e quinhentos dólares) à US\$ 3.000,00 (três mil dólares) aproximadamente [dados de 1997], mostrando potencial econômico que elas representam.¹⁹⁶

O comércio de *souvenir*, de fato, representa parcela importante do faturamento mensal das torcidas organizadas. Junto com a contribuição mensal dos sócios e com contribuições circunstanciais dos clubes, de partidos políticos e empresas, compõe a receita mensal desses grupos.¹⁹⁷

O montante de dinheiro movimentado pelas torcidas organizadas, ademais, por vezes é objeto de perplexidade por parte da mídia e de autoridades públicas. De fato, tais organizações possuem potencial arrecadatário elevado, considerando-se o número de sócios que possuem e o rendimento recebido pelo mencionado comércio de suas marcas distintivas. Nesse sentido,

a quantidade de dinheiro que circula dentro destes grupos é grande e significativa, porém, há um desencontro de números entre a matemática simples realizada pela imprensa e os mecanismos utilizados na expectativa de impedir a inadimplência do pagamento das mensalidades e aumentar a venda de produtos, pois as maiores ‘Torcidas Organizadas’ de São Paulo, as quais foram estudadas neste trabalho, têm aproximadamente 18 mil a 46.000 mil sócios (‘Mancha Verde’, ‘Independente’ e a Gaviões da Fiel’) [dados de 1997] e sabe-se que nem todo filiado paga corretamente

¹⁹⁵ TOLEDO, 1996, pp. 58-59.

¹⁹⁶ PIMENTA, 1997, p. 85.

¹⁹⁷ PIMENTA, 1997, p. 85.

a mensalidade, inclusive, existem campanhas para regularização da vida social dos associados em atraso.¹⁹⁸

Para além dos distintivos visuais, outra particularidade faz parte do mundo das torcidas organizadas: a verbalização da arquibancada. Em precisa expressão de **Toledo**, a “*fala torcedora*”.¹⁹⁹ Parte da apresentação das torcidas organizadas nos estádios é formada por um conjunto de cânticos, hinos e gritos de guerra que integram seu arsenal estilístico. O canto das torcidas muito mais que simples incentivo às equipes constituem exteriorização da identidade coletiva do grupo.

Não obstante presentes também na comunicação dos torcedores-comuns, tal característica é elevada a outro patamar com as torcidas organizadas. Muitas torcidas se orgulham de cantar os noventa minutos das partidas, o que certamente não se verifica quanto aos demais torcedores. É possível a classificação da “*fala torcedora*” em quatro categorias principais: “*aqueles de incentivo ao time e jogadores, os de protestos [...], outros aqui denominados de intimidadores (de adversários, juízes e jogadores) e os de auto-afirmação das próprias torcidas [...]*”.²⁰⁰

Muito frequentes nos cantos intimidatórios e de auto-afirmação, mas também presentes no de incentivo e protesto, os xingamentos e palavrões não devem ser analisados a partir de uma lógica simplista e literal de suas significações. Eles carregam em si uma linguagem codificada e metafórica. Com efeito,

para além da gratuidade e obviedade das agressões disparadas das arquibancadas, como pensam alguns, os duelos verbais travados entre torcedores devem ser compreendidos dentro de um trama ritual de significações simbólicas, filtradas, codificadas em música e versos, retiradas da própria sociedade e de seus temas mais recorrentes.²⁰¹

A utilização dos palavrões muitas vezes adquire conotação sexual, em que de um lado se ressalta a condição de virilidade do grupo em contraste com a submissão e passividade do outro. Ainda, em alguns casos são enfatizados estereótipos de classe, hierarquização ou a utilização de instrumentos conceituais em linguagem figuradas, como animais.²⁰²

No contexto do jogo de futebol, no entanto, em que se acirram os ânimos e se vivencia de forma intensa as emoções da partida, os palavrões e xingamentos proferidos perdem

¹⁹⁸ PIMENTA, 1997, p. 86.

¹⁹⁹ TOLEDO, 1996, p. 61.

²⁰⁰ TOLEDO, 1996, p. 65.

²⁰¹ TOLEDO, 1996, p. 65.

²⁰² TOLEDO, 1996, p. 69.

a contundência que teriam nas situações do cotidiano. Esse tipo de comportamento, aliás, não se restringe a uma atuação das torcidas organizadas, mas é extensivo em grande medida aos torcedores-comuns. Ademais, em certas circunstâncias se identifica na própria ostentação de camisas, bandeiras e faixas dos adversários como uma forma de xingamento. Nesse sentido,

[...] é muito comum ouvir de torcedores que a camisa, ou a bandeira do adversário é um palavrão. Aqui a pura verbalização passa a se constituir em um meio de comunicação secundário, já que outros comportamentos expressivos cumprem a função da comunicação. Dessa forma, a mera exposição das bandeiras ou das camisas já xinga o adversário.²⁰³

Assim,

a utilização dos palavrões, em boa parte dos cantos e gritos de guerra não pode ser pensada apenas como agressividade gratuita e destituída de sentido. Ao contrário, eles fazem parte de padrões de conduta e comunicação na expressão dos conflitos, negociações, protestos. Tais padrões de comportamento verbal reportam-se, de maneira dramática, sempre aos temas característicos da sociedade brasileira: representação de uma certa proeminência da condição masculina, códigos de sexualidade, relações de mando e obediência, estereótipos sociais, desigualdades, hierarquias.²⁰⁴

A atenção das torcidas organizadas com as marcas distintivas e com seus cânticos como parte de uma coreografia do jogo reforça sua preocupação estética. Realmente, o que se busca com isso é o prestígio e a repulsa das torcidas adversárias; enfim, uma forma de ressaltar a identidade coletiva do grupo e de polarização com as rivais. O que muito se assemelha à lógica de segregação do futebol – o nós e eles, os vencedores e perdedores.

Uma das formas de atribuição relevância a uma torcida organizada é a percepção *das outras*. A sua condição de supremacia é alcançada pelos xingamentos e vaias dos adversários e ovação pelos semelhantes aliados. Nesse caso, “*para os torcedores organizados não conta o anonimato. A postura perante o adversário deve exprimir beleza, coreografia, bravura, respeito e aversão*”.²⁰⁵

Efetivamente, a própria construção do imaginário das torcidas organizadas está assentada em padrões de sociabilidade de cunho político. Na medida em que a visão de torcidas bem-sucedidas é formada a partir da aversão das torcidas rivais, do número de seus associados, a procura por filiação, a capacidade de edificação de alianças com outras torcidas.

²⁰³ TOLEDO, 1996, p. 73.

²⁰⁴ TOLEDO, 1996, p. 72.

²⁰⁵ TOLEDO, 1996, p. 77.

A relação entre torcidas e a solidificação de alianças, por sinal, reveste-se de uma lógica peculiar. Nesse contexto,

[...] a preferência pelos clubes (dos outros) entre torcedores organizados é medida por uma outra trama de sociabilidade existente. Trama que se revela numa preferência mais permanente, que se estabelece e se reafirma (ou não) a cada jogo, nos encontros e desencontros pelos estádios de futebol. [...] Nota-se, mais uma vez, que afinidade relativa a um outro time é quase sempre estabelecida com aquele que se constitui como o radicalmente diferente [...] Estes relacionamentos geralmente são mediados e estabelecidos mais pelo empenho pessoal de alguns torcedores, que acabam concretizando tais vínculos, e menos pela preferência coletiva e espontânea pelo time do outro, bem como pela lógica já observada acima, ou seja, a de que semelhante não atrai semelhante (torcidas com características semelhantes: cores, torcer para o mesmo time, serem da mesma cidade, estado).²⁰⁶

Existem ao menos três alianças principais entre torcidas organizadas no cenário brasileiro, as quais se formaram no início dos anos 1990. Tem-se a i) *União Punho Cruzado*, da qual fazem parte, como membros fundadores, a *Torcida Tricolor Independente*, do São Paulo Futebol Clube, a *Torcida Organizada Camisa 12*, do Sport Club Internacional, a *Torcida Jovem do Flamengo*, do Clube de Regatas do Flamengo, e *Torcida Jovem do Sport*, do Sport Clube do Recife, e possui como agregada – membro que aderiu posteriormente a sua fundação – a *Torcida Dragões atleticanos*, do Atlético Clube Goianiense; ii) *União Dedo Pro Alto*, da qual faz parte como membros fundadores a *Torcida Mancha AlviVerde*, da Sociedade Esportiva Palmeiras, *Torcida Organizada Galoucura*, do Clube Atlético Mineiro, *Torcida Força Jovem*, do Clube de Regatas Vasco da Gama, e possui como agregadas a *Torcida Jovem do Grêmio*, do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, a *Torcida Organizada Bamor*, do Esporte Clube Bahia, a *Torcida Organizada Inferno Coral*, do Santa Cruz Futebol Clube, a *Torcida Organizada Mancha Azul*, do Avaí Futebol Clube, e a *Torcida Uniformizada Terror Bicolor*, do Paysandu Sport Club; iii) *União Punho Colado*, da qual fazem parte a *Torcida Young Flu*, do Fluminense Football Club, a *Torcida Fúria Independente*, do Guarani Futebol Clube, a *Torcida Fúria Independente*, do Paraná Clube.²⁰⁷

As alianças entre torcidas surgem no intuito de apoio logístico às excursões de torcedores-organizados em outros estados da federação. Também são vistas como uma oportunidade de demonstração de prestígio e de influência da torcida perante os outros grupos. Dinâmica essa evidenciada em particular caso apresentado por **Toledo**, a saber:

²⁰⁶ TOLEDO, 1996, pp. 109-110.

²⁰⁷ Bem me quer, mal me quer: conheça as alianças entre torcidas organizadas. **Placar**. Disponível em: <<http://placar.abril.com.br/materia/bem-me-quer-mal-me-quer-conheca-as-aliancas-entre-as-torcidas-organizadas/>> Acesso em 10 de junho de 2015.

certa vez, o Palmeiras jogou no Parque Antártica, seu estádio, com o Flamengo carioca e o time do São Paulo Futebol Clube jogou, no mesmo horário, no estádio do Morumbi com um time do nordeste, ambos os jogos pelo Campeonato Brasileiro de 1989. A Torcida Tricolor Independente são paulina neste dia dividiu-se para participar tanto da partida que o São Paulo Futebol Clube disputou com o time nordestino quanto também ir ao Parque Antártica e juntar-se aos flamenguistas para torcer pelo C.R. Flamengo, no jogo contra a Sociedade Esportiva Palmeiras.²⁰⁸

Situação ainda mais peculiar, e certamente contrário ao senso comum das relações entre torcidas, verifica-se em partidas nas quais se enfrentam times de torcidas organizadas aliadas. Nessas ocasiões,

quanto duas torcidas amigas encontram-se em jogos onde se enfrentam seus próprios times, não é raro que elas assistam e participem juntas do espetáculo nas arquibancadas, independentemente do resultado favorável ou desfavorável ao final da partida. Contam-se os hinos dos dois times, aplaudem-se os vinte e dois jogadores, misturam-se as faixas. De certa forma, tais atitudes contrariam a própria lógica de rivalidade e disputa da competição esportiva (em uma situação normal, no campo de jogo, os times jamais se uniriam para obterem resultados iguais; estes, quando ocorrem, são frutos igualmente da equivalência dos desempenhos). No entanto, tais ocasiões revelam uma outra dimensão da sociabilidade onde quase que se anula o caráter do conflito e da contenda, instituindo uma lógica recíproca da obrigação em receber e acolher os torcedores amigos.²⁰⁹

No que concerne às relações entre torcidas organizadas de um mesmo time, não é raro o surgimento de desavenças, em que pese a mesma paixão clubística. O que se verifica é a constante busca por legitimidade como representante de toda a torcida do time. Nesse sentido, elas “*disputam entre si alguns bens simbólicos que resultam em prestígio e reconhecimento enquanto torcidas aguerridas, organizadas, ricas e legítimas [...]*”.²¹⁰

A observação dos modelos de sociabilidade das torcidas organizadas, seja no âmbito interno, entre membros da própria torcida, ou externo, na relação com as demais – do mesmo time ou não –, acaba por dissipar uma visão simplista desses grupos como entidades estanques e padronizadas em torno do estereótipo do torcedor-organizado. São constituídas, por outro lado, por uma plêiade diversificada de integrantes, de diferentes gêneros, etnias e classes sociais. Com efeito,

[...] pelo conjunto dos subgrupos que compõem as Torcidas Organizadas, diversidade expressa nas diferenças sociais, nos grupos de idade e expectativas variadas que os animam, não se pode conceituá-las como sendo grupos homogêneos, nem como conjuntos de existência permanente: são, antes, o resultado (sempre provisório) de um

²⁰⁸ TOLEDO, 1996, p. 110.

²⁰⁹ TOLEDO, 1996, p. 111.

²¹⁰ TOLEDO, 1996, pp. 106-107.

sistema de relação. O que as caracteriza como grupos, além da organização burocrática é, antes de tudo, o partilhar de um certo estilo peculiar de conceber e externar as paixões pelo futebol, tomando-o como uma dimensão importante na cada um que ali se dispõe a vivenciá-lo desta, e não de outra maneira.²¹¹

A participação coletiva das torcidas organizadas, o compartilhamento de marcas comuns, o desenvolvimento de um conjunto de regras e condutas seguidas por seus membros, a peculiar observação do futebol e do time ao qual se é aficionado, implica na criação de um *estilo de vida* próprio dessas subculturas.

É de se ressaltar, outrossim, nas precisas palavras de **Toledo**, que

o futebol, sobretudo para estes torcedores organizados, não consiste tão-somente num momento de fruição e entretenimento, como se fosse uma mercadoria consumida em algumas poucas horas. Ao contrário, ele é parte constitutiva na elaboração de um estilo de vida próprio. Ao assumirem preferências pelas cores do coração, por símbolos e marcas de cada Torcida Organizada, estes indivíduos referendam condutas específicas diante dos outros grupos, na escola, no trabalho, na vida privada, no próprio cotidiano. Inúmeros torcedores constroem verdadeiras carreiras dentro de uma Torcida Organizada, chegando a adaptar outras atividades, tais como o trabalho, relacionamentos pessoais e familiares em função da Torcida. Dessa forma, pode-se afirmar que a experiência de muitos daqueles que integram e vivem uma Torcida Organizada com o futebol não se restringe tão-somente à lógica do binômio de trabalho-tempo livre. [...] para além do desfrute de parte do tempo livre como expectador do time preferido, inúmeros integrantes dessas Torcidas Organizadas experimentam, numa maneira particular de gostar de futebol, um estilo de vida. [...] As Torcidas Organizadas impõe limites, hierarquias, vestem-se de maneiras diferenciadas, criam padrões estéticos de como se torcer, gostos e comportamentos que se traduzem em intervenções coletivas no meio urbano. [...] Investem tempo, criam expectativas, mobilizam símbolos, expõem-se a conflitos. Para estes torcedores, o futebol constitui-se em entretenimento, interesse político, visibilidade entre seus pares e perante outros, festa, drama, sociabilidade. Pra isso concorrem uma série de práticas e disposições pelas quais objetivamente agem e percebem o mundo.²¹²

Em suma, a ideia de que o futebol representa apenas uma espécie de entretenimento e consumo em horas de lazer não está presente na dinâmica das torcidas organizadas, na medida em que os seus membros condicionam suas relações interpessoais e de trabalho à convivência na Torcida Organizada. É uma relação de complexidade em que o próprio coletivo constituído, com a assunção do *estilo de vida* particular a esses grupos, é internalizado na individualidade de seus membros.

2.4 Torcidas organizadas, hooliganismo, *ultras* e *barras bravas*: uma comparação possível?

²¹¹ TOLEDO, 1006, p. 81.

²¹² TOLEDO, 1996, pp. 114-118.

O fenômeno da reunião de torcedores em grupos – com organização delimitada ou não – no intuito de seguir o clube com o qual possuem forte vínculo não é exclusivo da realidade brasileira. Muito pelo contrário, é possível reconhecer o surgimento de várias associações torcedoras ao redor do mundo, cada a qual, não obstante, com suas características particulares.

A repercussão de atos de violência que eventualmente eclodem da relação entre esses agrupamentos, contudo, leva à criação de conceitos genéricos e abertos na pretensão de classificar tais torcedores em uma categoria unívoca. São os “*maus torcedores*” ou os “*bandidos*” que se infiltram nas organizações de torcedores para praticarem atos de vandalismo e trazer a barbárie ao campo de futebol. Ainda, utilizando-se de estereótipos há muito desenvolvidos no futebol europeu são classificados homogeneamente como *hooligans*.

Mas afinal, seria possível conceber uma tipologia única que congregasse, em uma única espécie, todos os torcedores que se envolvem em ações violentas ou contrárias a uma moral comum estabelecida no mundo do futebol?

O hooliganismo, fenômeno emergente principalmente na Inglaterra, mas que também se desenvolve em todo o Reino Unido, é inicialmente constatado no decorrer da década de 1960 e 1970. Nessa época, alguns incidentes e a presença de uma violência mais significativa, distinta daquela que usualmente era verificada nos estádios de futebol, começam a chamar a atenção da mídia e das autoridades públicas. O que se constata é que diversos torcedores jovens buscam a obtenção de prestígio para o seu grupo, comumente denominado *hooligan*, a partir da imposição física e tentativa de subjugação de agrupamentos semelhantes de times adversários.²¹³

Nesse sentido, o objetivo dos *hooligans*

[...] é aumentar o *status* de seu grupo em confrontos com os rivais. Cada torcida procura ‘ameaçar’ as outras, ‘defendendo-se’ e atacando as opostas, ‘nocauteando-as’, forçando-as a recuar, ou perseguindo-as. Os *hooligans* mantêm vários graus de prestígio e de respeito pelos que se ergueram e lutaram ‘corajosamente’, mesmo que tenham desistido do pior, mas aqueles que voltaram para trás e correram de um confronto são considerados humilhados. Finalmente, não há o menor prestígio (mas muita ridicularização e desdém) para os que ganham ao atacar alvos ‘ilegítimos’, tais como torcedores comuns.²¹⁴

A origem desses grupos, todavia, está diretamente associada com movimentos de *skinheads*, os quais a partir da copa do mundo de 1966, realizada na Inglaterra, passam a integrar

²¹³ GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do Futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. Tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant e Marcelo de Oliveira Nunes. São Paulo: Nova Alexandria, 2002, p. 73.

²¹⁴ GIULIANOTTI, 2002, p. 76.

as torcidas de diversos clubes ingleses e veem o futebol como um importante palco de protesto de exposição de seus ideais.²¹⁵

Tal circunstância é exteriorizada nas características *hooligans* que em maior ou menor grau aparentam estar presente homogeneamente em todo o movimento, qual seja, um nacionalismo exacerbado, com traços de xenofobia. Nesse caso, “*este forte apelo nacionalista e a xenofobia são elementos que aproximam e possibilitam uma certa intercambialidade entre estes grupos com os partidos fascistas, em particular o National Front*”.²¹⁶

O jornalista americano Bill Buford, que conviveu diretamente com grupos *hooligans*, traz importante relato dessa forte marca política do fenômeno, a saber:

O estrangeiro era aquele a quem eles verdadeiramente odiavam (era inconcebível que eles, sendo ingleses e estando agora na Itália, pudessem ser estrangeiros). O problema com os estrangeiros era o seguinte: jamais haviam efetivamente galgado a escala evolutiva até o fim; havia um *quê* de inferioridade no estrangeiro – sobretudo os estrangeiros de cor escura, isso para não falar dos estrangeiros de cor escura que ainda por cima tentavam lhe vender alguma coisa. Esses eram os piores.²¹⁷

Outra particularidade do hooliganismo é a busca pelo anonimato. Com efeito,

procuram-se confundir em meio à multidão torcedora, não se utilizam de símbolos hooligans, que os evidenciam imediatamente. Por exemplo, não conferem a obrigatoriedade no uso de uma determinada camisa específica. Motivos gráficos, tais como a suástica, estão estampados nos braços, camisas e bandeiras. Porém, tal símbolo condensa uma série de outros significados mais explícitos que não os identificam necessariamente como sendo torcedores de futebol. Traçam itinerários complexos para burlarem a vigilância policial. Chegam a subdividir os grupos no intuito de disfarçarem a chegada em massa aos estádios.²¹⁸

A forte pressão midiática e social exercida pelo número cada vez maior de vítimas decorrentes da violência perpetrada por esses grupos²¹⁹ acabou levando a um combate ostensivo

²¹⁵ TOLEDO, 1996, pp. 127-128.

²¹⁶ TOLEDO, 1996, p. 128.

²¹⁷ BUDORD, Bill. **Entre vândalos: a multidão e a sedução da violência**. Tradução de Júlio Fischer. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 98.

²¹⁸ TOLEDO, 1996, pp. 128-129.

²¹⁹ Caso emblemático foi o que posteriormente ficou conhecido como Tragédia de Heysel. Na final da Liga dos Campeões de 1985, disputada em 29 de maio daquele ano no Estádio de Heysel, em Bruxelas na Bélgica, por Liverpool e Juventus, um incidente envolvendo torcedores acabou ocasionando a morte de 39 pessoas. É mencionado que os *hooligans* do Liverpool, minutos antes de começar a partida, tentavam invadir parte da arquibancada destinada aos torcedores da Juventus. A pressão exercida em um muro que os separavam acabou acarretando a sua queda, atingindo muitos torcedores, sobretudo da Juventus. Os *hooligans* foram responsabilizados pelo ocorrido, e, como resultado, as equipes inglesas foram proibidas de disputar competições europeias pelos cinco anos subsequentes.

pelas autoridades públicas aos *hooligans*, sobretudo no final da década de 1980 e no decorrer da década de 1990.²²⁰

Como se percebe, existem diferenças evidentes entre os denominados *hooligans* e o movimento das torcidas organizadas brasileiras. A presença de marcante conotação política, associada a um nacionalismo extremado e tendência conservadora, tão característica desses grupos ingleses é completamente ausente quando se observa a conjuntura das torcidas organizadas. Ainda que eventualmente se associem a algum candidato em épocas de eleições, tal vinculação se apresenta circunstancial, e não atribuída a uma preferência por uma linha política determinada. Ademais, a própria concepção da identidade coletiva das torcidas organizadas gira em torno da assunção individual de uma complexa simbologia particular de cada grupo. O fim perseguido é diametralmente oposto ao anonimato dos *hooligans*, mas o reconhecimento de sua condição de protagonista do evento esportivo.

As torcidas organizadas, enfim, são agrupamentos muito mais abertos quanto à escolha de seus membros. Nesse sentido, “*a princípio, qualquer pessoa pode integrar (e, de fato, isto ocorre) uma torcida. Ela pode ser de direita ou de esquerda, velha ou moça, gostar de samba ou rock, gostar de brigar ou não*”.²²¹

Movimento paralelo ao hooliganismo inglês na Europa foi o que se constatou na Itália com o surgimento de grupos de torcedores denominados *ultras*. Não obstante a origem controversa, é indicado 1968 como ano de criação do primeiro grupo *ultra*, com a fundação da *Fossa dei Leoni* (Cova dos Leões), da *Associazione Calcio Milan*, na curva sul do Estádio San Siro, em Milão.²²²

O que marca e caracteriza tais grupos de torcedores, desde a gênese do fenômeno, não é tanto pela organização ou pela violência presente em muitas das suas ações. Nesse sentido,

aquilo que antes de 1968 não havia, nunca tinha entrado nos estádios, é a dimensão antagonista dos torcedores, que emerge propriamente quando nas curvas começam a chegar, ou melhor a manifestar-se, aqueles do antagonismo social e político das praças, sobretudo daquela parte da esquerda extraparlamentar e movimentos estudantis que buscavam uma liberação política por meio da vida cotidiana: muito frequentemente se tratava de pessoas que participavam do movimento *Lotta Continua*. [...] começaram a comparecer, adicionando-se aos tradicionais instrumentos de

²²⁰ GIULLIANOTI, 2002, p. 75.

²²¹ TOLEDO, 1997, p. 131.

²²² FRANCESIO, Giovanni. **Tifare contro: una storia degli ultras italiani**. E-book. Sperling & Kupfer, 2010, p. 23.

torcedores, os modos e símbolos das manifestações de praça: *banners*, megafones, policiamento, *stalin*, elmos. E as mesmas palavras, as mesmas canções.²²³

A curva dos estádios, dessa forma, era vista como um espaço de liberdade e de manifestação dos ideais dos torcedores. Com uma evidente vinculação política, portanto, esses grupos, nesse quesito, acabam se aproximando dos *hooligans* ingleses e se afastando das torcidas organizadas brasileiras. Cabe destacar, a esse respeito, importante relato de **Florenzano** a respeito dos conflitos políticos envolvendo torcedores *ultras* na Itália:

A partir da temporada 2004/2005, com efeito, a contenda futebolística entre a Lazio e o Livorno transformar-se-ia em uma '*partida maldita*', caracterizada pelo '*ódio político entre as duas torcidas*'. O antagonismo radical colocava frente a frente inimigos fidalgaís. De um lado, os Irredutíveis, da Lazio, organizados a partir de 1987 na curva Norte do olímpico, de onde expulsaram os Eagles Supporters junto com instrumentos musicais que acompanhavam, substituindo-os por um novo estilo baseado no coro à moda inglesa e no engajamento político de extrema-direita [...]. De outro lado, as Brigadas Autônomas Livornesas, constituídas em 1999 na curva Norte do estádio Ardenza, com o escopo de aglutinar os diversos clubes de adeptos que desde os anos setenta haviam se formado para apoiar o time amaranato. De orientação 'explicitamente stalinista', imbuída de um espírito beligerante, refletido na 'predisposição à violência'. [...] Sendo assim, a imprensa registrava a cada encontro envolvendo os dois times o aumento progressivo da tensão. Em abril de 2005, no jogo de Roma, ela parecia ter alcançado o paroxismo. Os ultras da Lazio organizaram uma recepção especial aos visitantes, ornando a curva Norte do estádio Olímpico com duas suásticas, dezenas de cruzes celtas e várias faixas de boas vindas, dentre as quais a que proclamava: '*A Itália é nossa... Livorno cloaca vermelha*'. Os cerca de trezentos adeptos provenientes da Toscana, por sua vez, retribuía a calorosa acolhida exibiam inúmeras bandeiras com a foice e o martelo, além de um cartaz com o desenho de um homem depositando na cesta de lixo da história a suástica nazista. A confraternização não podia passar sem acompanhamento musical. De um lado, a plenos pulmões, os anfitriões cantavam '*Facceta nera*', canção fascista ligada à conquista da Etiópia [...]; de outro lado, embora em menor número, os forasteiros entoavam '*Bandiera rossa*', canção popular do movimento comunista italiano.²²⁴

Ocorre que outra dimensão dos torcedores *ultras* italianos, e de forma geral os *ultras* europeus – como os franceses²²⁵ –, é alicerçada na criação de uma associação torcedora burocratizada, aos moldes das torcidas organizadas brasileiras, com categorias institucionais

²²³ FRANCESIO, 2010, pp. 27-28. No original: "*Quella che prima del 1968 non c'era, non era mai entrata negli stadi, è la dimensione antagonista del tifo, che emerge proprio quando nelle curve cominciano ad arrivare, o meglio a manifestarsi, «quelli» dell'antagonismo sociale e politico di piazza, soprattutto di quella parte della sinistra extraparlamentare e dei movimenti studenteschi che puntava a una liberazione politica attraverso la vita quotidiana: molto spesso, si trattava di persone che gravitavano intorno a Lotta Continua. [...] cominciarono a comparire, aggiungendosi ai tradizionali strumenti del tifo, i modi e i simboli delle manifestazioni di piazza: striscioni, megafoni, servizi d'ordine, stalin, elmetti. E le stesse parole, le stesse canzoni.*" (tradução nossa)

²²⁴ FLORENZANO, José Paulo. Um calico diverso: partidas políticas e torcidas ultras. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; REIS, Heloisa Helena Baldy dos (Orgs). **Hooliganismo e Copa de 2014**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014, pp. 84-85.

²²⁵ HOURCADE, Nicolas. Torcedores radicais e transformações dos estádios na França. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; REIS, Heloisa Helena Baldy dos (Orgs). **Hooliganismo e Copa de 2014**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014, pp. 121-144.

bem delimitadas, em que seus membros são sócios contribuem mensalmente para a torcida. Do mesmo modo, criam um complexo aparato simbólico responsáveis por sua identificação, utilizam-se de camisas próprias, bandeiras, faixas. Em suma, a estrutura organizacional e a preocupação estética dos *ultras* em muito se assemelha as das torcidas organizadas aqui estudadas.²²⁶

No contexto latino-americano dos países de língua hispânica, o fenômeno da organização de torcedores também é percebido. São comumente conhecidos como *barras bravas*. Trata-se de um movimento que também tem origem por volta da década de 1960 e 1970 e se consolida a partir dos anos de 1980.²²⁷

As *barras bravas* também possuem sua organização de forma bem estruturada, ainda que sem os mesmos contornos burocráticos e institucionais das torcidas organizadas brasileiras.²²⁸ Possuem uma forma de torcer característica, em ritmo cadenciado e com marcações precisas, sem deixar de lado o apelo estético, este ainda presente nesses grupos torcedores. Fazem uso de todo tipo de artefato pirotécnico, faixas, bandeiras e suas *barras* verticais tão peculiares, que normalmente ligam as arquibancadas superiores e inferiores dos estádios.

O que talvez as distinga das torcidas organizadas brasileiras seja i) a forte relação que mantêm com seus clubes, com influência direta sobre os dirigentes esportivos que comandam as equipes²²⁹; ii) uma certa verticalização e controle do grupo da mão de um *chefe*, o qual se mantém no poder por vários anos, contrastando com a figura do presidente eleito periodicamente das organizadas²³⁰.

Ainda, está presente nas *barras bravas*, outrossim, um intenso envolvimento com a política do país, sendo que alguns dirigentes de clubes fazem uso desses grupos de torcedores para a disputa de eleições locais, mas sem que transpareça uma vinculação ideológica mais delimitada.²³¹

Sobre as atividades da *La doce, barra brava* do *Club Atlético Boca Juniors*, umas das mais expressivas da argentina, destaca-se o depoimento de **Grabia**, a saber:

²²⁶ GIULLIANOTI, 2002, pp. 79-80.

²²⁷ GRABIA, Gustavo. *La doce: la verdadera historia de la barra brava de Boca*. Buenos Aires: Sudamericana, 2015, p. 20.

²²⁸ GIULLIANOTI, 2002, pp. 83-84.

²²⁹ GIULLIANOTI, 2002, pp. 84.

²³⁰ No caso da *La doce, barra brava* do *Club Atlético Boca Juniors* a presença do chefe é marcante, destacando-se a figura de José Barrita, “el abuelo”, que comandou a torcida de 1981 a 1994. A esse respeito, cf. GRABIA, 2015.

²³¹ GIULLIANOTI, 2002, p. 84.

A torcida do Boca – autointitulada ‘A metade mais um’ por ser a equipe mais popular do país [...] – apresenta no seu braço armado, *La doce*, um modelo de organização inusitado. É a *barra* com maiores contatos políticos, a que trabalhou tanto para o *justicialismo* como para o *radicalismo* e chegou a participar de operações políticas montadas pela *SIDE* [Secretaria de Inteligência do Estado]. É a única no mundo que criou uma fundação legal para “lavar” ingressos ilegais provenientes da extorsão de políticos, empresários e esportistas, assim como do financiamento inescrupuloso através da renda de entradas, a condução de ônibus para levar torcedores ao interior, o estacionamento nas ruas de *La Boca* cada vez que há uma partida e o *merchandising*.²³²

Com a análise dos diversos movimentos de torcedores que emergem concomitante nos grandes centros do futebol, revela-se evidente não se tratar de um fenômeno homogêneo e padronizado. Sejam as torcidas organizadas, *os hooligans* ingleses, os *ultras* italianos e europeus ou as *barras bravas* latino-americanos, tais agrupamentos possuem características próprias que os identificam e os diferem uns dos outros. Com efeito, a constatação da presença de atos violentos em suas ações não é atributo suficiente para congregá-los em uma tipologia única, sem a consideração da complexidade presente em suas relações, sob pena de recairmos em um julgamento superficial.

²³² GRABIA, 2015, p. 11. No original: “*La hinchada de Boca – autotitulada ‘La mitad más uno’ por ser la del equipo más popular del país [...] – presenta en su brazo armado, La doce, un modelo de organización inusitado. Es la barra con mayores contatos políticos, la que trabajó tanto para el justicialismo como para el radicalismo y llegó a participar de operaciones políticas montadas por la SIDE. Y la única en el mundo que creó una fundación legal para blanquear ingresos ilegales provenientes de la extorsión a políticos, empresarios y desportistas, así como del financiamiento inescrupuloso a través de la reventa de entradas, el manejo de los micros para llevar hinchas al interior, el estacionamiento en las calles de La Boca cada vez que hay un partido y el merchandising.*” (tradução nossa)

3. AS TORCIDAS ORGANIZADAS E A VIOLÊNCIA NO FUTEBOL BRASILEIRO

A violência no futebol brasileiro há muito desperta interesse dos setores midiáticos, das autoridades públicas e da sociedade civil como um todo. De tempos em tempos são noticiados, com a gravidade que o tema impõe, fatos envolvendo o enfrentamento de torcedores, nas mais variadas circunstâncias, deixando hodiernamente em sua grande maioria vítimas fatais, muitas das quais, em uma espécie de externalidade negativa, por vezes sem qualquer relação com o evento esportivo.

De início, é necessário pontuar, todavia, que a violência no futebol não é algo essencialmente recente. Desde suas origens, o futebol movimenta paixões e desperta, por assim dizer, um lado bestial nos torcedores que o seguem. Nesse sentido, **Malaia**, em pertinente relato, destaca um trágico incidente envolvendo torcedores que data do ano de 1920, em discussão envolvendo torcedores do antigo Palestra Itália, hoje Sociedade Esportiva Palmeiras, e do Paulistano, noticiado pelo jornal *Correio da Manhã* em 14 de dezembro daquele ano, a saber:

Numa taverna existente na Rua Anhanguera, vários indivíduos italianos e brasileiros, discutiam o resultado do jogo de football, de hontem, certo momento, quando mais accessa ia a discussão, um rapaz do grupo, barbeiro, de nacionalidade italiana, ardoroso defensor do Palestra, sacando de uma navalha, vibrou quatro golpes contra o operário Galdino de Assis, que defencia o Paulistano. Commettido o delicto, tratou de dar as de 'villa Diogo' [fugiu], equanto a victima era transportada em estado grave para Santa Casa de Misericordia.²³³

Pela intensa carga emocional que é intrinsecamente ligada a uma partida de futebol, pela polarização inerente à lógica futebolística e pela forte identificação do torcedor com seu clube, como largamente problematizado no capítulo anterior, eventualmente conflitos eclodem, sendo que muitos desses se reproduzem em ações violentas por parte dos envolvidos. Ocorre que, para além de uma ação explosiva e circunstancial a algumas partidas, observa-se ao longo dos anos um aumento considerável nos números de casos relatados. Não somente, a periodicidade com que tais eventos ocorrem diminui e a proporção de vítimas é exponencialmente maior.²³⁴

²³³ Por causa do football quasi matou um partidário do Paulistano. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 14 de dezembro de 1920. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_03&PagFis=4398&Pesq=defensor%20do%20Palestra>. Acesso em 15 de junho de 2015.

²³⁴ NERY, André Luís. **Violência no futebol: mortes de torcedores na Argentina e no Brasil**. Rio de Janeiro, 2012, p. 106.

Não é coincidência notar, ademais, que o aumento expressivo no número de mortes no futebol brasileiro se dá a partir do final da década de 1980 e sobretudo na década de 1990, época em que as torcidas organizadas se consolidam como o principal modelo de agrupamento de torcedores no Brasil. Se anteriormente o maior número das vítimas fatais estava associado a problemas estruturais nos precários estádios de futebol do Brasil – com desabamento de arquibancadas e de muros de contenção²³⁵ – agora está diretamente relacionado ao enfrentamento de grupos de torcedores.

A despeito da inexistência de pesquisas oficiais, no Brasil, sobre o número de mortes no futebol, ressalta-se o importante trabalho desenvolvido por **Nery**, no sentido de uma quantificação estimada através das notícias divulgadas pelos principais jornais do país a respeito da morte de torcedores, no período que se estende de 1992 a 2012. Nesse sentido,

a partir da pesquisa em diversos jornais brasileiros foram encontrados 133 casos de mortes de torcedores no Brasil entre 1992 e março de 2012. A lista traz desde mortes em confrontos entre torcidas como aquelas que ocorreram por acidente como foi o caso da tragédia da Fonte Nova, em 2007, quando sete torcedores morreram devido à queda de parte da arquibancada do estádio. Muito provavelmente esse número seja ainda maior, já que alguns casos podem não ter sido noticiados ou não foram registrados como incidentes envolvendo torcedores. Mesmo assim o levantamento mostra que a violência no futebol tem se espalhado pelo país e não é um problema restrito a São Paulo e Rio de Janeiro. Por sinal a visão de que as torcidas paulistas e cariocas são mais violentas é motivada pelo fato de os incidentes envolvendo torcedores das capitais paulistas e fluminenses ganharem uma cobertura midiática mais intensa.²³⁶

Contrariamente à predominância de eventos de enfrentamento entre torcedores que terminaram com mortes como realidade exclusiva de Rio de Janeiro e São Paulo, como ocorria na década de 1990, hoje o problema se encontra cada vez mais difundido. Até em centros de pequena expressão no cenário futebolístico nacional a violência entre torcidas é verificada. É o caso de Alagoas que apenas em 2010 registraram seis mortes envolvendo disputas entre torcidas organizadas dos principais times do Estado, CRB e CSA.²³⁷

O perfil das vítimas, ademais, indica a predominância de jovens do sexo masculino, com a maioria das mortes como envolvendo disparos de arma de fogo. Nesse contexto,

entre os 133 casos encontrados até março de 2012, em 126 deles consta a idade da vítima. Considerando esse contingente, a média de idade das vítimas é de 23,05 anos [...]. Mais da metade das mortes (79, ou 59,4%) foi ocasionada por armas de fogo. A

²³⁵ Como em 1971, na reinauguração do estádio Fonte Nova na Bahia. Durante o jogo, um rumor se espalhou de que o estádio estaria desabando e causou pânico generalizado. Diversas pessoas começaram a saltar do anel superior do estádio. Como resultado, quatro mortos e 2.086 feridos. Cf. NERY, 2012, p. 106.

²³⁶ NERY, 2012, p. 114.

²³⁷ NERY, 2012, p. 112.

segunda causa são agressões ou espancamentos, com 21 casos registrados, o que representa 15,8% do total. Apenas cinco mortes foram ocasionadas por arma branca (faca e canivete, por exemplo), enquanto quatro torcedores morreram em virtude de ferimentos provocados pela explosão de bombas caseiras ou rojões. Dos 133 casos analisados, foi possível identificar o nome em 128 eles. E as informações mostram que, entre as vítimas da violência no futebol, 123 são homens ou 96,1% do total.²³⁸

Ainda,

a análise das mortes no futebol brasileiro também mostra que os espaços em que elas ocorrem são os mais variados, apensar de os incidentes registrados nos estádios ou em suas imediações ainda representarem a maioria dos casos. Dos 133 casos, 62 deles ocorreram nos locais da partida ou em suas proximidades, o que representa 46,6% do total de mortes. No interior do estádio foram encontrados 26 casos, mas nem todos ocorreram em virtude do enfrentamento entre torcidas. Nesse contingente também estão as vítimas dos casos que foram considerados ‘acidentes’.²³⁹

Em que pese não se possa atribuir às torcidas organizadas culpa exclusiva pelas vítimas, na medida em que, como já demonstrado, a violência também se encontra presente nas relações de torcedores ordinárias, *“porém os confrontos promovidos pelos componentes de um ‘Torcida’ têm contundência maior e se transformam numa meta a ser seguida”*.²⁴⁰

De fato, as torcidas organizadas possuem papel central no que concerne à violência no futebol. Com efeito, a quantidade significativa de vítimas relacionadas ao futebol reforça a importância da discussão a respeito do tema.

3.1 O doce canto da batalha: violência no limite e a fuga do tédio

A constatação da centralidade das torcidas organizadas quando o assunto é violência no futebol nos leva a uma pergunta subsequente: por que tais agrupamentos de torcedores se envolvem em atos de violência, muitas vezes longe do estádio ou quando não há partidas no dia – o que implica à hipótese de que não necessariamente está relacionada com as emoções do jogo –, com outras torcidas rivais? Muito já se teorizou sobre o assunto, indo desde à concepção de uma agressividade inata ao ser humano ou que seu comportamento agressivo surgiria por meio da aprendizagem²⁴¹. Uma resposta possível, nada obstante, pode estar relacionada com a própria experiência violenta em si.

Em seu *Seductions of Crime: Moral and Sensual Attractions in Doing Evil*, **Katz** procura analisar a dinâmica fenomenológica do crime, como fonte de observação, para

²³⁸ NERY, 2012, p. 114.

²³⁹ NERY, 2012, p. 119.

²⁴⁰ PIMENTA, 1996, p. 127.

²⁴¹ NERY, 2012, pp. 31-40.

construção de uma teoria na qual se defende que a motivação para o ilícito pode residir justamente no momento criminoso. Muito mais que compelidos por fatores estruturais, indivíduos que incorrem em atos desviantes buscam as emoções e sentimentos que a experiência criminosa desperta. Com efeito,

acreditar que uma pessoa pode de repente se sentir impelida ao crime sem qualquer mudança independentemente verificável em sua estrutura, parece que devemos quase acreditar em magia. E, de fato, isso é precisamente o que devemos fazer. Quando estão cometendo crimes, as pessoas se sentem atraídas e impulsionadas a sua criminalidade, mas no sentimento determinado por forças externas, eles não fazem nada moralmente especial. As seduçãoes particulares e compulsões que elas experimentam podem ser únicas para o crime, mas a sensação de estar sendo seduzido ou compelido não é. Para captar a magia na sensualidade do crime, nós devemos reconhecer a nossa própria.

Uma sensação de estar sendo determinado pelo ambiente, de ser empurrado para longe de uma linha de ação e puxado em direção a outra é natural ao cotidiano, uma experiência humana habitual. Estamos sempre nos afastando e nos aproximando a diferentes objetos de consciência, levando isto em consideração, ignorando aquilo, e nos movendo em uma direção ou outra entre os extremos de envolvimento e tédio. Neste movimento constante de consciência, não percebemos que controlamos o movimento. Em vez disso, em um grau ou outro, estamos sempre sendo seduzidos e repelidos pelo mundo. 'Isso é fascinante (interessante, bonito, *sexy*, maçante, feio, repugnante),' nós sabemos (sem ter que dizer), como se a coisa possuísse a qualidade designada independentemente de nós e de alguma forma controlasse nossa compreensão. Com efeito, a própria natureza do ser mundano é emocional; a atenção é sentimento, e consciência é sensual.

[...]

O que a fenomenologia exclusivamente tem apreciado não é simplesmente que o mundo vivido de uma pessoa é seu artefato, mas que ao experimentar a si mesma como um objeto controlado por forças transcendentais, um indivíduo pode realmente experimentar um mundo novo ou diferente. Por pacificar sua subjetividade, uma pessoa pode conjurar uma magia tão poderosa que pode mudar sua ontologia. O que começa como um ócio agradável ou aconchegante pode levar à descoberta de verdades raras ou a aquisição de uma nova insuficiência.

É necessário se deixar levar pela ficção ou invocar um ritual para começar o processo, mas se aquele não se restringir no compromisso de fé, do contrário fenômenos inacessíveis podem entrar em alcance, trazendo revelações ou desligando parte de sua liberdade e confirmando que o compromisso inicial foi autêntico. Na prática religiosa, nós podemos encontrar os resultados deste processo dialético inspirador; no sexo, delicioso. Como pouco atraente moralmente como crime pode ser, temos de perceber que há uma genuína criatividade experiencial nele também. Devemos, então, ser capaz de ver o que é, para o sujeito, as atrações autênticas do crime e então nós deveremos ser capazes de explicar variações na criminalidade além do que pode ser explicada por fatores estruturais.²⁴²

²⁴² KATZ, 1988, pp. 4/8. No original: "To believe that a person can suddenly feel propelled to crime without any independently verifiable change in his background, it seems that we must almost believe in magic. And, indeed, this is precisely what we must do. When they are committing crimes, people feel drawn and propelled to their criminality, but in feeling determined by outside forces, they do nothing morally special. The particular seductions and compulsions they experience may be unique to crime, but the sense of being seduced and compelled is not. To grasp the magic in the criminal's sensuality, we must acknowledge our own.

A sense of being determined by the environment, of being pushed away from one line of action and pulled toward another is natural to everyday, routine human experience. We are always moving away from and toward different objects of consciousness, taking account of this and ignoring that, and moving in one direction or the other between the extremes of involvement and boredom. In this constant movement of consciousness, we do not perceive that we are controlling the movement. Instead, to one degree or another, we are always being seduced and repelled by the world. 'This is fascinating (interesting, beautiful, sexy, dull, ugly, disgusting),' we know (without having to say),

Em estudo complementar, **Lyng** consegue traçar um paralelo entre a busca do limite pelos *edgeworkers* e os indivíduos que encontram na prática criminosa uma experiência de transcendência e de controle sobre suas descontroladas vidas. Resgatando a análise fenomenológica de Katz, o autor identifica similaridades com o padrão das atividades-limite descritas e suas pesquisas sobre empreendimentos de alto risco no lazer ou em domínios ocupacionais e a dinâmica sensual da experiência do crime.²⁴³

Como já destacado no primeiro capítulo, o sentimento de humilhação pela perspectiva de entrada em uma sociedade burocrático-tecnológica, com recursos extremamente limitados e com o forte estigma de pertencentes a uma classe subalterna ou minoria faz com que indivíduos busquem transformações emocionais como um modo de fuga. Nesse contexto,

para aqueles que entram na jaula de ferro (às vezes literalmente) sob tutela do Estado, ou outros desviantes, desencanto é combinado com esmagadora humilhação. E para os membros desses grupos, um *edgework* criminal é um meio muito mais relevante e acessível para novo êxtase do que a busca das atividades-limite ou oportunidades de consumo pós-modernas disponíveis para os grupos sociais mais privilegiados.²⁴⁴

A rotinização da vida cotidiana, a propósito, com a intensa mecanização e industrialização das experiências, conceitos introduzidos por uma cultura modernista, leva a um sentimento generalizado de tédio, como bem abordado por **Ferrell**²⁴⁵. Nesse caso, duas saídas se apresentam: desespero existencial, com a respectiva busca por uma satisfação

as of the thing itself possessed the designated quality independent of us and somehow controlled our understanding of it. Indeed, the very nature of mundane being is emotional; attention is feeling, and consciousness is sensual. [...]

What phenomenology uniquely has appreciated is not simply that a person's lived world is his artifact but that by experiencing himself as an object controlled by transcendent forces, an individual can genuinely experience a new or different world. By pacifying his subjectivity, a person can conjure up a magic so powerful that it can change his ontology. What begins as idle slapping or fondling may lead to the discovery of rare truths or the acquisition of new incompetence.

It is necessary to indulge a fiction or invoke a ritual to begin the process, but if one does not hedge on the commitment of faith, otherwise inaccessible phenomena may come into reach, bringing revelations or shutting off part of one's freedom and confirming that the initial commitment was authentic. In religious practice, we may find the results of this dialectical process inspiring; in sex, delightful. As unattractive morally as crime may be, we must appreciate that there is a genuine experiential creativity, in it as well. We should then be able to see what are, for the subject, the authentic attractions of crime and we should then be able to explain variations in criminality beyond what can be accounted for by background factors." (tradução nossa)

²⁴³ LYNG, 2004(c), p. 27.

²⁴⁴ LYNG, 2004(c), p. 29. No original: "For those who enter the iron cage (sometimes literally) as wards of the state or other miscreants, disenchantment is combined with overwhelming humiliation. And for members of these groups, criminal edgework is a much more relevant and accessible means to re-enchantment than the pursuit of leisure edgework or postmodern consumption opportunities available to more privileged social group (tradução nossa)

²⁴⁵ FERRELL, 2010.

hedonista insaciável, e a resistência. Esta por sinal pode ser visualizada “*em pequenas revoluções contra a rotina do dia a dia, igualmente contrárias ao marasmo e à lei*”²⁴⁶.

A revolução do cotidiano se mostra presente, dessarte, tanto na prática de atividades que envolvam a assunção voluntária de riscos – *edgework* – quanto no engajamento em atividades criminosas – por vezes a partir da prática de violência – na procura por uma “*descarga de adrenalina*” em uma espécie de resistência ao controle racionalizado. Nesse ponto, importante questionamento nos é apresentado por **Ferrell**, a saber:

A utilização de técnicas de sobrevivência cuidadosamente desenvolvidas em situações perigosas, a integração momentânea entre práticas artísticas e aventuras ilícitas, a adoção de rituais emotivos que antecedem a racionalidade pré-moderna – tudo isso sugere experiências antitédio precisamente porque recapturam, ainda que momentaneamente, a urgência da experiência humana autônoma. Sugerem uma questão maior: determinados crimes cometidos contra a pessoa ou contra a propriedade não seriam ações contra o tédio?²⁴⁷

O tema é bem trabalhado por **Vaneigem**, o qual relata peculiar caso de um homicida de dezesseis anos que mata (pel) o tédio:

Se o desespero com a perspectiva de sobrevivência não se unir com uma nova compreensão da realidade para transformar os próximos anos, apenas dois caminhos são deixados para o homem isolado: uma embriaguez de partidos políticos e seitas meta-religiosas, ou a morte imediata com humor. Um assassino 16 anos de idade, explicou recentemente: ‘Eu fiz isso porque estava entediado’. Quem quer que seja que tenha sentido o impulso para a auto-destruição brotando dentro de si sabe que em decorrência do tédio pode um dia acontecer de matar os organizadores do seu tédio. Um dia. Se estiver no clima.²⁴⁸

A tentativa de superação das amarras da vida padronizada em sociedade pode ser identificada, outrossim, na busca por atividades de lazer que tenham forte apelo emocional e de transcendência. Nesse contexto, **Dunning** e **Elias**, em seus estudos sobre a busca pela excitação e sobre o comportamento *hooligan*, identificam nas práticas desportivas um ambiente legítimo para o desencadeamento de uma excitação espontânea.²⁴⁹

²⁴⁶ FERRELL, 2010, p. 347.

²⁴⁷ FERRELL, 2010, p. 348.

²⁴⁸ VANEIGEM, 2001, pp. 42-43. No original: “*If desperation at the prospect of surviving does not unite with a new grasp of reality to transform the years to come, only two ways out are left for the isolated man: the pisspot of political parties and pataphysico-religious sects, or immediate death with Umour. A sixteenyear-old murderer recently explained: "I did it because I was bored." Anyone who has felt the drive to self-destruction welling up inside him knows with what weary negligence he might one day happen to kill the organisers of his boredom. One day. If he was in the mood.*” (tradução nossa)

²⁴⁹ ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

Isso porque as sociedades contemporâneas se articulam no sentido de tolher ou controlar excitações apaixonadas em público, por vezes até no privado, de modo que indivíduos que se comportam de forma bastante excitada são correntemente censurados pelo corpo social.²⁵⁰ Com efeito,

ver homens e mulheres adultos agitarem-se em lágrimas e abandonarem-se as suas amargas tristezas em público, ou entrarem em pânico dominados por um medo selvagem, ou a baterem-se uns aos outros de forma selvagem debaixo do impacto da sua excitação violenta, deixou de ser encarado como normal. Habitualmente é motivo de embaraço para quem assiste e, com frequência, motivo de vergonha ou arrependimento para aqueles que se permitiram ser dominados pela excitação. Para serem considerados normais, espera-se que os adultos vivendo nas nossas sociedades controlem, a tempo, a sua excitação. Em geral, aprenderam a não se expor demasiado. Com grande frequência já não são capazes de revelar mesmo nada de si próprios. O controlo que exercem sobre si tornou-se, de certo modo, automático. O controlo — em parte — já não se encontra sob o seu domínio. Tornou-se um aspecto da estrutura profunda da sua personalidade.²⁵¹

O envolvimento em atividades de lazer, mais especificamente em práticas esportivas, nesse ponto, operaria como importante mecanismo – com aceitação pública – para transposição dessa restrição social. Um espaço em que é possível se expressar de forma autêntica sem o peso da reprovação por parte do coletivo.

Assim,

[...] as actividades de lazer constituem um enclave para o desencadear, aprovado no quadro social, do comportamento moderadamente excitado em público. O carácter e as funções específicas que o lazer tem nestas sociedades não pode compreender-se se não se está ciente que, em geral, o nível público e mesmo privado do controlo emocional se tornou elevado [...]. [...] Talvez a participação mais activa dos espectadores nos acontecimentos desportivos, que se observa mesmo em países que tradicionalmente são bastante reservados, como a Inglaterra, possa constituir outro exemplo. Representam uma interrupção moderada no manto habitual das restrições e, em particular, no caso dos jovens, um alargamento do alcance e da profundidade da excitação manifesta.²⁵²

A ideia de que o jogo de futebol seja utilizado como ferramenta de supressão dos cerceamentos individuais e coletivos, e como palco de livre manifestação das emoções e sentimentos, coaduna-se, de fato, com o que se observa nos estádios brasileiros. Hábitos e atitudes lá observados, e socialmente aceitos, de forma alguma seriam avalizadas em situações do cotidiano. Há clara tolerância social sobre diversos comportamentos, como na comum violação de um código social implícito do não-me-toque – sobretudo no ápice do êxtase, o gol

²⁵⁰ ELIANS; DUNNING, 1992, p. 102.

²⁵¹ ELIAS; DUNNING, 1992, p. 103.

²⁵² DUNNING; ELIAS, 1992, pp. 104-105.

– ou na aceitação de todo tipo de violência simbólica contra os mais diversos personagens – sobre o time e a torcida rival, ao juiz, até aos pobres gandulas.

Esses dois ingredientes adicionados ao mesmo tempero, a busca por situações de alto risco e alta “*carga de adrenalina*” como fuga de uma vida rotinizada e de um tédio institucionalizado, e a peculiar condição do jogo de futebol como importante campo de transcendência emocional em uma sociedade que cerceia excitações, formam um inflamável *coquetel molotov*. Pronto para ser arremessado às fileiras das torcidas organizadas adversárias.

Exemplo pertinente desse intenso conjunto de emoções que cercam as ações violentas entre torcedores, como experiência desejada e por vezes até buscada, encontramos no relato de **Buford**. Este, em viagem com *hooligans* do Manchester United – *ICJ, Inter-City Jibbers* – para a disputa de semifinal da Recopa Europeia com a Juventus, em Turim na Itália no ano de 1984, vivenciou um confronto entre torcedores ao final da partida. A saber:

A coisa vai explodir, a coisa vai explodir. Todos à sua volta estavam excitados. Uma excitação que beirava algo mais profundo, uma emoção mais transcendente – no mínimo alegria, porém mais semelhante ao êxtase. Havia uma intensa alegria envolvida naquilo; era impossível deixar de sentir algo daquela vibração. Alguém próximo a mim disse estar se sentindo feliz. Disse estar muito, muito feliz, que não se lembrava de jamais ter sentido tamanha felicidade, e olhei fixamente para ele, querendo memorizar o seu rosto, de modo que pudesse encontra-lo mais tarde e perguntar o que o estava deixando assim feliz e como era a felicidade. Era um pensamento: ali estava alguém acreditando que, naquele exato momento, em seguida a um tumulto de rua, conseguira capturar uma das qualidades mais inefáveis da vida. Em seguida, porém, tonto, balbuciando sobre sua felicidade, ele desapareceu em meio à massa e à escuridão.²⁵³

Ademais, o desejo de autocontrole – “*autocontrole acompanhado com grandes doses de aleatoriedade e espontaneidade, autocontrole no interesse de segurar-se em sua vida enquanto se deixa levar*”²⁵⁴ – por parte dos torcedores em suas práticas violentas é latente na experiência mencionada por **Buford**. Muito mais do que subjugação dos torcedores italianos adversários, o que se buscava era, na verdade, tomar controle de si mesmo e da cidade que os cercava. A dominação pelo coletivo:

Um grupo de italianos apareceu, avançando repentinamente para a claridade de um poste de luz. Eram diferentes dos demais, imbuídos de uma nítida intenção de lutar, plenos de orgulho e dignidade aviltada. Eles queriam uma confrontação e estavam ali aguardando para que isso acontecesse. Alguém veio em nossa direção brandindo um taco de bilhar ou uma haste de bandeira, e então, para nossa total perplexidade, o objeto foi simplesmente arrancando de suas mãos – por obra de Roy [um dos líderes

²⁵³ BUFORD, 2010, p. 89.

²⁵⁴ FERRELL, 2004, p. 81. No original: “[...] *self-control cut with big doses of randomness and spontaneity, self-control in the interest of holding on to your life while letting go of it.*” (tradução nossa)

do grupo]; Roy surgira do nada e arrancara o pau das mãos do italiano, quebrando-o em sua cabeça. A coisa foi estupendamente cronometrada, e no momento seguinte os demais torcedores ingleses entraram em ação, o rugido outra vez, vencendo rapidamente os italianos, que fugiram correndo em várias direções. Muitos, novamente, foram derribados. Repetia-se a cena de italianos no chão, retorcendo-se indefesos enquanto os torcedores ingleses corriam até eles, amontoando-se ao redor de suas cabeças e chutando-os sem parar.

[...]

Seguimos adiante. Uma caixa foi atirada contra a vitrine de uma concessionária de automóveis e ouviu-se outro estrondo. Uma loja: sua porta foi quebrada em pedaços. Uma loja de roupas: sua vitrine foi quebrada, e um ou dois torcedores ingleses ali saquearam os artigos expostos.

Olhei atrás de mim e vi que um grande veículo fora derrubado, enquanto mais adiante na mesma rua chamuscam-se um prédio. Eu não tinha visto nada daquilo acontecer: me dei conta de que havia mais coisas do que eu conseguiria apreender. Ouvia-se agora o som de sirenes, muitas sirenes, de diferentes tipos, vindo de diversas direções. A cidade é nossa, disse Sammy [outro líder do grupo], repetindo o possessivo, cada vez com maior intensidade. É nossa, nossa, nossa.

[...]

‘Conseguimos’, declarou Sammy, enquanto o grupo chegava à estação ferroviária. ‘Nós tomamos a cidade’.²⁵⁵

Importante estudo sobre o *edgework* e suas intersecções com a delinquência juvenil nos é apresentado por Miller²⁵⁶. Este, em sua pesquisa, procura estabelecer relações entre a busca por atividades voluntárias de risco assumido e diversos tipos de ilícitos praticados por crianças ou adolescentes. Na tentativa de superar o controle parental e seu deslocado estágio entre a infância e a vida adulta, a experiência desviante pode ser um canal intenso de liberdade, sentimento de controle e sensações físico-emocionais. Nesse sentido,

Enquanto *edgework* é um conceito versátil, que tem sido utilizado para analisar uma variedade de comportamentos (por exemplo, paraquedismo, grafite, pilotagem de motocicletas), parece particularmente adequado para a análise de delinquência juvenil. Adolescentes, talvez mais do que qualquer outro grupo, ocupam uma posição marginal social. Adultos tentam ordenar e controlar quase todos os aspectos de suas vidas em casa, na escola e no trabalho. Os juvenis raramente, ou nunca, têm a chance de comportamento genuinamente livres, criativos, emocionantes e autodirigidos. Para muitos adolescentes, a delinquência pode ser uma forma de *edgework* que oferece essa oportunidade.²⁵⁷

A propósito, a pertinência de tal desenvolvimento sobre a delinquência juvenil é ressaltada se compararmos com o perfil genérico dos torcedores organizados. De fato, “o

²⁵⁵ BUFORD, 2010, p. 93-95.

²⁵⁶ MILLER, William J. Adolescents on the Edge: the sensual side of delinquency. In: LYNNG, Stephen (Ed.). **Edgework: the sociology of risk-taking**. New York; London: Routledge: 2004, p. 153-171.

²⁵⁷ MILLER, 2004, p. 154. No original: “While *edgework* is a versatile concept that has been used to analyze a variety of behaviors (e.g., skydiving, graffiti writing, and motorcycle riding), it seems particularly well suited for analyzing juvenile delinquency. Adolescents, perhaps more than any other single group, occupy a marginal social position. Adults attempt to order and control nearly every aspect of their lives at home, at school, and at work. Juveniles rarely, if ever, have the chance for genuinely free, creative, exciting, self-directed behavior. For many adolescents, delinquency may be a form of *edgework* that provides this opportunity.” (tradução nossa)

*torcedor organizado típico-ideal é do sexo masculino, situado entre as classes C e B, possui idades entre 15/17 anos, com grau de instrução entre o primário e o secundário*²⁵⁸. Ainda, extensa pesquisa realizada por **Reis** em três grandes torcidas organizadas de São Paulo – entre 813 integrantes – revela que 86,6% (oitenta e seis por cento) dos entrevistados mora com seus pais²⁵⁹.

Os adolescentes vivem em um mundo em que as regras são criadas e cumpridas pelos adultos. Tais adolescentes, dessarte, não são incluídos na ordem social em virtude de não terem qualquer papel em sua criação. Ocupam um baixo *status* social, não possuindo qualquer oportunidade para um comportamento autêntico, mas extensamente controlado e ordenado pelos adultos e pelas instituições criadas pelos adultos. Ainda, por encontrando-se em um estágio intermediário entre a infância e a vida adulta, são compelidos a se comportarem como adultos, mas sem receber o mesmo respeito, estima e liberdade gozada pelos adultos.²⁶⁰ Com efeito,

todos os adolescentes, pela natureza dos constrangimentos institucionais e seu *status* marginal, experimentam algum grau de frustração sobre seu *status*. Em outras palavras, os jovens procuram ativamente o poder, privilégio e autonomia que eles associam com a idade adulta. Uma vez que essas coisas não estão disponíveis a eles através de canais convencionais, a delinquência pode ser uma alternativa eficaz.²⁶¹

Nesse caso,

delinquência, como uma forma de *edgework*, pode representar uma tentativa de escapar de um opressivo, constringente e alienante mundo social. Atividades delinquentes podem fornecer aos adolescentes um sentimento de emoção e autonomia pessoal, que lhes permite transcender momentaneamente uma rotina, a existência alienada, que é controlado por adultos. São os sentimentos intensos de medo e excitação e a sensação de controle que tornam a experiência do *edgework*, neste caso delinquência, particularmente sedutor.²⁶²

²⁵⁸ TOLEDO, 1997, p. 37.

²⁵⁹ REIS, Heloisa Helena Baldy dos. As torcidas organizadas não são as (únicas) culpadas. **Galileu**. Disponível em <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI111936-17774,00-AS+TORCIDAS+ORGANIZADAS+NAO+SAO+AS+UNICAS+CULPADAS.html>>. Acessado em 16 de junho de 2015.

²⁶⁰ MILLER, 2004, pp. 158/163.

²⁶¹ MILLER, 2004, p. 164. No original: “[...] *all adolescents, by nature of institutional constraints and their marginal status, experience some degree of status frustration. In other words, young people actively seek the power, privilege, and autonomy that they associate with adulthood. Since such things aren't available to them through conventional channels, delinquency can be an effective substitute.*” (tradução nossa)

²⁶² MILLER, 2004, p. 158. No original: “*Delinquency, as a form of edgework, may represent an attempt to escape an otherwise oppressive, constraining, and alienating social world. Delinquent activities can provide juveniles with a sense of excitement and personal autonomy that allows them to momentarily transcend a routine, alienated existence that is controlled by adults. It is the intense feelings of fear and excitement and the sense of control that make the edgework experience, in this case delinquency, particularly seductive.*” (tradução nossa)

A atração por atividades violentas, outrossim, revela outra perspectiva por parte de seus praticantes. Incorporados na figura de lutadores, indivíduos encontram nas lutas – a exemplo dos inúmeros confrontos entre torcedores organizados – um contexto para autorevelação.

Como aduz **Jackson-Jacobs**, em sua etnografia sobre lutadores de rixas na cidade de Tucson/Arizona/EUA, dois tipos complementares de emoções recompensam um lutador exitoso. Em primeiro lugar encontra-se o descobrimento de um ego carismático através da urgência física e emocional: corajoso e de “*caráter forte*”. Em um segundo aspecto mostra-se a percepção de um ego lendário: aquele que se tornará público e por muito tempo admirado, imortalizado em épicas histórias de luta contadas ao longo de muitos anos.²⁶³

A partir dessa concepção, as lutas operariam como espaço de autodescobrimento individual e também como forma de promoção do indivíduo perante o grupo. Nesse sentido,

lutadores apreciam sua própria violência da mesma maneira que as testemunhas o fazem, apreciando seu eu-como-objeto, admirando-se como se observando de longe. Lutadores pretendem que suas brigas se tornem boas histórias que os revelem como carismáticos. E assim eles estabelecem histórias que esperam irão tanto testar seu caráter e ser aplaudido pelo público.²⁶⁴

A busca por reconhecimento do coletivo ao qual se pertence, por conseguinte, evoca outra particularidade dos eventos violentos. Estes estão inseridos, conforme bem destaca **Young**²⁶⁵, num contexto de ascensão de uma cultura da celebridade, uma das transformações chaves trazidas pela modernidade recente.

A esse respeito,

parece haver pouca dúvida de que pobres celebram a celebridade. O consumo conspícuo do *ghetto* a imersão na mídia de massa, os valores de sorte e emoção, e até mesmo o fato de que alguns de seus números escapam para se tornarem estrelas da música, esporte e entretenimento - tudo conduz para uma atração próxima. A celebridade torna-se, por assim dizer, um representante para um determinado grupo social. Ele ou ela é o seu representante no centro das atenções.²⁶⁶

²⁶³ JACKSON-JACOBS, Curtis. Take a Beating: the narrative gratifications of fighting as an underdog. In: FERRELL, Jeff; et al (Ed.). **Cultural Criminology Unleashed**. London: Glasshouse Press, 2004, p. 231.

²⁶⁴ JACKSON-JACOBS, 2004, p. 232. No original: “*Fighters appreciate their own violence in much the same way that witnesses do, appreciating their self-as-object, admiring themselves as if observing from a distance. Fighters intend their brawls to make good stories that reveal themselves as charismatic. And so they enact storylines that they expect will both test their character and be applauded by audiences.*” (tradução nossa)

²⁶⁵ YOUNG, Jock. **The vertigo of late modernity**. Los Angeles; London: SAGE, 2007.

²⁶⁶ YOUNG, 2007, p. 50. No original: “*There seems little doubt that the poor celebrate the celebrity. The conspicuous consumption of the ghetto, the immersion in the mass media, the values of luck and excitement, and even the fact that a few of their number escape to become stars of music, sport and entertainment - all make for a close attraction. The celebrity becomes, so to speak, a delegate for a particular social group. He or she is their representative in the limelight.*” (tradução nossa)

Caso emblemático dessa constante procura por reconhecimento, própria da lógica dos lutadores e de uma cultura da celebridade, e que também se faz presente na dinâmica das torcidas organizadas, é o da trágica morte de Diogo Lima Borges, torcedor do palmeiras e membro da *Torcida Mancha AlviVerde*, vítima de um disparo da arma de fogo em outubro de 2005:

‘Eu ainda vou morrer pela Mancha e ficar famoso’, costumava dizer Diogo Lima Borges. E assim foi. A bravata simplória, que o palmeirense gostava de usar para demonstrar sua dedicação à torcida organizada, virou profecia no domingo passado, quando uma bala disparada a esmo, em uma estação de metrô, atravessou seu abdome e saiu do outro lado, dilacerando vísceras e intestino.

Torcedor número 6.376 da Mancha Verde, pobre e subempregado, Diogo parecia saber que só uma morte besta assim para tirar do anonimato garotos comuns feito ele. [...]

Diogo dormiu tarde e acordou tarde no domingo. Tomou o ônibus correndo para encontrar o pai, no extremo da zona leste. ‘Eu o encontrei por volta das 11h50 no terminal rodoviário AE Carvalho, de onde se sai para os jogos do Palmeiras’, lembra Marcos. Sem ver o filho havia dois meses, ele diz que não pretendia ir ao jogo. Mas foi. ‘Alguma coisa no meu coração me empurrou, como se dissesse: Vai, vai.’

O pior aconteceria vários pontos de ônibus e estações de metrô depois. Nas palavras de Marcos, tudo se passou muito rápido. Morrer pela torcida e, vá lá, ficar famoso, não exigiu de Diogo nenhum esforço. Palmeirenses de quatro costados – o avô foi jogador do Palestra Itália e legou a paixão a Marcos, que, por sua vez, fez de Diogo um palmeirense ‘mesmo antes de nascer’ –, pai e filho conheciam bem a violência das torcidas organizadas e tomaram precauções: pegaram um ônibus escoltado pela polícia e, de metrô, evitaram a estação Brás, uma integração muito movimentada. Nenhum dos dois usava camiseta do time.

Não foi suficiente.

No Tatuapé, a estação foi invadida pelos torcedores adversários, corintianos. O confronto, previamente anunciado pela internet, incluiu rojões e tiros -um dos quais atingiu Diogo, a essa altura da confusão já separado do pai. A fama póstuma realmente chegou, como ele havia previsto, mas até seu único momento de glória Diogo teve que dividir com outros dois rapazes, tão comuns como ele: no mesmo dia, o corintiano Wellington Moraes, 25, integrante da "milícia" inimiga, levou um tiro na cabeça, disparado por palmeirenses.²⁶⁷

A experiência violenta, em suma, desperta um conjunto de emoções e sentimentos nos que nela se envolvem que, de per si, podem ser os atrativos de sua prática. A “*descarga de adrenalina*” envolvida nas ações ilícitas, a exemplo do que ocorre nas atividades-limite; a superação dos limites e restrições impostos por adultos em um panorama eminentemente jovem das torcidas organizadas; a procura por autorevelação e por reconhecimento do grupo pertencente, em um mundo de culto às celebridades; todos esses fatores implicam à compreensão da violência não como fim, mas como meio para *algo maior*. Em seus momentos

²⁶⁷ SAMPAIO, Paulo. ‘Ainda vou morrer famoso’, dizia jovem. **Folha de São Paulo**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2310200531.htm>>. Acesso em 16 de junho de 2015.

finais, depois de muito negar e procurar subterfúgios para justificar suas atividades criminosas, Mr. White, ou melhor, Heisenberg enfim reconhece: “*Skyler, all the things that I did, You need to understand, I did it for me. I liked it. I was good at it. And I was really... I was alive*”.²⁶⁸

3.2 Violência para além do lado físico: descobrindo a espiral de significados

A compreensão da violência entre agrupamentos de torcedores a partir de sua fenomenologia – à dicção de **Katz** –, com uma análise situacionista da experiência, de forma alguma se propõe exaustiva. Representa, com efeito, uma leitura possível de um fenômeno complexo. Ademais, em conjunto com essa visão, a criminologia cultural propõe a observação do momento violento abstraindo-se de sua fisiologia.

Nesse sentido, o movimento corporal em que a ação violenta se perfectibiliza revela em si, além da própria constatação dos danos físicos empreendidos, ampla possibilidade de processos culturais. Em uma análise preliminar do desferimento de um soco – a abrupta trajetória do braço, cotovelo e punho em direção ao oponente –, pode-se concluir se tratar muito mais de uma questão anatômica que propriamente cultural. Mas quem, de fato, foi atingido mesmo? Um namorado? Uma namorada? Um policial militar? Um adversário com quem se disputava uma luta no ringue? Nesse caso, “*cada incidente provocará uma diferente reação – e isto deve ser porque significa algo diferente atacar seu parceiro do que um policial do Estado ou um oponente de boxe*”.²⁶⁹

É a partir da constatação de que cada experiência violenta carrega em si um conjunto de significados diverso das demais, por conseguinte, que se torna possível a verificação de que a própria ação não se encerra no movimento físico. Ela desencadeia, outrossim, trocas simbólicas que lhes são próprias. Assim,

se esperamos confrontar a política de violência - ou seja, entender de que modo funciona a violência como uma forma de poder e dominação para compreender a vitimização que a violência produz, e reduzir seus danos físicos e emocionais – nós devemos nos engajar com as culturas de violência. Mesmo estes crimes mais diretos – carne na carne, juntas sangrentas e lábios rebentados - não são diretos

²⁶⁸ “*Skyler, todas as coisas que eu fazia, você precisa entender, eu fazia para mim. Eu gostava. Eu era bom naquilo. E eu estava realmente... eu estava vivo*” (tradução nossa). BREAKING bad. Criador: Vince Gilligan. Direção: Michelle MacLaren e Michael Slovis. Produtores: Stewart A. Lyons, Sam Catlin, John Shibban, Peter Gould, George Mastras, Thomas Schnauz, Bryan Cranston, Moira Walley-Beckett, Karen Moore e Patty Lin. Intérpretes: Bryan Cranston, Anna Gunn, Aaron Paul, Dean Norris, Betsy Brandt e RJ Mitte. Albuquerque: AMC, 2008-2013, DVD (55min).

²⁶⁹ FERRELL; HAYWARD; YOUNG, 2008, p. 8. No original: “*Each incident will provoke a different reaction – and this must be because it means something different to strike your partner than it does to strike an officer of the state or a boxing opponent.*” (tradução nossa)

absolutamente. Eles são uma troca simbólica tanto quanto uma agressão física, uma troca envolta em situações imediatas e amplas circunstâncias, uma troca cujo significado é negociado antes e depois que o sangue é derramado.²⁷⁰

O ato corporal de agressão a outrem, nessa linha, pode significar muito mais do que a tentativa pura e simples de inflição de dor, mas através das trocas simbólicas que a ele são subjacentes se transveste de um próprio ato comunicativo. O agente causador do dano, nesse contexto, visualiza a ação violenta como meio de transmissão de sua mensagem à vítima.

Com propriedade habitual, **Ferrel, Hayward e Young** entendem que a

violência geralmente carrega este tipo de poder comunicativo; a dor que ela inflige é tanto física como simbólica, uma dor de degradação pública e de denúncia, bem como um domínio físico. E neste sentido, mais uma vez, é muitas vezes o significado da violência que mais importa seja para o agressor como para a vítima. Uma ampla e perturbadora série de eventos violentos - ataques neonazistas, tradições de trotes nas fraternidades, confrontos de gangues, vídeos de bombardeios e sequestros terroristas, enforcamentos públicos, agressões sexuais, crimes de guerra - podem ser entendidos desta maneira, como formas de violência ritualizada concebidos para afetar a identidade de suas vítimas, a impor-lhes um conjunto de significados indesejados que persistem por muito tempo após a dor física se extinguir. Para entender a violência como 'trabalho comunicativo', então, não é minimizar o seu dano físico ou reduzir a sua gravidade, mas reconhecer que seu dano é tanto físico quanto simbólico, e para enfrentar suas terríveis consequências em toda a respectiva complexidade cultural.²⁷¹

De fato, é de concluir que a violência é dificilmente somente violência. Esta, nesse caso, *“emerge de desigualdades, tanto políticos quanto perceptivas, e alcança a dominação simbólica da identidade e da interpretação, tanto quanto a dominação física de indivíduos e grupos”*.²⁷²

²⁷⁰ FERRELL; HAYWARD; YOUNG, 2008, pp. 8-9. No original: “[...] if we hope to confront the politics of violence – that is, to understand how violence works as a form of power and domination to empathize with the victimization that violence produces, and to reduce its physical and emotional harm – we must engage with the cultures of violence. Even this most direct crimes – flesh on flesh, bloody knuckles and busted lips – is not direct at all. It’s a symbolic exchange as much as a physical one, an exchange encased in immediate situations and larges circumstances, an exchange whose meaning is negotiated before and after the blood is spilt” (tradução nossa)

²⁷¹ FERRELL; HAYWARD; YOUNG, 2008, p. 11. No original: “Violence often carries this sort of communicative power; the pain that it inflicts is both physical and symbolic, a pain of public degradation and denunciation as much as a physical domination. And in this sense, once again, it is often the meaning of the violence that matters most to perpetrator and victim alike. A wide and disturbing range of violent events – neo-Nazi attacks, fraternity hazing traditions, gang beat-downs, terrorist bombing and abduction videos, public hangings, sexual assaults, war crimes – can be understood in this way, as forms of ritualized violence designed to degrade the identities of their victims, to impose on them a set of unwanted meanings that linger long after the physical pain fades. To understand violence as ‘communicative work’, then, is not to minimize its physical harm or to downgrade its seriousness, but to recognize that its harms are both physical and symbolic, and to confront its terrible consequences in all their cultural complexity.” (tradução nossa)

²⁷² FERRELL; HAYWARD; YOUNG, 2008, p. 13. No original: “Violence, it seems, is never only violence. It emerges from inequities both political and perceptual, and accomplishes the symbolic domination of identity and interpretation as much as the physical domination of individuals and groups.” (tradução nossa)

É nesse contexto que se inserem os enfrentamentos entre agrupamentos de torcedores-organizados. A formação de uma coesa identidade coletiva particular a cada torcida organizada, a partir da incorporação individual de uma complexa simbologia compartilhada pelo coletivo com ares de estilo de vida, também perpassa pela pretensão de superioridade perante as torcidas rivais. E uma forma corrente de afirmação de tal supremacia é empreendida por meio de atos violentos no qual se impõe uma dominação tanto física quanto simbólica ao oponente.

Esse objetivo de proeminência das torcidas organizadas e, por via de consequência, de depreciação dos agrupamentos rivais é bem percebido por **Pimenta**, sendo que tal fenômeno muitas vezes ultrapassa as proximidades do estádio ou atinge, como forma de externalidade negativa, terceiros sem qualquer envolvimento no confronto. A saber:

Nesse sentido da organização desses grupos, percebe que eles passam a adotar estratégias para atingir um objetivo ou para defender-se do 'inimigo'. Nesse momento, os acontecimentos começam a ultrapassar os limites do campo de jogo, atingindo outras localidades da cidade, tais como pontos de ônibus, estações do Metrô e ferroviárias. Na medida em que os fatos vão se desencadeando, outras feições começam a ser delineadas, o que nos leva a constatar que a violência entre as 'torcidas organizadas' diminui sua incidência nas arquibancadas dos estádios e adentra nas relações da cidade. [...] Os torcedores em um confronto reconhecem no outro um inimigo – até as pessoas que não fazem parte do alvo a ser atingido são tratadas naquele instante, como se assim fossem – e este inimigo deve ser 'zoad'. Por vezes esse 'zoar' pode atingir pessoas estranhas ao mundo das 'Organizadas'. No dia 10 de janeiro de 1994, torcedores corintianos encontravam-se no interior de um ônibus urbano que se dirigia ao Pacaembu quando, nas proximidades da Praça Cornélia, cerca de 30 torcedores do Palmeiras que deixavam o Parque Antártica, ao verem os corintianos, passaram a jogar pedras, garrafas e também rojões. Um rojão explodiu no interior do ônibus e feriu com queimaduras graves Roseli Ramos Luz, de 24 anos e Antonio Pinheiro da Silva, de 30 anos, que sequer eram torcedores.²⁷³

Ademais, a eficácia da empreitada é garantida com a utilização de um amplo conjunto táticas de guerra, com uma estratégia bem delimitada, e através do uso de um arsenal particular a esse tipo de conflito.

Nesse sentido,

a violência, exarada do resultado dos confrontos, não é corriqueira nem fadada ao acaso. Trata-se de um evento organizado com base em táticas estabelecidas que envolvem grupos de 'batedores', de 'linhas de frente', 'retaguarda' e de artimanhas do tipo 'emboscadas', 'caça', 'coquetel molotov', 'bombas de fabricação caseira', que fazem parte do cotidiano das 'Torcidas Organizadas', utilizadas contra o inimigo quando necessário.²⁷⁴

²⁷³ PIMENTA, 1997, p. 126.

²⁷⁴ PIMENTA, 1997, p. 141.

Ainda, ao se fazer parte de uma torcida organizada, cria-se fortes laços afetivos, operando intensa ligação entre os semelhantes. Ao portar os símbolos das torcidas em dias de jogos o integrante perde a sua condição individual, mas é observado no contexto de todo o grupo. Assim, um ataque a quaisquer um de seus membros, nas mais variadas circunstâncias, é interpretado como afronta à integralidade do coletivo, originando-se um profundo senso de autodefesa.²⁷⁵

Mostras dessa conexão é visualizada no depoimento dado pelo ex-presidente da *Torcida Mancha AlviVerde*, Paulo Serdan, em entrevista à **Pimenta**: “(...) *qualquer coisa que te faz tirar do sério é como se estivesse agredindo sua mãe ou seu pai (...) é uma parte de sua família. Então você perde a cabeça (...)*”.²⁷⁶

A utilização da violência como meio comunicativo de imposição física e simbólica de dominação e expressão de superioridade, a propósito, está associada a uma lógica de corporalidade, afluída a partir da década de 1990. Em pertinente análise, **Toledo** identifica no então governo Collor, consubstanciado no culto à individualidade do líder e na aplicação de uma corporalidade como linguagem de poder, marcante influência na dinâmica inter-relacional das torcidas organizadas.²⁷⁷

Com efeito,

já na campanha política as estratégias de marketing que sustentavam a candidatura de Collor faziam extenso uso das qualidades sensíveis que supostamente o viabilizariam como presidente, sendo que algumas dessas categorias projetavam Collor no ambiente da modernidade, tais como juventude, virilidade, posturas e gestualidades firmes e decisivas, cuidados de si e autojulgamento estético como beleza. A necessidade de um corpo viril e pronto para enfrentar quaisquer adversidades se impunha a partir de uma nova ordem simbólica. Não seria mais a espetacularização coletiva e a pujança material (bélica) que dariam vazão às imagens de um Estado forte, mas sim a fabricação e visibilidade de um corpo e da postura de um super indivíduo a incorporar tal potência. [...] Não se tratava, tão somente, de dispor do corpo na sua forma materializada como veículo ou suporte de mensagens políticas, mas situá-lo no exercício de uma *corporalidade pensada* que antecipava muitas vezes o próprio discurso ou a possibilidade da sua ocorrência, por assim dizer. E secretada na esfera da política esta *corporalidade pensada* reverberava em várias esferas, do universo público ao domínio doméstico da consubstancialidade.²⁷⁸

Nesse contexto, o corpo, sob influência de uma deliberada política pública e através da exaltação de valores intrinsecamente relacionados – virilidade, agilidade, estética, potência etc. –, passa a ser compreendido como mecanismo de exercício de poder. Ele não pode,

²⁷⁵ PIMENTA, 1997, p. 98.

²⁷⁶ PIMENTA, 1997, p. 97.

²⁷⁷ TOLEDO, Luiz Henrique de. Políticas da corporalidade: sociabilidade entre 1990-2010. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; et al. **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012, p. 129.

²⁷⁸ TOLEDO, 2012, pp. 129-130.

además, “*ser tomado apenas como metáfora proporcionando livre vazão às imagens externas do poder, nem invólucro desses efeitos de retórica e memória do poder na sua coextensividade às práticas esportivas [...]*”.²⁷⁹

A lógica da corporalidade, de fato, acaba sendo fortemente incorporada pelas torcidas organizadas,

modulando um comportamento viril ao longo da década. Fortemente assentada na musculatura dos gestos, no exibicionismo e enfrentamentos corporais e no repertório de símbolos que ostentava em camisas e bandeiras, esta *corporalidade pensada* ganha traços a exprimir e moldar formas de sociabilidade. Um indício notório desse processo se deu com a transformação paulatina de alguns símbolos das torcidas organizadas. A imagem gráfica do sando que a Torcida Independente do São Paulo ostentava em seus adereços (camisas, bandeiras, faixas) é um exemplo. De aparência brejeira, cultivando a obesidade, sorridente e infantilizado na fatura do desenhista, a imagem próxima àquela associada ao papai Noel, o santo se transformaria ou seria ‘bombado’ na forma de um corpo musculoso, viril e com um semblante de ‘atitude’ a exhibir alguma dose de erotismo. O pequeno mosqueteiro, representação encarnada no desenho de uma criança fantasiada, que por muito tempo fora símbolo da Camisa 12 corinthiana, sofreria as transformações corporais da idade, agora a exhibir nitidamente os traços de um adolescente que cultiva a vaidade e os cuidados de si na forma atlética viril. Che Guevara, Saddam Russein também apareciam corriqueiramente estampados nas bandeiras, não tanto por suas exuberâncias físicas, mas porque figuravam no plano moral do repertório dos super indivíduos a ostentar a qualidade da ‘atitude’.²⁸⁰

O exercício dessa emergente corporalidade no âmbito das relações entre torcidas, aliado à busca por uma pretensa hegemonia no comparativo com os torcedores dos times rivais, é verificado em diversos casos de experiências violentas, nos quais se busca física e simbolicamente a humilhação do outro.

Exemplo desse processo se constata em famoso episódio ocorrido em outubro de 1994, em que dois torcedores foram agredidos nas dependências da subsede da *Torcida Mancha AlviVerde*, em Santo André/SP, por lá se dirigirem portando uma camisa de time rival, São Paulo Futebol Clube, por baixo de suas vestes. Os relatos são de múltiplas agressões, físicas e simbólicas, ressalte-se, perpetradas por membros da referida torcida organizada:

Duas pessoas foram agredidas e molestadas por um grupo de 15 torcedores, na sexta-feira, na subsede da torcida Mancha Verde, do Palmeiras, em Santo André. Rosivaldo Gueiros de Barros, 25, e Manuel Damião Souto da Silva, 21, tinham ido comprar ingressos para o jogo de ontem. Um deles vestia camisa do São Paulo por baixo de um moleton. ‘Quando chegamos, nos perguntaram para que time torcíamos. Meu primo disse que éramos palmeirenses’, disse Silva. ‘Uma menina viu minha camisa e chamou oito caras. Depois vieram mais quatro’, afirmou. Os dois disseram que os

²⁷⁹ TOLEDO, 2012, p. 130.

²⁸⁰ TOLEDO, 2012, pp. 130-131.

palmeirenses urinaram neles e os espancaram com tacos de bilhar e pedaços de ferro.²⁸¹

Além do mais, o emprego da violência como forma de imposição de dominação, e como ato comunicativo através do qual se transmite uma mensagem à vítima, não deve ser compreendido de forma singular, mas contextualizado numa dinâmica inter-relacional que se prolonga ao longo do tempo. Com efeito, a relação entre torcidas organizadas, situada nessa reafirmação da identidade coletiva pela pretensão de superioridade, prolonga-se por décadas, desde o nascedouro do movimento no fim da década de 1960. Nesse caso, episódios violentos repercutem e reverberam, formando uma espiral de significados, e por vezes são fontes de novas ações violentas.²⁸²

Nessa linha, **Ferrell, Hayward e Young** identificam no expressivo caso de Abu Ghraib, prisão iraquiana em que diversos presos, sob a alcunha de terroristas, foram fotografados em cenas degradantes, a construção desse ciclo de violência que se inicia com a físico e simbólico aviltamento do outro. As fotos largamente disseminadas, assim,

não apenas capturaram atos de violência agressiva; elas operam [...] como um sistema de degradação ritualizada na prisão e fora dela, expondo e exacerbando o constrangimento dos presos, gravando para a diversão dos soldados, e, eventualmente, disseminando para o mundo. Tanto para os prisioneiros como para os soldados, o abuso foi tanto fotográfico como experiencial, mais uma performance encenada para a câmera do que um momento de violência aleatória.²⁸³

Os reflexos que tais imagens causam nos grupos ao qual pertencem as vítimas induzem a reações inversamente proporcionais, utilizando-se igualmente de mecanismos de humilhação com vistas à promoção de um espetáculo midiático. A saber:

As respostas dos ultrajados pelas fotos por sua vez misturam evento, emoção e imagem: nas paredes de Sadr City, Iraque, uma pintura da figura encapuzada, mas agora ligado à Estátua da Liberdade para todos os demais verem; e nos bastidores dos abrigos dos insurgentes iraquianos, cenas de abusos e decapitações, destinadas principalmente para posterior transmissão televisão e na internet [...].²⁸⁴

²⁸¹ Mancha agride 2 rapazes em Santo André. **Folha de São Paulo**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/10/31/esporte/20.html>>. Acesso em 19 de junho de 2015.

²⁸² FERRELL; HAYWARD; YOUNG, 2008, p. 10.

²⁸³ FERRELL; HAYWARD; YOUNG, 2008, p. 12. No original: “*Didn’t just capture acts of aggressive violence; they operate [...] as a system of ritualized degradation in the prison and beyond, exposing and exacerbating the embarrassment of the prisoners, recording it for the amusement of the soldiers, and eventually disseminating it to the world. For the prisoners and the soldiers alike, the abuse was as much photographic as experiential, more a staged performance for the camera than a moment of random violence.*” (tradução nossa)

²⁸⁴ FERREL; HAYWARD; YOUNG, 2008, p. 12. No original: “*The responses of those outraged by the photos in turn mixed event, emotion, and image: on the walls of Sadr City, Iraq, a painting of the hooded figure, but now wired to the Statue of Liberty for all too see; and in the backrooms of Iraqi insurgent safe houses, staged abuses and beheading, meant mostly for later broadcast on television and the internet [...].*” (tradução nossa)

Essa sucessão de ação e reação violenta também pode ser vista na sequência de enfrentamentos entre agrupamentos de torcedores, os quais muitas vezes operam como resposta a uma agressão anterior. Nesse contexto, cumpre papel de destaque a morte de Cléo Sostenes Dantas da Silva outubro de 1988, então presidente da *Torcida Mancha AlviVerde*, por um grupo de torcedores corintianos. Esta é tida como a primeira morte relacionada a um confronto entre torcidas rivais e, a partir dela, tem-se a uma intensa escalada no quadro de mortes relacionadas ao futebol.²⁸⁵

Conforme bem destacado por **Pimenta**,

após a morte de Cléo, então presidente da ‘Mancha Verde’, em 1988, a rivalidade entre as ‘Torcidas Organizadas’ começa a tomar um rumo preocupante e várias mortes passam a ocorrer. Dessas mortes, percebe-se que as vítimas, na sua maioria, pertencem às ‘Torcidas organizadas’ e são jovens, cuja idade varia de 10 a 25 anos [...].²⁸⁶

O que se constata, de forma emblemática a partir da morte de Cléo, é a presença de “*uma lógica característica no relacionamento entre alguns subgrupos das Torcidas, ou seja, uma espécie de vendetta*”.²⁸⁷ Grupos vitimizados por ações violentas, imbuídos no mesmo senso de dominação, transformam-se em agressores e fazem uso do mesmo método comunicativo.

Fenômeno também verificado por **Dunning** e **Elias** na observação de enfrentamento entre *hooligans*, na Inglaterra,

as normas de luta de tais grupos, ligados segundo formas segmentares, são semelhantes aos sistemas de vendetta que ainda se encontram em muitos países mediterrânicos no sentido em que um indivíduo que é desafiado ou se sente mais ou menos provocado, por um ou mais elementos de um grupo marginal, sente que está em causa não só a sua honra mas a honra do seu grupo. De forma correspondente, e responsável pela vingança, não apenas por retaliação, contra um ou outro elemento do grupo agressor. Além disso, há a tendência, em qualquer dos grupos, para que os outros acorram em auxílio dos que iniciarem o conflito. Desta maneira, as lutas entre indivíduos evoluem, geralmente, para contendas entre grupos, algumas situando-se, com frequência, na longa duração e dando assim, em tais circunstâncias, uma clara indicação do nível elevado de identificação dos indivíduos com os grupos a que pertencem.²⁸⁸

Os fatos que evidenciam a existência desse sistema de vingança, com a criação de um ciclo vicioso de violência, são inúmeros. Episódios que exemplificam tal processo, com

²⁸⁵ NERY, 2012, pp. 105-106.

²⁸⁶ PIMENTA, 1997, pp. 123-124.

²⁸⁷ TOLEDO, 1996, p. 108.

²⁸⁸ DUNNING; ELIAS, 1992, p. 343.

efeito, foram os enfrentamentos entre a *Fúria Jovem do Botafogo* e a *Torcida Uniformizada do Fortaleza* no ano de 2005, todos inseridos nessa lógica de *vendetta*:

Em dezembro de 2005, torcedores da Fúria Jovem do Botafogo organizaram através da internet um ataque ao ônibus da torcida do Fortaleza. O motivo seria uma agressão sofrida pelos alvinegros no primeiro turno do Brasileiro daquele ano, no Ceará. Após a partida entre o alvinegro e o Fortaleza, no Luso-Brasileiro, no dia 4 de dezembro, o microônibus no qual viajavam torcedores do clube cearense foi fechado por dois carros num dos acessos da Ponte Rio-Niterói, assim que a escolta da PM se afastou. Houve tiroteio e o chefe da Torcida Uniformizada do Fortaleza, Marcionílio Pinheiro, de 28 anos foi morto com dois tiros. Levado baleado por colegas para não chamar a atenção da PM, o botafoguense Fred Paiva da Silva, de 29 anos, chegou morto ao Hospital Cardoso Fontes, em Jacarepaguá. Outras quatro pessoas ficaram feridas. Dois torcedores, um do Botafogo e outro do Fortaleza, foram responsabilizados pelos homicídios.²⁸⁹

A mesma reportagem também relata sucessivos conflitos entre torcidas organizadas do Botafogo Futebol e Regatas e do Clube de Regatas do Flamengo, estes também situados num contexto de revanche por experiências violentas prévias. A saber:

[...] uma briga envolvendo torcedores do Flamengo e do Botafogo terminou em morte na Rodovia Presidente Dutra, em Piraí. Segundo a Polícia Rodoviária Federal, o soldado do Exército e torcedor alvinegro Rafik Tavares da Silva Cântio, de 20 anos, foi morto a golpes de foice que teriam sido desferidos por rubro-negros. Outro botafoguense, Jonatan Andrade Roque de Oliveira, de 24 anos, também foi ferido. O único a ser preso na época foi o acusado do crime, Leandro Rosa Ferreira, de 24 anos, reconhecido por outro torcedor espancado. [...] A morte dos três torcedores em menos de um mês reacendeu a guerra de torcidas e várias ameaças de vingança foram feitas pelo site de relacionamentos. Em comunidades das torcidas do Botafogo, não foram poucas as ameaças de revanche aos rubro-negros pela morte do alvinegro Rafik Cancio. Um deles dizia: "Não vai ser um só, não. Vamos acabar com o ninho desses urubus". Torcedores do Botafogo ameaçavam até levar granadas para o jogo contra o Flamengo [...] O confronto anunciado virtualmente acabou explodindo em abril, com pancadaria entre membros da Fúria Jovem do Botafogo e da Torcida Jovem do Flamengo na Avenida Brasil, em Niterói e na Ilha do Governador. O balconista Rhams Muller de Castro Gomes, de 25 anos, torcedor do Flamengo, foi espancado. Ele foi agredido com paus e pedaços de uma picareta. Rhams foi levado para o Hospital Azevedo Lima e levou 20 pontos na cabeça.

A observação da violência na dinâmica das torcidas organizadas, portanto, requer a compreensão de um fenômeno complexo, constituído por múltiplas variáveis. No contexto do mundo contemporâneo, *“a violência pode operar como imagem ou como cerimônia, pode carregar em si identidade e desigualdade, pode impor significado ou ter significado imposto*

²⁸⁹ ALMEIDA, Eduardo. Torcedores brigões usam Orkut para organizar ataques a grupos rivais. **O globo**. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/torcedores-brigos-usam-orkut-para-organizar-ataques-grupos-rivais-4561117>>. Acesso em 19 de junho de 2015.

sobre ela [...]”.²⁹⁰ Pode representar, enfim, a busca por transcendência e gozo em efêmeros momentos de libertação ao mesmo tempo que veículo de interlocução não verbal entre grupos, imposição de dominação e reforço da identidade coletiva.

3.3 De uma política repressora à promoção de uma relação de respeito mútuo entre torcidas organizadas: exorcizando os demônios sociais

À medida que os eventos envolvendo enfrentamentos de torcedores-organizados vão paulatinamente ganhando destaque no mundo futebolístico, fenômeno que se identifica mais precisamente a partir da década de 1990, a constatação do problema é acompanhada por uma efusiva reação dos demais torcedores assíduos à essa prática esportiva de massa e das autoridades públicas. Reflexos de tais experiências violentas, nada obstante, são sobretudo percebidos por uma intensa cobertura por parte de um corpo midiático que faz das brigas de torcidas grande foco de sua atenção.

Como um de seus pilares estruturantes, a observação do comportamento da mídia, no que concerne à sua reprodução de atos desviantes ou ilícitos e de como a espiral de significados do crime se desloca no corpo social por suas múltiplas representações, é deveras fundamental para o pensamento criminológico cultural. Nesse sentido, a constatação do destaque dado pelos veículos midiáticos de confrontos entre torcidas organizadas ganha relevo se observarmos o conceito de pânico moral, resgatado pela criminologia cultural, originalmente desenvolvido por Stanley Cohen e Jock Young.

Cumprir destacar, inicialmente, que a noção de pânico moral se refere a uma reação pública ou política a minorias, indivíduos e grupos marginalizados os quais aparentam ser – ou assim são caracterizados – uma espécie de ameaça a valores ou interesses consensuais. Nesse caso, uma reação social é substancialmente abastecida por uma acentuada cobertura midiática. Assim, uma mídia de massa, geralmente liderada pela imprensa, estabelece uma definição de tais grupos como desviantes e se centra, acima de tudo, em sua exclusão.²⁹¹

Nessa linha, **Cohen** identifica em diversas passagens da sociedade ocidental, períodos em que um pânico moral aparenta estar difundido. Com efeito,

²⁹⁰ FERREL; HAYWARD; YOUNG, 2008, p. 11. No original: “*So violence can operate as image or ceremony, can carry with it identity and inequality, can impose meaning or have meaning imposed upon it [...]*” (tradução nossa)

²⁹¹ JEWKES, Yvonne. **Media & Crime**. Los Angeles; London: SAGE, 2004, p. 64

uma condição, episódio, pessoa ou grupo de pessoas passam a ser definidos como uma ameaça aos valores e interesses da sociedade; sua natureza é apresentada de forma estilizada e estereotipada pela mídia de massa; as “barricadas morais” são erguidas por editores, bispos, políticos e outras pessoas de “bom-pensamento”; estimados peritos sociais pronunciam seus diagnósticos e soluções; formas de enfrentamento são evoluídas ou (mais frequentemente) lançadas; e então a condição desaparece, submerge ou se deteriora e se torna mais visível. Às vezes o objeto do pânico é bastante novo e em outros momentos é algo que tem sido na existência por muito tempo, mas de repente aparece no centro das atenções. Às vezes, o pânico é ignorado ou esquecido, exceto no folclore e na memória coletiva; em outros momentos ele tem repercussões mais graves e de longa duração e pode produzir mudanças do mesmo modo que aqueles encarregados da política legal ou social ou mesmo na forma com que a sociedade concebe a si mesma.²⁹²

Exemplos variados desse tipo de reação são apresentados por **Cohen**, dentre os quais a abordagem midiática da problemática das drogas, da militância estudantil, demonstrações políticas, vandalismo de todos os tipos, certas modalidades criminosas e de violência, assim como no caso do hooliganismo no futebol.²⁹³

A esse respeito, dentre a diversidade de grupos que podem ser inseridos num contexto de pânico moral, **Jewkes** consegue traçar cinco pontos estruturantes comum a todos: i) o pânico moral ocorreria quando a mídia de massa assimila eventos, em sua grande maioria, ordinariamente verificáveis e os representa como uma ocorrência extraordinária; ii) a mídia de massa acaba por colocar em movimento uma espiral de amplificação do desvio na medida em que um discurso moral é estabelecido por jornalistas e várias outras autoridades, os quais coletivamente “*demonizam*” indivíduos, minorias ou grupos marginalizados, que são tidos como uma fonte de declínio moral ou degradação social; iii) o pânico moral clareia as fronteiras morais das sociedade em que ele ocorre, criando um consenso; iv) o pânico moral ocorreria durante períodos de mudança social brusca, e sendo responsável por cristalizar ansiedades sociais mais amplas sobre risco; v) normalmente são pessoas mais jovens quem são “*estigmatizadas*”, como se fossem uma metáfora do futuro, e seus comportamentos são considerados termômetro com o qual se testa a saúde ou doença de toda a sociedade.²⁹⁴

²⁹² COHEN, Stanley. **Folk Devils and Moral Panics: the creation of the Mods and Rockers**. London; New York: Routledge, 2002, p. 1. No original: “A condition, episode, person or group of persons emerges to become defined as a threat to societal values and interests; its nature is presented in a stylized and stereotypical fashion by the mass media; the moral barricades are manned by editors, bishops, politicians and other right-thinking people; socially accredited experts pronounce their diagnoses and solutions; ways of coping are evolved or (more often) resorted to; the condition then disappears, submerges or deteriorates and becomes more visible. Sometimes the object of the panic is quite novel and at other times it is something which has been in existence long enough, but suddenly appears in the limelight. Sometimes the panic passes over and is forgotten, except in folklore and collective memory; at other times it has more serious and long-lasting repercussions and might produce such changes as those in legal and social policy or even in the way the society conceives itself.” (tradução nossa)

²⁹³ COHEN, 2002, p. 02.

²⁹⁴ JEWKES, 2004, p. 67.

Nesse caso, a presença de exagero ou de distorção na representação dos eventos caracterizados como ilícitos ou desviantes é um dos pontos-chaves da formação e difusão de um pânico moral. Este, ademais, é frequentemente envolvido a valores de previsibilidade, isto é, uma falha de conduta que já era esperada por parte dos aludidos inimigos públicos. Assim, uma pálida simplificação é posta em cena, na medida em que atribuições genéricas, há muito já incorporadas por um senso comum, são utilizadas na caracterização de complexas ideias, emoções e sentimentos (“*bandidos*”, “*marginais*”, “*gangues*” etc.). E como sequência desse processo, drásticas medidas são requeridas pelos “*empreendedores morais*”, as quais geralmente estão associadas a um punitivismo exacerbado e uso “*legitimado*” da violência.²⁹⁵

Com efeito,

enquanto a mídia frequentemente associa certos grupos minoritários com o desvio e condena o uso da violência, eles, no entanto, aceitam que a violência é uma forma legítima para a polícia lidar com os problemas, e às vezes é uma forma necessária de retaliação. Percepções derivadas destas apresentações podem também influenciar as atitudes 'oficiais' para que eles possam coincidir com os estereótipos. As definições da situação construídas pela mídia são, portanto, reforçadas e todos os lados se comportam como 'esperado' [...].²⁹⁶

A dinâmica contínua de alienação da sociedade, de crescente repúdio social, também é percebida por **Ferrell, Hayward e Young**, os quais identificam nessa espiral de rejeição – não somente através de contato interpessoal, mas também indiretamente a partir de imagens midiáticas, opiniões de especialistas e por parte dos agentes do sistema penal – uma fonte de inspiração para criação dos próprios “*demônios sociais*” que foram imaginados.²⁹⁷

Isso porque a partir uma sucessiva tentativa de exclusão do corpo social das indigitadas minorias, marcada pela crença milagrosa num poderoso aparelho repressivo, tais indivíduos são conduzidos para uma cada vez maior série de desvios. A resposta das autoridades públicas, dos “*empreendedores morais*”, de uma abordagem midiática sensacionalista acaba por agravar o problema que previamente se procurava combater. Fenômeno caracterizado por Jock Young e Stanley Cohen como “*espiral de amplificação do desvio*”.

De forma bem trabalhada por **Jewkes**:

²⁹⁵ JEWKES, 2004, p. 68.

²⁹⁶ JEWKES, pp. 68-69. No original: “[...] while the media frequently associate certain minority groups with deviance and condemn their use of violence, they nonetheless accept that violence is a legitimate way for the police to deal with problems, and is sometimes a necessary form of retaliation. Perceptions derived from these presentations may also influence ‘official’ attitudes so that they come to match the stereotypes. The media-constructed definitions of the situation are therefore reinforced and all sides behave as ‘expected’ [...]”. (tradução nossa)

²⁹⁷ FERRELL, HAYWARD, YOUNG, 2008, p. 52.

Argumenta-se que aqueles que estão no poder estigmatizam grupos de minorias como subversivos, com vistas a explorar os receios públicos, e depois intervêm para fornecer uma solução 'popular' para o problema que, na retórica atual do punitivismo populista, geralmente importa em 'pegar mais pesado' com o crime. Mas não só apenas essa atenção exacerbada aparenta validar a preocupação inicial da mídia, mas também pode resultar no grupo-alvo um crescente sentimento de alienação, particularmente quando - muitas vezes acontece - políticos e outros 'formadores de opinião' entram na briga, exigindo medidas mais duras para controlar e punir os 'desviantes' e alertam sobre os possíveis perigos para a sociedade se as suas atividades não forem colocadas em cheque. Tal condenação generalizada pode levar o grupo a se sentir mais perseguido e marginalizado, resultando em um aumento na sua atividade desviante, para que eles possam aparentemente se tornar mais parecidos com as criaturas originalmente criadas pela mídia. A continuidade dos desvios resulta em uma maior atenção da polícia, mais prisões e mais cobertura midiática. Assim, um 'espiral de amplificação do desvio' [...] é posta em movimento.²⁹⁸

Nesse contexto, tal espiral de amplificação do desvio descreve o processo pelo qual uma subcultura é excluída do corpo social, a partir da incidência de um pânico moral despertado por uma ostensiva abordagem midiática e consequentemente pela utilização de aclamadas ferramentas punitivistas por parte as autoridades públicas.

Uma intensa batalha entre *nós* – os “*decentes*”, os “*respeitáveis*” e os “*moralmente corretos*” - e *eles* – os “*desviantes*”, os “*indesejáveis*” – entra em cena, originada a partir da identificação de um grupo responsável por uma ameaça ao coletivo. A percepção popular de que a ameaça é real, causada por minorias subculturais, acaba por constituir o senso comum e demandar por soluções enérgicas. Geralmente, ocorre uma “*aceitação generalizada entre os políticos e os meios de comunicação que a resposta adequada a este triste estado de coisas é introduzir uma ação mais dura por parte da polícia, os tribunais e as prisões*”.²⁹⁹

Assim,

o ataque combinado de legisladores, autoridades judiciárias e os jornais, que se propõem a refletir os pontos de vista de seus leitores, serve para aumentar o abismo entre as atividades de uns poucos e isolados desviantes e o resto da sociedade, e em marginalizando aqueles que já estão na periferia, dá-se uma força ainda maior para o

²⁹⁸ JEWKES, 2004, p. 69. No original: “It is argued that those in power label minority groups as subversive with a view to exploiting public fears, and then step in to provide a ‘popular’ solution to the problem which, in the current rhetoric of populist punitiveness, usually amounts to getting tougher on crime. But not only does increased attention appear to validate the media’s initial concern, it may also result in the target group feeling increasingly alienated, particularly when as – often happens – politicians and other ‘opinion leaders’ enter the fray, demanding tougher action to control and punish the ‘deviants’ and warning of the possible dangers to society if their activities are not held in check. Such widespread condemnation may lead the group to feel more persecuted and marginalized, resulting in an increase in their deviant activity, so that they appear to become more like the creatures originally created by the media. The continuing deviancy results in greater police attention, more arrests and further media coverage. Thus a ‘deviancy amplification spiral’ [...] is set in motion.” (tradução nossa)

²⁹⁹ JEWKES, 2004, p. 71. No original: “there is a widespread acceptance among politicians and the media that the appropriate response to this sorry state of affairs is to call for tougher action on the part of the police, the courts and the prisons.” (tradução nossa)

‘núcleo’. Assim, é possível se sugerir que não apenas pânicos morais reúnem comunidades no sentido de indignação coletiva, mas eles efetivamente fazem o ‘núcleo’ se sentir mais complacente na afirmação de que detêm sua própria moralidade; quando nós definimos o que é ‘mal’, nós sabemos por implicação que é ‘bom’. Consequentemente, abordagens convencionais de pânicos morais enfatizam que eles demonstram haver limites para o quanto a diversidade pode ser tolerado em uma sociedade e eles confirmam a autoridade daqueles que fazem tais julgamentos [...].³⁰⁰

Esse movimento de exclusão de grupos marginalizados, instauração de um pânico moral tracionado por uma reprodução midiática exacerbada e adoção de medidas punitivas no combate da ameaça às “*peças de bem*” pode ser associado ao tratamento dado ao “*problema*” das torcidas organizadas, sobretudo a partir da segunda metade da década de 1990.

Em pesquisa sobre a representação das torcidas organizadas pelo jornal Folha de S. Paulo, no período que se estende de 1970 a 2004, **Toro** constata uma significativa mudança de postura do veículo na abordagem de tais grupos no lapso entre 1986-1993. Até então, apesar de relatos de casos de enfrentamentos entre torcedores-organizados, a dimensão estética e a rica atmosfera criada para o espetáculo do futebol se sobrepunham aos episódios de violência, sendo frequentes “*o uso de fotografias que mostram as TO nos momentos de maior entusiasmo e colorido nas arquibancadas*”.³⁰¹

Esse cenário se altera profundamente a partir de 1994, ano em que se observa um relevante aumento de eventos violentos nos estádios e no número de mortes em conflitos de torcidas organizadas. Com efeito,

incidentes de violência registrados durante o segundo semestre do ano de 1994 parecem fazer insustentável essa dualidade. A partir de então diminui radicalmente o interesse pelo espetáculo nas arquibancadas, primando as TO como conteúdo noticioso ligado a fatos de violência urbana e de desordem pública. Noticia-se a violência e também seus efeitos: o afastamento de público dos estádios. Na medida que a violência gerada pela TO é apresentada como principal causa da baixa presença de públicos nos estádios, elas passam a ser tratadas como um elemento perturbador do futebol, nocivo e contrário à viabilidade deste espetáculo de multidões. Em outras

³⁰⁰ YEWKES, 2004, p. 72. No original: “*The combined assault of law-makers, law-enforcers and the newspapers which purport to reflect the views of their readership serves to widen the chasm between the activities of a few, isolated deviants and the rest of society, and in marginalizing those who are already on the periphery, they give an inner strength to the core. Thus, it might be suggested that not only do moral panics draw together communities in a sense of collective outrage, but they actually make the core feel more complacent in the affirmation of their own morality; when we have defined what is ‘evil’, we know by implication what is ‘good’. Consequently, conventional accounts of moral panics emphasize that they demonstrate that there are limits to how much diversity can be tolerated in a society and they confirm the authority of those who make such judgements [...]*”. (tradução nossa)

³⁰¹ TORO, Camilo Aguilera. **O espectador como espetáculo: notícias das Torcidas Organizadas na Folha de S. Paulo (1970-2004)**. 2004. 145 f.. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004, p. 56

e poucas palavras, as TO passam a ser ilegítimas, algo de intensa e sistemática censura.³⁰²

O ponto de virada definitivo para a abordagem do fenômeno das torcidas organizadas a partir de uma ótica estritamente criminal, e ambientada nas páginas policiais, verifica-se no ano de 1995. Um marcante episódio ocorrido em 20 de agosto de 1995 envolvendo uma briga generalizada entre *Torcida Mancha AlviVerde* e *Torcida Tricolor Independente* no estádio do Pacaembu, na disputa da Supercopa São Paulo de Futebol Júnior entre Palmeiras e São Paulo, atinge o clamor popular e, enfim, a espiral de rejeição (Ferrell, Haywad e Young) é posta em circulação.

Na ocasião, após o término da partida, que foi decidida na prorrogação pelo sistema de morte súbita a favor do Palmeiras, torcedores-organizados da *Mancha* invadiram o gramado e se puseram a comemorar em frente dos torcedores do São Paulo. Estes revoltados, quebraram o alambrado que os separava do gramado e entraram em confronto aberto com os torcedores do Palmeiras. Imagens do conflito evidenciaram uma verdadeira batalha campal³⁰³ – o episódio posteriormente ficou conhecido por como “*guerra do Pacaembu*” –, mostrando centenas de torcedores se digladiando no campo de jogo. O estádio do Pacaembu de então passava por reformas, com pilhas de entulhos ao longo de toda sua extensão, sendo estes previsivelmente – não aos olhos das autoridades públicas – utilizados como vasto arsenal de combate. O resultado do enfrentamento deixou mais de 100 feridos e um rapaz de 16 anos morto³⁰⁴.

A reação da mídia no sentido de condenação das torcidas organizadas como evidentes autores da massiva experiência violenta foi imediata. Diversos veículos jornalísticos bradavam contra tais grupos, tidos como verdadeiro “*câncer*” do futebol brasileiro e responsáveis pelos piores males que infligiam o declínio da prática no país. As medidas pugnadas iam da imediata extinção das torcidas organizadas, “*exemplar*” punição dos envolvidos, a uma elevação no preço dos ingressos como forma de garantir que os “*bandidos*” ficassem na parte de fora dos estádios.

Nesse sentido, **Pimenta** reproduz os discursos televisivos inflamados da época, aqui representados, respectivamente, pelos estimados jornalistas esportivos Juca Kfour e Walter Silva:

³⁰² TORO, 2004, p. 59.

³⁰³ Guerra do Pacaembu 1995 (São Paulo x Palmeiras): Matéria na Globo. **Youtube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LRJOJ_ctELk> Acesso em 21 de junho de 2015.

³⁰⁴ Em 1995, outra batalha campal. **Estadão**. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,em-1995-outra-batalha-campal,9455,0.htm>>. Acesso em 21 de junho de 2015.

‘Profundamente antipático o que vou dizer, sei que não vou ter a simpatia de ninguém, sei que é politicamente e absolutamente incorreto o que eu vou dizer, mas uma das soluções que eu vejo imediata é proibir, terminantemente, o futebol com portões abertos; futebol de massa nem pensar, porque é a senha para bandidos tomarem conta do estádio. Cobrar ingressos e cobrar caro, cada vez mais caro, com cadeiras em todos os setores do estádio. Tornar o futebol um esporte para elite, vão lá 40 mil abençoados por Deus, da alta classe média desse país (...). Evidentemente que os pobres não são os culpados pela violência. Os culpados pela violência a gente conhece desde a distribuição de renda neste País, mas que infelizmente, 90% desses vândalos são do ‘lumpesinato’, são; são explorados, são; são um bando de desocupados, são... ou são explorados dessa gente, em regra os presidentes de ‘Torcidas Organizadas’; em regra cartola de clube de futebol, que subvenciona essa gente, por questões da política interna do clube (...)’

‘Tem que cobrar ingresso caro, sim (...) povão vai onde ele pode ir; agora ele só vai assistir o futebol porque o ingresso é pago pela ‘Torcida’, o ingresso é pago pelo clube, senão ele não iria. Ele iria para a periferia jogar bola ou ele iria para a periferia assistir jogo de várzea ou jogar futebol de salão ou pescar ou fazer qualquer outra coisa; esses caras devem ser proibidos de entrar em campo, mas não proibidos por lei, por motivos econômicos. Eles não têm dinheiro para ir ao campo, mas eles vão porque são subvencionados pelos interesses políticos desses administradores regionais, vereadores, deputados, presidentes de clube que querem utilizar essa gente como massa de manobra’.³⁰⁵

Ainda, as manchetes dos jornais daquele período dão a tônica da abordagem midiática, a qual, não obstante a manifesta gravidade dos fatos, mostra-se caracterizada pelo exagero e, até mesmo, sensacionalismo. A saber:

‘MASSACRE NO PACAEMBU! CORPOS DESTROÇADOS NO GRAMADO (Notícias Populares, 21.8.95)
 ‘VITÓRIA DOS MARGINAIS’ (A Gazeta Esportiva, 21.8.95)
 ‘PACAEMBU VIRA UMA BÓSNIA’ (Diário Popular, 21.8.95)
 ‘PM NUNCA VIU TANTA VIOLÊNCIA’ (Jornal da Tarde, 21.8.95)
 ‘FUTEBOL PAULISTA É REFÉM DO VANDALISMO’ (O Estado de São Paulo, 21.08.95)³⁰⁶

O viés de fala do corpo midiático de então, dessarte, ressalta uma tentativa homogeneizante de estigmatizar a totalidade das torcidas organizadas como um grupo pernicioso de criminosos e que deve ser banido de toda sociedade. À evidência do defendido pela tese do pânico moral, há claro intuito por parte dos veículos da mídia de marginalização desses agrupamentos de torcedores, entendidos como uma grave ameaça ao coletivo, os quais devem ser terminantemente abolidos das praças esportivas para que a paz, tranquilidade e o espírito familiar retornem aos estádios.

A resposta das autoridades públicas sobrevém rapidamente. Nessa linha, “a proibição às aglomerações identificadas nos estádios (faixas, bandeias, camisas próprios) se

³⁰⁵ PIMENTA, 1997, p. 110.

³⁰⁶ PIMENTA, 1997, p. 128.

*impôs como medida necessária ainda nesse ano [1995] e que se manteve por muitos outros [...]”*³⁰⁷. Ainda, sucedeu-se pleito formulado pelo Ministério Público de extinção das torcidas organizadas envolvidas no conflito, *Torcida Mancha Verde* e *Torcida Independente*, as quais acabaram sendo extintas no ano de 1995, mas sendo posteriormente refundadas como *Torcida Mancha AlviVerde* e *Torcida Tricolor Independente* no ano de 1996 e 1997, respectivamente³⁰⁸.

O que tal processo de simplificação e classificação unívoca de torcedores-organizados – levada a cabo por uma pálida associação com categorias genéricas como “*bandidos*”, “*criminosos*”, “*meliantes*”, “*gangues*” etc. – não leva em consideração, todavia, é quão heterogêneo são tais coletivos. Não obstante a formação de um estilo de vida próprio a esses agrupamentos, com a adesão a uma complexa simbologia que lhes são particulares, as torcidas organizadas são constituídas por membros das mais variadas etnias, idades, origens e classes sociais. De modo que se mostra essencialmente simplista – e simplório – a tentativa de considerá-las a partir de um perfil único.

Essa diversidade verificada entre os integrantes das torcidas organizadas é constatada na fala de Paulo Serdan, ex-presidente da *Torcida Mancha AlviVerde*, em entrevista à **Pimenta**. A saber:

‘(...) é um grupo diversificado, aqui temos pessoas de todas as classes. (...) temos pessoas aqui dentro que participam de partidos políticos (...), ricos, pobres, negros, amarelos, viciados (...). A gente forma uma grande família’.³⁰⁹

Pesquisa desenvolvida por **Reis**, entrevistando 813 membros de torcidas organizadas de três dos quatro grandes times do Estado de São Paulo – Corinthians, Palmeiras e São Paulo –, também aponta para tal heterogeneidade. Além disso, muitos dos dados obtidos relam verdadeira dissociação do senso comum do torcedor-organizado com a realidade observada em tais agrupamentos. Com efeito, é destacado que, à época da pesquisa, em 2009, 61% (sessenta e um por cento) dos torcedores organizados trabalhavam e 29% (vinte e nove por cento) estudavam, sendo que apenas 9% (nove por cento) dos entrevistados não informaram ocupação e 3% (três por cento) estavam desempregados; 88% (oitenta e oito por cento) moravam com a família original (pai e mãe); 94% (noventa e quatro por cento) eram solteiros; 62% (sessenta e quatro por cento) eram católicos; 40% (quarenta por cento) iam ao estádio sempre e 45% (quarenta e cinco por cento) diziam ir muito frequentemente, mesmo que a

³⁰⁷ TOLEDO, 2012, p. 148.

³⁰⁸ TOLEDO, 2012, p. 148.

³⁰⁹ PIMENTA, 1997, p. 96.

partida fosse televisionada; quando se dirigiam ao campo de jogo, 52% (cinquenta e dois por cento) o faziam pela emoção do estádio, 30% (trinta por cento) por amor ao time e 12% (doze por cento) para torcer em grupo.³¹⁰

O resultado da criação desse verdadeiro pânico moral – a exemplo do definido por Stanley Cohen – no mundo do futebol, com a consequente atribuição à totalidade dos torcedores-organizados como únicos responsáveis pela violência, é a criação de um forte aparelho repressivo por parte do Estado. A quimera vendida é de que os “*torcedores de bem*” estariam seguros e que finalmente as “*famílias*” retornariam ao palco do futebol.

Nesse contexto, os métodos de repressão da violência e garantia da paz passam a estar essencialmente ligados a uma forte atuação policial. Isso porque “*no Brasil a palavra ‘segurança’ tem um significado perverso: ela é usada como sinônimo para policiamento e até mesmo a violência pura e simples*”³¹¹. Conforme destacado por **Alvito**,

quem chega a um estádio de futebol em dia de um jogo minimamente importante tem a impressão de chegar a uma praça de guerra: um pesado e ostensivo aparato policial, com policiais inclusive armados de fuzis, polícia montada, cães e nos clássicos de maior expressão helicópteros. Algo muito longe do ‘ambiente festivo’ que seria recomendável criar em um evento esportivo.³¹²

A estratégia usada, portanto, é a de guerra. Como se uma intensa e complexa relação entre torcidas organizadas e o conjunto de emoções e sentimentos que o futebol desperta nos seus seguidores, que faz com que até o mais pacato dos torcedores possa entrar em segundos em um ataque de raiva, possam ser simplesmente eliminados da equação. De modo que o problema da violência é enfrentado com a imposição de mais violência por parte do aparato estatal.

Em sua pesquisa sobre os mecanismos de segurança dos torcedores no Estado do Rio de Janeiro, **Alvito** presenciou diversas cenas de violência praticadas pelas forças de segurança pública. Nesse sentido:

Quando havia confusões com torcedores, do mesmo time ou de equipes rivais, *maioria das vezes*, os policiais do GEPE [Grupamento Especial de Policiamento em Estádios] não filmavam, os policiais do GEPE não apartavam, não prendiam: como se fossem também eles um grupo de brigões, empunhavam seus cassetetes, de

³¹⁰ CAMARÃO, Bruno; GONÇALVES, Arnaldo. Conheça o perfil do torcedor organizado de SP. **Casa do Torcedor**. Disponível em: <<http://casadotorcedor.blogspot.com.br/2009/07/conheca-o-perfil-do-torcedor-organizado.html>>. Acesso em 22 de junho de 2015.

³¹¹ ALVITO, Marcos. A madeira da lei: gerir ou gerar a violência nos estádios brasileiros. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; REIS, Heloisa Helena Baldy dos (Orgs). **Hooliganismo e Copa de 2014**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014, p. 40.

³¹² ALVITO, 2014, p. 40.

maçaranduba ou não, e saíam ‘varrendo’ ou ‘escovando’ os torcedores em todas as direções. Estes termos dão bem a dimensão de como os torcedores são percebidos: é uma espécie de gado ou até pior, pois se o gado pode e deve ser pastoreado com algum carinho, os torcedores são movimentados a golpe de cassetete como se fossem animais.³¹³

Em certas ocasiões, sequer a diferenciação comum entre torcedores-organizados e torcedores-comuns era observada e a violência era aplicada indistintamente:

Quando da ida ao Morumbi para assistir a um Corinthians *versus* Palmeiras em março de 2007, nossa equipe de pesquisadores estava do lado de fora do estádio junto a algumas barradas de comida que vendiam churrasquinho e afins. Como havia uma certa aglomeração de torcedores famintos, as pessoas acabavam por ocupar parte da rua. A solução da Polícia Militar foi enviar soldados a cavalo que se lançam sem visor sobre a multidão. Nós que tratássemos de sair da rua o mais rapidamente possível [...]. Em torno do Maracanã, em situação similar de estarem pessoas na rua, observa-se policiais militares cutucarem os torcedores com a ponta do fuzil. Exemplo ainda mais chocante vivenciado por mim ocorreu depois da final do campeonato carioca de 2007 entre Flamengo e Botafogo. Tendo o Flamengo se sagrado campeão, sua torcida estava alegre e feliz e era compreensível que demorasse a se afastar do estádio. O clima de festa se dissipou rapidamente quando a polícia passou a utilizar cavalos, gás de pimenta e cassetetes para dispersar os aterrorizados torcedores em meio a gritos e à correria.³¹⁴

Quando os alvos eram integrantes de torcidas organizadas a relação era ainda mais perversa e brutal. A violência, então, passa ser aplicada como regra na relação entre policiais e torcedores-organizados. Com efeito,

Nossa equipe presenciou não poucas cenas de violência policial e/ou incompetência policial. Quando não é cassetete é o spray de pimenta, usado com tanta liberalidade que um torcedor chegou a chamá-lo de ‘Disneylândia’ para os policiais, dando a entender que eles se divertiam com ele. De fato, eu mesmo presenciei o uso incorreto do spray de pimenta em São Januário: lançado dentro de um túnel, afetou não somente o indivíduo visado pela ação policial mas também todos os que estavam passando por ali, inclusive crianças. Uma pesquisadora viu um torcedor ser cercado e chutado por oito policiais, outra viu um torcedor muito machucado (mas que não foi preso), cheia de marcas de cassetete nas costas.³¹⁵

Em conjunto com uma atuação ostensiva por parte do policiamento, na busca de redução da violência no futebol outras medidas foram adotadas. Todas elas, todavia, seguem a mesma lógica repressiva, partindo da premissa que proibições de certos comportamentos – como a proibição do consumo de álcool no interior dos estádios – criação de novas categorias de crimes – o famigerado “*promover tumulto, praticar ou incitar a violência, ou invadir local*

³¹³ ALVITO, 2014, p. 46.

³¹⁴ ALVITO, Marcos. **Maçaranduba neles! Torcidas Organizadas e policiamento no Brasil**. Tempo, v. 17, n. 34, 2013, pp. 92-93.

³¹⁵ ALVITO, 2014, p. 48.

*restrito aos competidores em eventos esportivos*³¹⁶ – e endurecimento de penas, implantação de juizados especiais nos estádios³¹⁷, além de punição “exemplar” de autores de atos violentos, seriam, por si só, suficientes para garantia da segurança perquirida.

Uma dessas medidas foi a criação do Estatuto do Torcedor, no intuito de criação de um instituto jurídico próprio, o torcedor, além da regulamentação de competições esportivas, disposições sobre segurança nos estádios, previsão de modalidades criminosas e penalidades administrativas. A disposição do Estatuto do Torcedor, contudo, está visivelmente voltada a uma aproximação com a categoria de consumidor, um torcedor-consumidor. E, nesse caso, além de incorrer em simplificação do personagem futebolístico “*torcedor*”, na medida em se torna problemática uma comparação entre um torcedor que compra um ingresso para acompanhar o seu time, dada toda complexidade da relação, e um consumidor que realiza uma aquisição qualquer em uma loja de departamentos, acaba por excluir a sua participação nas agendas políticas que discutem o tema.³¹⁸

Nesse sentido,

só para tomar um exemplo tópico retirado da internet, consta do folder do I *seminário internacional sobre segurança com cidadania nos estádios de futebol*, realizado no estado de Pernambuco no ano de 2008, um rol diminuto de áreas do conhecimento que compuseram o evento, transformando o fórum de debates num diálogo estrito e estreito entre defensores públicos, juízes de direito, promotores, oficiais da polícia militar, que compuseram a quase totalidade das falas a respeito da conduta torcedora e a problemática da violência. Formam, não por acaso, o mesmo cinturão de categorias que anos antes haviam assumido as rédeas na condução do problema da violência nos estádios, aproximando perigosamente cidadania à conduta repressiva.³¹⁹

O torcedor-consumidor, dessarte, passa a ser tutelado por autoridades públicas, sem qualquer maior participação multidisciplinar no debate, acabando por reproduzir a mesma política repressora originalmente criada.

³¹⁶ BRASIL. Lei nº 10.671, de 15 de maio de 2003. Estatuto de Defesa do Torcedor. Brasília, DF, 2003, art. 41-B.

³¹⁷ No caso de Santa Catarina, deu-se a criação do Programa Justiça Presente, no âmbito do Tribunal de Justiça, sendo responsável pelo julgamento de crimes de menor potencial ofensivo. Foi instituído pela Resolução nº 24/06-GP, de 06 de setembro de 2006, e iniciou suas atividades em 12 de julho de 2006, em partida válida pela Série “A” do Campeonato Brasileiro entre as equipes Figueirense/SC e Santos/SP. Dentre os objetivos mencionados do programa, propõe-se “*coibir e sancionar práticas delituosas de menor potencial ofensivo*”. A sanha punitivista e o esforço por celeridade, todavia, devem ser observados com parcimônia, seja pela dificuldade em se conceber que a aplicação de qualquer tipo de punição tenha implicação direta na diminuição das experiências violentas, seja pela necessidade de salvaguarda das garantias constitucionais do acusado. A esse respeito, cf. Programa Justiça Presente. **Poder Judiciário de Santa Catarina.** Disponível em: <<http://www.tjsc.jus.br/institucional/programajusticapresente/programajusticapresente.html>>. Acesso em 23 de junho de 2015.

³¹⁸ TOLEDO, 2012, p. 155.

³¹⁹ TOLEDO, 2012, p. 155.

Essa tentativa de equiparação do torcedor com o consumidor, por sinal, está intimamente relacionada a um processo de elitização dos estádios, constatado pela criação de novas “arenas” esportivas, aumento expressivo no preço dos ingressos, ausência de qualquer delimitação de setores dos estádios para camadas mais populares, além de colocação de cadeiras numeradas em todo palco de jogo. Com efeito,

esse recuo de expressão, da experimentação torcedora coletivizada, perda de espaço da rua e da socialidade em troca de um racionalismo seguro, asséptico e individualista que se quer imputar à emoção torcedora e todos os excessos inevitáveis decorrentes da experiência coletiva de torcer cumprem uma agenda política de exclusão simbólica dos torcedores economicamente mais fragilizados.³²⁰

É necessário pontuar, ademais, que a utilização de uma abordagem essencialmente repressiva, caracterizada por um policiamento ostensivo, criação de novos tipos de crimes, endurecimento de penas e busca por uma pretensa eficácia punitiva segue a cartilha inglesa de tratamento do fenômeno dos *hooligans*. Deveras, o modelo inglês de gestão da violência no futebol é baseado estruturalmente em tal política repressiva, com ênfase em identificação prévia de possíveis ameaças, o indivíduo de risco, observado em função “*das pessoas que conhece, dos lugares que ele frequenta, das roupas que ele veste, de seu comportamento em grupo no estádio, etc.*”³²¹ É mecânica do pânico moral operando em sua completa perfeição.

O tratamento dos sintomas da violência e não suas causas, não obstante, é apontado por **Tsoukala** como sendo uma dentre tantas falhas do modelo. A saber:

Esta exclusão de qualquer busca por causalidade faz com que a eficácia do controle social dependa de uma lógica puramente administrativa que, na realidade, dissimula uma certa preguiça intelectual e operacional. Em vez de aceitar ser potencialmente desafiado e se manter em busca de novas abordagens, com a intenção de melhorar sua performance, os agentes de segurança pública criam a impressão de inovação modernizando suas ferramentas de trabalho e mantendo os mesmos esquemas mentais e princípios de ação. Apoiam-se, portanto, cada vez mais no confronto da certeza oferecida pela tecnologia aplicada a dispositivos de controle de vigilância sofisticados e na transposição de métodos e práticas de um campo de ação policial a um outro, como se o sucesso de sua missão não fosse finalmente nada além do resultado de uma sensata escolha de ferramentas.³²²

De fato, o acolhimento de uma abordagem estritamente repressiva como forma de tratamento da violência no futebol, seguindo o ideal britânico, acaba por agravar o problema

³²⁰ TOLEDO, 2012, p. 156.

³²¹ TSOUKALA, Anastassia. Administrar a violência nos estádios da Europa: quais racionalidades? In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; REIS, Heloisa Helena Baldy dos (Orgs). **Hooliganismo e Copa de 2014**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014, p. 26.

³²² TSOUKALA, 2014, pp. 27-28.

que anteriormente se propunha a resolver. Isso porque dinâmica de exclusão posta em ação a partir da instauração do pânico moral (Cohen) tende a se acentuar a cada vez mais à medida que se constata a inocorrência de qualquer melhora no quadro de vítimas. Por conseguinte, a espiral de amplificação do desvio atinge proporções ainda maiores.

Utilizando a extensa pesquisa empreendida por **Nery** no sentido de catalogação do número de mortes relacionadas ao futebol, observa-se que, efetivamente, a quantidade de casos relatados aumenta seguidamente ao longo dos anos. Se considerarmos o período pós-1995, anteriormente tido como ponto de virada na gestão dos enfrentamentos de torcedores-organizados com recrudescimento da atividade policial, são relatadas 118 (cento e dezoito) mortes. Tomando como base a data promulgação do Estatuto do Torcedor, em maio de 2003, são mencionados outros 99 (noventa e nove) casos. Ainda, analisando interstícios de cinco anos entre os anos de 1993 e 2012 constata-se a seguinte divisão: i) 13 (treze) mortes de 1993 a 1997; ii) 13 (treze) mortes de 1997 a 2002; iii) 39 (trinta e nove) mortes de 2003 a 2007; e 63 (sessenta e três) mortes de 2008 a 2012.³²³

É de se concluir, portanto, que

a ‘lógica do confronto’ é ineficaz e perversa, porque contribui para o problema que deveria estar debelando; é como despejar gasolina numa fogueira. No caso brasileiro ainda seria necessário entender que segurança vai muito além de policiamento, tomando medidas para que o torcedor seja visto e tratado como um cidadão. No caso das torcidas organizadas, dever-se-ia levar em consideração que hoje talvez elas constituam um dos principais movimentos jovens existentes no país. Criminalizá-las *in totum*, além de ser ilegal e ineficiente, significa perder de vista sua importância cultural e seu potencial como rede de difusão dos padrões de comportamento da polícia militar: não será fácil mudar a cultura de uma corporação mundialmente conhecida pela violência e pela brutalidade.³²⁴

Ao mesmo tempo que as torcidas organizadas desempenham papel central no que concerne à violência no futebol, através de uma minoria de seus grupos, frise-se, não é possível idealizar uma política de segurança sem que a dinâmica inter-relacional das torcidas seja colocada como um de seus pilares estruturantes. Isso porque tal complexa relação, orbitada por um plexo de emoções e sentimentos inerentes ao jogo de bola e pela tentativa de preservação de uma identidade coletiva do grupo, não pode ser enfrentada com o crime, a pena, a punição.

É necessário a interrupção desse ciclo vicioso de violência: morte – reação midiática e das autoridades públicas – pânico moral – medidas repressivas – espiral de amplificação do desvio. E, para tanto, não se o faz adicionando mais violência à mistura. É contrassenso lógico.

³²³ NERY, 2012, pp. 115-119.

³²⁴ AVILTO, 2014, p. 51.

Não se vislumbra qualquer possibilidade de enfrentamento da violência, outrossim, a partir da “*mágica*” solução de extinção as torcidas organizadas, como se sucedeu nos anos de 1995. Não obstante por serem associações civis tal cenário seja possível, na prática continuariam a operar como se constituídas fossem. Isso porque, consoante exaustivamente mencionado, o vínculo que os une, o qual possibilita a criação de um estilo de vida próprio ao entorno da torcida, não pode ser desfeito pela coisa julgada. Tal posicionamento somente agravaria a situação, na medida em se perderia a referência de suas lideranças, seus membros, sua estrutura física. No mesmo sentido, consta depoimento de Paulo Serdan, ex-presidente da *Torcida Mancha* AlviVerde, em recente documentário sobre a atividade das torcidas organizadas:

Só que é um tiro pela culatra também. Primeiro porque ninguém deixa de ser torcedor daquele clube que ama, né? Você não vai deixar de ser palmeirense porque não pode entrar com camisa da *Mancha* no estádio. Né? Segundo porque os grupos vão continuar se reunindo pra ir. (...) [o Ministério Público e a Polícia entenderam que deveriam retomar o diálogo com as lideranças] Porque eles perderam a referência de quem conversar. E aí *amigão* a coisa fica feia. Você entendeu? Porque quando você tem um distúrbio no estádio ou *tá* chegando aquela multidão o policiamento antigamente batia o olho... Oh, chama o Paulinho, chama o Moacir, chama o Dentinho, chama o Adamastor, *pega os cara ali* e traz aqui, vamos conversar. E *aí* quando você perdeu a referência como é que faz? Que que eles fizeram: aproximação. A gente não ficava, lá atrás em oitenta e poucos, a gente não ficava na mesma sala com o pessoal dos *Gaviões* mas nunca.³²⁵

Em que pese inexistam fórmulas únicas para tratamento da violência no futebol, é imperioso o reconhecimento das torcidas organizadas como entidades legítimas e representantes de uma parcela significativa de torcedores, os torcedores-organizados, com vistas à supressão do contínuo processo de marginalização verificado. Somente a partir do resgate ao corpo social desses agrupamentos de torcedores, no intento de superação da estigmatização, é que será possível a promoção do diálogo com as autoridades públicas e entre as próprias torcidas.

Algumas iniciativas já são observadas, como a criação da Confederação Nacional das Torcidas Organizadas, em que se procura uma maior aproximação entre as torcidas organizadas. Processo esse observado na fala de André Azevedo, presidente da *Torcida Dragões da Real*, do São Paulo F.C. em entrevista à **Lopes**:

³²⁵ Torcidas Organizadas. Direção: Rodrigo Astiz, Daniel Billio. Produção Executiva: Adriana Marques. Produtores: João Daniel Tikhomiroff, Michell Tikhomiroff, Hugo Janeba. Roteiro: Daniel Billio. Narração Edgard Poças. Discovery Channel. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2dQocOQuJ5o>>. Acesso em 23 de junho de 2015.

Ó, eu vou ser sincero pra você, eu acho que a gente não tem uma solução para acabar com a violência, que envolve todos os segmentos. Hoje a gente já tenta minimizar. Nós criamos uma confederação de torcida, que chama CONATORG, onde nós temos um bom relacionamento, coisa que às vezes as pessoas de casa não sabem. Por exemplo, eu sou presidente da Dragões, tenho muita amizade com o presidente da Mancha, com a diretoria da Mancha, com a Gaviões da Fiel, com torcidas de outros estados... hoje, eu, vou dizer eu, mas tem outros presidentes e diretores de torcida também, mas eu tenho contato com setenta, oitenta, por cento das torcidas do país, não só de São Paulo. A gente conversa e através desse contato hoje a gente minimiza o problema [...].³²⁶

A criação grupos de torcidas organizadas, portanto, seja por iniciativa pública ou dos próprios torcedores, pode se revelar em importante mecanismo de reconciliação de rivalidades que se acirram através de décadas, de superação de uma dominação violenta como promoção da identidade coletiva, de rompimento com um ciclo de vingança que se retro-alimenta, enfim, do desenvolvimento de uma relação de respeito mútuo entre torcidas. Isso porque na mesma medida em que os torcedores não podem ser privados do futebol, o futebol não pode ser privado dos torcedores. Sem eles o futebol se transforma em um evento asséptico, indiferente, ordinário, artificial. Certa vez, Nelson Rodrigues disse que: “[...] *sem torcedor não há futebol. Pode haver futebol sem jogador, mas não sem torcida. Devíamos erguer-lhe uma estátua à porta do estádio. O futebol só começou a ser histórico quando apareceu o primeiro torcedor [...]*”.

³²⁶ LOPES, Felipe Tavares Paes. **Discursos sobre violência envolvendo torcedores de futebol: ideologia e crítica na construção de um problema social**. 2012. 589 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012, p. 310.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão comum do fenômeno das torcidas organizadas, no âmbito da sociedade atual, está diretamente e intrinsecamente relacionada à violência no futebol. A visão de que tais grupos de torcedores se enquadram em categorias abstratas, sempre associadas a um sentido pejorativo e de viés criminoso, e que são responsáveis pelos grandes males do mundo do futebol é compartilhada por grande parte do corpo social, das autoridades públicas e da mídia. Essa concepção, como já visto, encerra-se em efusivas campanhas pela criminalização desses grupos sociais, endurecimento de penas e um punitivismo desenfreado.

Partindo da premissa inicial do consenso negativo que envolve as torcidas organizadas, buscou-se averiguar a dinâmica desses coletivos, a partir de um olhar da criminologia cultural, no sentido de contraposição com o discurso aceito pela imensa maioria dos indivíduos envolvidos com a prática futebolística.

O que se constatou, nada obstante, é que esse posicionamento hegemônico peca pela simplificação de realidades sociais essencialmente multifacetadas. Tomada por uma abordagem estreita e frequentemente influenciada por uma visão binária – os “*bandidos*” e as “*pessoas de bem*” –, a maioria não percebe que o futebol é de per si complexo, de modo que as sociabilidades dele decorrentes podem ser adjetivas de todas as formas, menos por serem simples.

Para se chegar a tal conclusão, nessa linha, partiu-se, de forma inicial, do delineamento dos principais pontos que compõem o paradigma da criminologia cultural. Esta, encontra-se inserida no contexto da modernidade recente, na qual muitos dos valores estruturantes de toda sociedade até então vigentes perdem força. O processo de transformação social e econômica vivenciados a partir do pós-guerra afetam sobremaneira a compreensão do indivíduo. A ascensão do individualismo, da criatividade, perda de espaço de uma concepção tradicional de família e do senso de pertencimento comunitário, volatilidade das relações de emprego, sentimento de privação, pluralidade de valores e crenças em conjunto com a força de um capitalismo global que impõe um consumismo exacerbado acarreta em profunda insegurança ontológica. É negada qualquer possibilidade de certeza existencial. Diante de tal conjuntura, imperioso o desenvolvimento de uma criminologia *cultural*, com vistas a um entendimento mais amplo dos tempos hodiernos.

Os aportes da criminologia cultural também indicam para um foco de análise do crime partindo de sua fenomenologia, da experiência criminoso em si. O momento do ilícito,

ademaís, pode ser fonte atrativa da própria atividade desviante. Para além das amplas categorias estruturais que envolvem o saber criminológico, o indivíduo pode ser *seduzido* ao crime por um conjunto de emoções e sentimentos advindos desses eventos a despeito de sua condição social, de classe, étnica etc.

Viu-se, outrossim, que uma constatada situação paradigmática de tédio, introduzida por um projeto modernista assentado na mecanização das atividades e padronização de comportamentos e verificada na estrutura das sociedades atuais, acaba por induzir pessoas a buscarem momentos de transcendência. Seja a partir do engajamento em atividades-limite ou em experiências ilícitas indivíduos procuram a superação lógica de robotização que aprisiona e leva a um desespero existencial.

No que se refere à percepção da mídia, a criminologia cultural passa a problematizar uma contínua reprodução das imagens do desvio. Além da rápida difusão de informações proporcionada por um crescente desenvolvimento tecnológico, sobretudo a partir da criação da internet e popularização das redes sociais, a representação midiática é caracterizada por sua amplitude. Nesse caso, podem ser observados séries de *loops* ou pela formação um extenso *hall* de espelhos por meio dos quais se movimentam as imagens do crime. Cada vez que esse processo é iniciado, os significados do desvio são novamente postos em circulação, de modo que se verifica uma profunda dissociação entre a realidade do crime e sua representação. Não somente, a veiculação de notícias tendo como objeto acontecimentos criminosos, no bojo desses *loops* ou *hall* de espelhos, pode estar associada à construção de verdades consensuais maiores – caso criminalização das drogas, guerra ao terror e, por que não, da marginalização das torcidas organizadas –, formando uma grande espiral de significados. Analisou-se, enfim, uma corrente dinâmica de mercantilização da violência, esta inserida nos mais variados programas televisivos, filmografias, jogos de *videogame*, dentre outros, para posterior transformação em produtos de entretenimento.

Posteriormente, pretendeu-se a observação do fenômeno das torcidas organizadas de uma forma mais específica, o que se empreendeu no desenvolvimento do segundo capítulo. Antes, porém, fez-se necessário a contextualização da condição do torcedor e das diversas versões do torcer. Uma leitura apressada do jogo de futebol pode considerar que o torcedor seja nada mais do que um expectador de um evento de entretenimento, a exemplo dos que vão ao cinema, ao teatro, a concertos etc. Tal lógica, contudo, passa longe de ser verdadeira; o vínculo de identificação do indivíduo com seu clube é, de fato, muito forte. Ademais, a vivência de cada partida proporciona um conjunto de emoções e sentimentos extremante intensos naqueles que

delas toma parte. Para uma ampla compreensão da realidade do torcedor, portanto, importa conceber a complexa situação em que ele se encontra inserido.

Tomando em conta uma retrospectiva histórica, foi possível identificar no início da década de 1940 como período de surgimento dos primeiros grupos de torcedores. Reunidos em volta dos *torcedores-símbolos*, esses coletivos eram marcados por uma devoção quase cega a suas agremiações. Como destaque, mencionou-se a *Charanga Rubro-Negra*, de Jaime de Carvalho, personagem importante na história do futebol brasileiro. É no seio desse mesmo agrupamento, todavia, que se verifica um descontentamento de seus integrantes, sobretudo a partir de meados da década de 1960, o que de uma forma ampla também é observado em diversas outras torcidas. As críticas são dirigidas a uma rígida disciplina de comportamento imposta pelos líderes de então, à estreita vinculação a dirigentes esportivas e por um direito de contestação da política do clube em tempos de crise. Surgem, dessarte, no final da década de 1960 e década de 1970 algumas das mais relevantes torcidas organizadas do país.

As torcidas organizadas construídas a partir desse período são marcadas por forte desenvolvimento burocrático, constituem-se em associações consoante prevê a legislação civil, estabelecem uma bem delimitada divisão organizacional entre seus membros, compostas, via de regra, por um presidente, uma diretoria e um conselho deliberativo. Passam a se reunir em uma sede física específica, a qual concentra as atividades das torcidas, adotam um conjunto amplo de adereços simbólicos que as identificam e as diferem dos agrupamentos rivais e se notabilizam pela dimensão estética e pelo cenário festivo que proporcionam nos estádios. São marcadas pela presença de uma sociabilidade particular, porquanto ao mesmo tempo que repudiam as torcidas rivais, e por vezes até outras organizadas do mesmo clube, consolidam alianças com grupos de outros Estados da federação. Ainda, percebeu-se a formação de um estilo de vida próprio aos integrantes dessas subculturas.

No fim dessa segunda parte, procedeu-se a realização de análises comparativas entre as torcidas organizadas e outros agrupamentos de torcedores verificados nos grandes centros futebolísticos, como os *hooligans*, os *ultras* e os *barra bravas*. Contrariamente a uma tendência homogeneizadora, percebeu-se que cada qual possui características próprias, devendo serem visualizados nas suas especificidades.

A terceira parte do trabalho, nesse contexto, foi responsável por analisar os atos violentos que eventualmente são verificados a dinâmica inter-relacional das torcidas organizadas e a observação de uma política de segurança adotada para conter tais eventos. Para tanto, procedeu-se um resgate dos conceitos trazidos pela criminologia cultural, e trabalhados

de forma ampla no primeiro capítulo, para posterior aplicação no que se observou do fenômeno das torcidas organizadas a partir dos estudos do segundo capítulo.

Fazendo uso da teoria fenomenológica de Katz, da categoria do *edgework* desenvolvida por Lyng e da construção a respeito do tédio empreendida por Ferrell, propôs-se, em um primeiro momento, que os atrativos para o envolvimento em atos de violência residiram justamente na própria experiência vivenciada. Uma sensação de prazer e excitação, desse modo, seriam resultantes tanto das emoções e sentimentos gozados tanto na partida de futebol quanto em eventos violentos. Outra possível resposta encontrada, e que deve ser observada em conjunto com a primeira sobretudo pelo caráter de complexidade que o tema da violência impõe, foi investigada partindo-se da constatação da violência como ato comunicativo, e que não encerra na sua dimensão fisiológica. Nesse caso, imbuídos na demonstração de superioridade perante os demais, torcedores-organizados se envolveriam em episódios de violência visando uma imposição física e simbólica dominação e como forma de reforço da identidade coletiva do grupo.

Por fim, buscou-se examinar em que medida se constituem as reações sociais, das autoridades públicas e dos veículos midiáticos a esses casos de violência e de que forma uma política de segurança é colocada em ação. Em um primeiro estágio, tratou-se a categoria de pânico moral, desenvolvida originalmente por Cohen e Young e revisitada pela criminologia cultural; tal fenômeno é caracterizado por uma repercussão midiática exacerbada de eventos violentos, acompanhada por uma resposta das autoridades públicas e do corpo social requisitando novas medidas punitivas e tendo como consequência a marginalização do grupo desviante, este tido como uma verdadeira ameaça a toda a sociedade.

Pôde ser identificado, dessarte, a presença do mencionado pânico moral ao entorno do tratamento da violência no futebol, o que culmina pela instauração de uma política de segurança calcada essencialmente em um modelo repressivo. Essa forma de abordagem é comprovada, ademais, por um recrudescimento da atividade policial, responsável pelo uso deliberado da força na tentativa de contenção dos torcedores; na criação de leis visando a criação de novas categorias criminosas e o aumento das penas; a instituição de proibições administrativas de certos comportamentos; e na criação de juizados especializados – ou com a intenção de assim o serem – para garantir uma pretensão de celeridade no julgamento. Nesse caso, o uso sistemático da violência, instrumentalizada a partir de diversos meios – policiamento, crime, penas, proibições, punitivismo – como forma de combate a atos violentos acaba por agravar o problema que anteriormente se pretendia resolver. É o que na teoria do pânico moral se convencionou a chamar de espiral de amplificação do desvio. Tal processo,

nessa linha, pode ser verificado no aumento expressivo do número de mortes sobretudo a partir dos anos 2000.

Levando em consideração a falência desse modo de enfrentamento da violência, enfim, a busca por novas diretrizes se faz necessária. Se as torcidas organizadas aparecem intrinsecamente envolvidas com os episódios violentos que resultam em maioria esmagadora do quadro de mortes no futebol, concomitantemente a elas devem ser direcionados os esforços de pacificação dos conflitos. Medidas como banimento das torcidas dos estádios ou extinção – jurídica, ressalta-se – devem ser peremptoriamente descartadas, sobretudo pelo efeito perverso de agravamento da violência, como anteriormente já problematizado.

Deve-se, por outro lado, reconhecer sua legitimidade como representantes de uma parcela significativa dos torcedores brasileiros. Suas imensas fileiras não podem ser dizimadas com o uso do aparato repressivo do Estado ou com a falácia do cárcere. A aproximação entre torcidas organizadas, por sinal, como constatado em algumas iniciativas, pode se revelar um meio eficaz de promoção de uma relação de respeito mútuo entre torcedores-organizados. Não se está a defender aqui, inobstante, a violência eventualmente praticada por esses grupos, como uma leitura desatenta poderia supor. Aos crimes eventualmente praticados, e processados com o respeito às garantias constitucionais do acusado, devem ser aplicadas as sanções penais cabíveis. O que se objetiva, nesse sentido, é a superação de um modelo fadado ao insucesso e que alimenta o ciclo de violência instalado no futebol brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Eduardo. Torcedores brigões usam Orkut para organizar ataques a grupos rivais. **O globo**. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/torcedores-brigoes-usam-orkut-para-organizar-ataques-grupos-rivais-4561117>>. Acesso em 19 de junho de 2015.

ALVITO, Marcos. **Maçaranduba neles! Torcidas Organizadas e policiamento no Brasil**. Tempo, v. 17, n. 34, 2013.

_____. A madeira da lei: gerir ou gerar a violência nos estádios brasileiros. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; REIS, Heloisa Helena Baldy dos (Orgs). **Hooliganismo e Copa de 2014**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

ANDRADE, Vera Regina Pereira de. **Pelas Mãos da Criminologia: o controle penal para além da (des)ilusão**. Rio de Janeiro: ICC/Revan, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Culture as praxis**. London: Sage, 1999.

Bem me quer, mal me quer: conheça as alianças entre torcidas organizadas. **Placar**. Disponível em: <<http://placar.abril.com.br/materia/bem-me-quer-mal-me-quer-conheca-as-aliancas-entre-as-torcidas-organizadas/>> Acesso em 10 de junho de 2015.

BARATTA, Alessandro. **Criminologia crítica e crítica do Direito Penal**. 3. ed. Rio de Janeiro: Revan/ICC, 2002.

BATISTA, Vera Malaguti. **Introdução Crítica à Criminologia Brasileira**. Rio de Janeiro: Revan, 2011.

BRASIL. Lei nº 10.671, de 15 de maio de 2003. Estatuto de Defesa do Torcedor. Brasília, DF, 2003, art. 41-B.

BREAKING bad. Criador: Vince Gilligan. Direção: Michelle MacLaren e Michael Slovis. Produtores: Stewart A. Lyons, Sam Catlin, John Shibban, Peter Gould, George Mastras, Thomas Schnauz, Bryan Cranston, Moira Walley-Beckett, Karen Moore e Patty Lin. Intérpretes: Bryan Cranston, Anna Gunn, Aaron Paul, Dean Norris, Betsy Brandt e RJ Mitte. Albuquerque: AMC, 2008-2013, DVD (55min).

BUDORD, Bill. **Entre vândalos: a multidão e a sedução da violência**. Tradução de Júlio Fischer. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Bum Fights 2 DVD. **Amazon**. Disponível em: <http://www.amazon.com/Bum-Fights-2-DVD/dp/B00IQKFUHE/ref=sr_1_1?s=movies-tv&ie=UTF8&qid=1430695377&sr=1-1&keywords=bum+fights> Acesso em 1º de maio de 2015.

CAMARÃO, Bruno; GONÇALVES, Arnaldo. Conheça o perfil do torcedor organizado de SP. **Casa do Torcedor**. Disponível em: <<http://casadotorcedor.blogspot.com.br/2009/07/conheca-o-perfil-do-torcedor-organizado.html>>. Acesso em 22 de junho de 2015.

CARVALHO, S. de. **Criminologia cultural, complexidade e as fronteiras de pesquisa nas ciências criminais**. Revista Brasileira de Ciências Criminais, Ano 17, n. 81, pp. 45-60, abr./jun., 2009.

_____. **Antimanual de criminologia**. São Paulo: Saraiva, 2015.

CIRINO DOS SANTOS, Juarez. **A Criminologia Radical**. Curitiba: Lumen Juris/ICPC, 2008.

COHEN, Stanley. **Folk Devils and Moral Panics: the creation of the Mods and Rockers**. London; New York: Routledge, 2002.

Critical Mass Bicyclist Assaulted by NYPD. **YouTube**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oUkiyBVytRQ>> Acesso em 1º de maio de 2015.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.
Em 1995, outra batalha campal. **Estadão**. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,em-1995-outra-batalha-campal,9455,0.htm>>. Acesso em 21 de junho de 2015.

FERRELL, Jeff; SANDERS, Clinton R. **Cultural Criminology** Boston: Northeastern University Press, 1995.

_____. **Crimes of Style: urban graffiti and the politics of criminality**. Boston: Northeastern University Press, 1996.

_____. **Tearing Down the Streets: adventures in urban anarchy**. New York: St Martins/Palgrave, 2001.

_____; et al. **Cultural Criminology Unleashed**. London: Glasshouse Press, 2004.

_____. The Only Possible Adventure: Edgework and Anarchy. In: LYNNG, Stephen (Ed.). **Edgework: the sociology of risk-taking**. New York; London: Routledge: 2004.

_____. **Empire of Scrounge: inside the urban underground of dumpster diving, trash picking, and street scavenging**. New York: New York University Press, 2006.

_____; HAYWARD, Keith; YOUNG, Jock. **Cultural Criminology: an invitation**. Los Angeles; London: SAGE, 2008.

_____. **Tédio, crime e criminologia: um convite à criminologia cultural**. Revista Brasileira de Ciências Criminais, Ano 18, n. 82, jan./fev., 2010.

_____; ILAN, Jonathan. Crime, culture, and everyday life. In: HALE, Chris et al. (Orgs). **Criminology**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

FLORENZANO, José Paulo. Um *calico* diverso: partidas políticas e torcidas ultras. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; REIS, Heloisa Helena Baldy dos (Orgs). **Hooliganismo e Copa de 2014**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Tradução por Ligia M. Pondé Vassalo. Petrópolis: Vozes, 2011.

FRANCESIO, Giovanni. **Tifare contro: una storia degli ultras italiani**. E-book. Sperling & Kupfer, 2010.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Gerente 'amplia' furto de picanha e é preso junto com ladrão em SC. **Folha de São Paulo**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/04/1614175-gerente-amplia-furto-de-picanha-e-e-preso-junto-com-ladrao-em-sc.shtml>> Acesso em 1º de maio de 2015.

Gerente pode ser preso após mentir em caso de furto de picanha em Brusque. **Ricmais**. Disponível em: <<http://ricmais.com.br/sc/seguranca/videos/gerente-pode-ser-preso-apos-mentir-em-caso-de-furto-de-picanha-em-brusque/>> Acesso em 1º de maio de 2015.

Gerente recebe voz de prisão por fraudar provas de furto de picanha. **Globo.tv**. Disponível em: <<http://globo.tv.globo.com/rbs-sc/jornal-do-almoco-sc/v/gerente-recebe-voz-de-prisao-por-fraudar-provas-de-furto-de-picanha/4100680/>> Acesso em 1º de maio de 2015.

Gerente recebe voz de prisão por fraudar provas de furto de picanha. **G1**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2015/04/gerente-recebe-voz-de-prisao-por-fraudar-provas-de-furto-de-picanha.html>> Acesso em 1º de maio de 2015.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do Futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. Tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant e Marcelo de Oliveira Nunes. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GRABIA, Gustavo. **La doce: la verdadera historia de la barra brava de Boca**. Buenos Aires: Sudamericana, 2015.

Guerra do Pacaembu 1995 (São Paulo x Palmeiras): Matéria na Globo. **Youtube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LRJOJ_ctELk> Acesso em 21 de junho de 2015.

HAMM, Mark. **Terrorism as Crime: from Oklahoma City to Al-Qaeda and beyond**. New York: New York University Press, 2007.

_____; YOUNG, J. **Cultural Criminology: some notes on the script**. Theoretical Criminology, vol. 8, n. 3, pp. 259-273, aug., 2004.

_____. **City Limits: crime, consumer culture and the urban experience**. London: GlassHouse Press, 2004.

_____. Opening the lens: cultural criminology and the image. In: HAYWARD, Keith; PRESDEE, Mike (Eds.). **Framing Crime: cultural criminology and the image**. New York: Routledge, 2010.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. A festa competitiva: formação e crise das torcidas organizadas entre 1950 e 1980. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; et al. **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

HULSMAN, Louk & CELIS, Bernat J de. **Penas perdidas: o sistema penal em questão**. Tradução de Maria Lúcia Karam. Rio de Janeiro: Luam, 1993.

HOURCADE, Nicolas. Torcedores radicais e transformações dos estádios na França. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; REIS, Heloisa Helena Baldy dos (Orgs). **Hooliganismo e Copa de 2014**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

JACKSON-JACOBS, Curtis. Take a Beating: the narrative gratifications of fighting as an underdog. In: FERRELL, Jeff; et al (Ed.). **Cultural Criminology Unleashed**. London: Glasshouse Press, 2004.

JEWKES, Yvonne. **Media & Crime**. Los Angeles; London: SAGE, 2004.

KATZ, Jack. **The Seductions of Crime: Moral and Sensual Attractions in Doing Evil**, New York: Basic Book, 1988.

LOPES, Felipe Tavares Paes. **Discursos sobre violência envolvendo torcedores de futebol: ideologia e crítica na construção de um problema social**. 2012. 589 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

LYNG, Stephen. **Edgework: a social psychological analysis of voluntary risk taking**. American Journal of Sociology, n. 4, vol. 95, 1990, p. 851-856.

_____. (Ed.). **Edgework: the sociology of risk-taking**. New York; London: Routledge: 2004(a).

_____. Edgework and risk-taking experience. In: LYNG, Stephen (Ed.). **Edgework: the sociology of risk-taking**. New York; London: Routledge: 2004(b).

_____. Sociology at the edge: social theory and voluntary risk taking. In: LYNG, Stephen (Ed.). **Edgework: the sociology of risk-taking**. New York; London: Routledge: 2004(c).

MALAIA, João M. C. Torcer, Torcedores, torcedoras, torcida (bras.): 1910-1950. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; et al. **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

Mancha agride 2 rapazes em Santo André. **Folha de São Paulo**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/10/31/esporte/20.html>>. Acesso em 19 de junho de 2015.

MILLER, William J. Adolescents on the Edge: the sensual side of delinquency. In: LYNG, Stephen (Ed.). **Edgework: the sociology of risk-taking**. New York; London: Routledge: 2004

MILOVANIC, Dragan. Edgework: a subjective and structural model of negotiating boundaries. In: LYNG, Stephen (Ed.). **Edgework: the sociology of risk-taking**. New York; London: Routledge: 2004.

NERY, André Luís. **Violência no futebol: mortes de torcedores na Argentina e no Brasil**. Rio de Janeiro, 2012.

OLIVEIRA JÚNIOR, Eudes Quintino de. O gerente e o furto de picanha. **Migalhas**. Disponível em: <http://www.migalhas.com.br/dePeso/16,MI219164,71043-O+gerente+e+o+furto+de+picanha> Acesso em 1º de maio de 2015.

Os dez maiores bandeirões do Brasil. **Organizadas Brasil**. Disponível em: http://www.organizadasbrasil.com/galerias/especial_bandeirao/ Acesso em 10 de junho de 2015.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. **Torcidas organizadas de futebol: violência e auto-afirmação: aspetos da construção das novas relações sociais**. Taubaté: Vogal Editora, 1997.

Por causa do football quase matou um partidário do Paulistano. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 14 de dezembro de 1920. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_03&PagFis=4398&Pesq=de+fensor%20do%20Palestra. Acesso em 15 de junho de 2015.

PRESDEE, Mike. **Cultural Criminology and the Carnival of Crime**. London; New York: Routledge, 2000.

Programa Justiça Presente. **Poder Judiciário de Santa Catarina**. Disponível em: <http://www.tjsc.jus.br/institucional/programajusticapresente/programajusticapresente.html>. Acesso em 23 de junho de 2015.

Propaganda da marca de roupas *Duncan Quinn*, em 2008, que reproduzia a imagem de uma mulher seminua, aparentemente morta, com uma gravata amarrada ao redor do seu pescoço, segurada por um homem. Disponível em: <http://madamepickwickartblog.com/wp-content/uploads/2011/03/quinn1.jpg> Acesso em 1º de maio de 2015.

Propaganda da marca *Sisley* que retratava duas mulheres aparentemente drogadas, “consumindo” um vestido em alusão ao consumo de cocaína. Disponível em: <http://adsoftheworld.com/sites/default/files/images/SISLEY-FASHION-JUNKIE-1.jpg> Acesso em 1º de maio de 2015.

Propaganda da marca *United Colors of Benetton*, em 2000, que mostrava a foto de um condenado à pena de morte como divulgação da campanha “We, On The Death Row” (nós, no corredor da morte). Disponível em: http://images.vogue.it/imgs/galleries/encyclo/fotografi/016483/adv-benetton-oliviero-toscani-we-on-death-row-3001245_0x420.jpg Acesso em 1º de maio de 2015.

QUEIROZ, David. [publicação sobre furto de picanha ocorrido na cidade de Brusque/SC]. **Facebook**. Disponível em: https://pt-br.facebook.com/permalink.php?story_fbid=1612713012300119&id=100006843075263&fref=nf Acesso em 1º de maio de 2015(a).

_____. Não fiz concurso para Batman!. **Empório do Direito**. Disponível em: <<http://emporiiododireito.com.br/nao-fiz-concurso-para-batman-por-david-queiroz/>> Acesso em 1º de maio de 2015(b).

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. As torcidas organizadas não são as (únicas) culpadas. **Galileu**. Disponível em <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI111936-17774,00-AS+TORCIDAS+ORGANIZADAS+NAO+SAO+AS+UNICAS+CULPADAS.html>>. Acessado em 16 de junho de 2015.

ROCHA, A. F. O. da. **Criminologia e mídia: sistema penal e organizações privadas de comunicação social em busca por poder simbólico**. Revista da AJURIS, Ano 37, n. 118, jun., 2010.

_____. **Criminologia Cultural: contribuições para o estudo do crime e controle da criminalidade no Brasil**. Revista de Estudos Criminais, Ano X, n. 45, pp. 45-60, abr./jun., 2012.

SAMPAIO, Paulo. ‘Ainda vou morrer famoso’, dizia jovem. **Folha de São Paulo**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2310200531.htm>>. Acesso em 16 de junho de 2015.

SANTOS, Tarcyanie Cajueiro. **Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas: paixão, rito e magia no futebol**. São Paulo: Annablume, 2004.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas Organizadas de Futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.

_____. Políticas da corporalidade: sociabilidade entre 1990-2010. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; et al. **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

Torcidas Organizadas da Bahia. **Organizadas Brasil**. Disponível em: <<http://www.organizadasbrasil.com/torcidas-organizadas-bahia>> Acesso em 6 de junho de 2015.

Torcidas Organizadas de Minas Gerais. **Organizadas Brasil**. Disponível em: <<http://www.organizadasbrasil.com/torcidas-organizadas-minas-gerais>> Acesso em 6 de junho de 2015.

Torcidas Organizadas de Pernambuco. **Organizadas Brasil**. Disponível em: <<http://www.organizadasbrasil.com/torcidas-organizadas-pernambuco>> Acesso em 6 de junho de 2015.

Torcidas Organizadas de Santa Catarina. **Organizadas Brasil**. Disponível em: <<http://www.organizadasbrasil.com/torcidas-organizadas-santa-catarina>> Acesso em 10 de junho de 2015.

Torcidas Organizadas do Ceará. **Organizadas Brasil**. Disponível em: <<http://www.organizadasbrasil.com/torcidas-organizadas-ceara>> Acesso em 6 de junho de 2015.

Torcidas Organizadas do Paraná. **Organizadas Brasil**. Disponível em: <<http://www.organizadasbrasil.com/torcidas-organizadas-parana>> Acesso em 6 de junho de 2015.

Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro. **Organizadas Brasil**. Disponível em: <<http://www.organizadasbrasil.com/torcidas-organizadas-rio-de-janeiro>> Acesso em 6 de junho de 2015.

Torcidas Organizadas do Rio Grande do Sul. **Organizadas Brasil**. Disponível em: <<http://www.organizadasbrasil.com/torcidas-organizadas-rio-grande-do-sul>> Acesso em 6 de junho de 2015.

TORCIDAS ORGANIZADAS. Direção: Rodrigo Astiz, Daniel Billio. Produção Executiva: Adriana Marques. Produtores: João Daniel Tikhomiroff, Michell Tikhomiroff, Hugo Janeba. Roteiro: Daniel Billio. Narração Edgard Poças. Discovery Channel. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2dQocOQuJ5o>>. Acesso em 23 de junho de 2015.

TORO, Camilo Aguilera. **O espectador como espetáculo: notícias das Torcidas Organizadas na Folha de S. Paulo (1970-2004)**. 2004. 145 f.. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

TSOUKALA, Anastassia. Administrar a violência nos estádios da Europa: quais racionalidades? In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; REIS, Heloisa Helena Baldy dos (Orgs). **Hooliganismo e Copa de 2014**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

VANEIGEM, Raoul. **The revolution of everyday life**. London: Rebel Press, 2001.

YOUNG, Jock. **The exclusive society**. London: Sage, 1999.

_____. **The vertigo of late modernity**. Los Angeles; London: SAGE, 2007.

ZAFFARONI, Eugenio Raúl. **Em busca das penas perdidas: a perda de legitimidade do sistema penal**. Tradução de: Vânia Romano Pedrosa & Almir Lopes da Conceição. Rio de Janeiro: Revan, 1991.